

**A MULHER IMIGRANTE BRASILEIRA NO CONTEXTO EDUCACIONAL
PORTUGUÊS: LIMITES E POSSIBILIDADES**

Rosane H. Bronzo V. Neves

Dissertação De Mestrado em Ciências da Educação

Setembro, 2012

**A MULHER IMIGRANTE BRASILEIRA NO CONTEXTO EDUCACIONAL PORTUGUÊS: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Rosane H. Bronzo V. Neves

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

Lisboa

Agosto 2012

Dedico este trabalho à memória de meu pai por fazer-me acreditar que a vida académica transforma e dá melhores oportunidades às pessoas. A memória de minha mãe que docemente ensinou-me a paciência e o amor. A memória de meu marido que sempre incentivou-me em todos os meus projectos de vida. A minha filha, amor maior que a cada olhar, a cada gesto de carinho dá sentido a minha vida.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus pela energia de amor, fé e coragem que aprendi a preservar e são meus esteios em todos os momentos da minha vida.

A minha filha pela confiança e referência depositadas em mim através dos laços de amor que sempre soubemos cultivar.

A minha querida amiga Inês Hofmann por apoiar-me e ajudar-me num momento onde a mudança e o recomeço de vida foram norteadores deste desafio.

Ao meu querido amigo Miguel, pessoa responsável pela minha trajectória neste país, sem ele eu não estaria aqui e nada disto seria possível.

A minha amiga-irmã Iana Mamede, incansável no que diz respeito a todos os momentos desta caminhada em Portugal. Anjo guardião, com você aprendi muito, trocamos muitas risadas e momentos de estudo que estarão para sempre na minha memória, obrigada!

Ao meu amigo Alê sempre disposto a ajudar lembrando de pessoas, textos, livros que pudessem contribuir para a minha investigação.

A minha amiga Darliane pela alegria contagiante, exemplo de força e determinação sempre.

A minha companheira de apartamento Joana Valente que durante este percurso académico sempre esteve disponível para ajudar nas compreensões dos textos, nas transcrições das entrevistas e nos assuntos da informática muitas vezes buscando caminhos mais simples para minha compreensão.

A minha colega de classe Eliana Veludo que gentilmente ajudou-me na árdua tarefa das correcções para o português de Portugal.¹

A querida Fabiana Capra por partilhar minha casa mesmo nos momentos de estudo, adaptando-se a minha ausência e ainda assumindo a casa proporcionando-me tranquilidade para estudar.

Ao querido Eric Rochereaudelasablière que gentilmente ajudou-me na tradução de alguns textos.

A todas às mulheres entrevistadas que dispuseram seu tempo e boa vontade compartilhando suas experiências para tornar este trabalho verdadeiro.

¹ Sendo de nacionalidade brasileira, o texto escrito foi produzido em Português do Brasil.

A minha professora e orientadora Doutora Maria do Carmo, sempre muito respeitosa com minhas diversidades, pelo seu equilíbrio nos meus momentos de preocupação e por todas as orientações pertinentes e necessárias.

Resumo

O objectivo deste estudo foi conhecer e analisar qual a importância que as mulheres imigrantes brasileiras residentes em Portugal atribuem à educação e acerca de sua inserção no contexto educacional português. O interesse por este tema responde à nossa vivência como estudantes imigrantes, à curiosidade em desvendar o universo da imigração passando pelas aspirações e pelos valores que cada pessoa traz consigo, assim como seus pensamentos e expectativas. Desejamos que esta investigação possa contribuir para que os olhares da educação portuguesa não restrinjam-se apenas aos filhos dos imigrantes, mas que envolvam também os pais, mais especificamente as mulheres, que ambicionam compartilhar e integrar-se na cultura de outro país. A investigação foi dividida em duas partes: a fundamentação teórica e o estudo empírico. A primeira parte da investigação esteve alicerçada num referencial bibliográfico voltado para os assuntos relacionados aos temas: mulher, imigração e educação. A segunda parte teve como foco uma metodologia fundamentada na abordagem qualitativa, mediante entrevistas semi-estruturadas com doze mulheres imigrantes brasileiras. Os critérios de amostra foram: estar morando em Portugal há no mínimo quatro anos e ter idade compreendida entre 20 e 49 anos. Como resultados, identificamos que o nível de escolaridade das mulheres ainda é baixo e aquelas que têm nível superior ainda não conseguiram dar continuidade aos estudos nem inserirem-se na nova comunidade. Para tanto essas mulheres demonstraram acreditar e apostar, apesar das dificuldades serem maiores que as possibilidades, que ter estudo ainda é um indicador de evolução, de *status* que possibilita o ser humano a tomar decisões certas e a trilhar novos caminhos com maior consciência e responsabilidade.

Palavras-chave: imigração, mulher e educação.

Abstract

This study's objective was to identify and analyse the importance that Brazilian female immigrants residing in Portugal give to education and to their insertion within the Portuguese educational system. Our interest in this subject is the result of our experience as immigrant students and of our curiosity in unraveling the reasons behind immigration through the aspirations, values, thoughts and expectations inherent to each individual. We hope that this research can contribute to prevent the Portuguese educational system from restricting its attention to said immigrants' children and instead have it include parents, especially women who are willing to share and integrate themselves within another country's culture, within its spectrum. The research was divided into two parts: theoretical and empirical studies. The first part was grounded in bibliographic references related to the following themes: women, immigration and education. The second part focused on a methodology based on a qualitative approach using semi-structured interviews with twelve female Brazilian immigrants. The criteria for participation were to have been living in Portugal for at least 4 years and be aged between 20 and 49. As a result we found that the education level of these women tends to be low and that those with higher credentials still do not manage to continue their studies or integrate themselves within their new community. For all these women who have shown belief and investment despite difficulties sometimes being greater than opportunities we believe that having a study is indicative of a change in *status* which will allow human beings to take the right decisions and to set forth on a new path with greater consciousness and responsibility.

Key words: Immigration, woman, education.

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice de Quadros.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo 1. Enquadramento Teórico - A Imigração, o Género e a Educação.....	4
1.1 Factores que determinam mudanças.....	4
1.2 Uma questão de género: Mudanças da mulher do Séc XX ao Séc XXI.....	12
1.2.1 A mulher sob a perspectiva de alguns autores.....	13
1.3 Educação, desafios e conquistas.....	16
1.3.1 Educação para todos – EFA.....	16
1.3.2 Educação e o seu papel na sociedade.....	18
Capítulo 2. Metodologia.....	21
2.1 Apresentação do estudo.....	21
2.2 Limitações.....	22
2.3 Participantes do estudo.....	23
2.4 Instrumentos e Procedimentos.....	26
Capítulo 3. Análise e Discussão dos Resultados.....	30
3.1 Questionário.....	30
3.1.1 Análise dos resultados do questionário.....	30
3.2 Entrevista semi-estruturada.....	30
3.2.1 Análise dos dados recolhidos:.....	31
3.3 Resultado comparativo entre os três grupos:.....	45

Capítulo 4. Considerações Finais	48
Bibliografia	51
ÍNDICE DE ANEXOS	55
ANEXO I: Questionário.....	55
ANEXO II: Guião da Entrevista	56
ANEXO III: Autorização para o uso de voz e imagem	58
ANEXO IV: Metas estabelecidas pelo Fórum Mundial de Dakar	59
ANEXO V: Relatório de acompanhamento das metas estabelecidas no Fórum Mundial em Dakar).....	60
ANEXO VI: Entrevistas Realizadas	61

Índice de Quadros

Quadro I: Amostragem do elevado crescimento de imigrantes em Portugal	8
Quadro II: Amostragem das áreas de maior concentração de imigrantes em Portugal	9
Quadro III: Diferentes papéis exercidos pela mulher na sociedade	14
Quadro IV: Apresentação geral das faixa-etárias das participantes	22
Quadro V: Mulheres entre 20 a 29 anos	23
Quadro VI: Mulheres entre 30 a 39 anos	23
Quadro VII: Mulheres entre 40 e 49 anos	24

INTRODUÇÃO

Actualmente é possível observar as transformações que a mulher do século XX tem vindo a sofrer e reconhecer que muitos direitos foram conquistados, já que as políticas educacionais estão voltadas para estas questões. No entanto este percurso ainda não está completo, pois tais políticas ainda chocam com a realidade do cotidiano destas mulheres que, embora concordem com a ideia de que a educação é o caminho para uma melhoria de vida, as questões laborais ainda são priorizadas em detrimento dos estudos.

O nosso estudo vem de encontro do que é afirmado pela Union Nations Educacional, Scientific and Cultural Organization - UNESCO quando ao criar o movimento Educação para Todos vem questionando que nas sociedades primitivas a educação consistia num processo sem solução de continuidade.

Com o passar dos anos temos presenciado avanços significativos através da UNESCO à medida que foram criadas metas e novos espaços para discussões sobre este tema. O seu objectivo maior foi o de desestabilizar quadros rígidos de valores discriminatórios pelos quais o contexto educacional tem sido vítima.

Em decorrência disto o processo educacional, por seu papel na formação humana, que inclui mecanismos de socialização, tem procurado recursos para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, a igualdade de género e o acesso à educação básica.

O nosso trabalho tem como objectivo realizar um estudo qualitativo referente aos temas: a imigração, o género e a educação. Procuramos enfatizar a igualdade de género com o intuito de compreendermos se pode ou como pode a educação interferir para beneficiar a vida de mulheres imigrantes. Analisamos a importância que as mulheres imigrantes brasileiras residentes em Portugal atribuem à educação em outro país e acerca de como se dá a sua inserção no contexto educacional português.

Baseamo-nos assim o estudo da mulher de forma crescente, desde o momento das decisões que a fizeram migrar até à sua chegada a Portugal procurando compreender suas aspirações no campo educacional, profissional e como pessoa activa na sociedade.

Dada a escassez bibliográfica relacionada ao nosso estudo, os temas referidos acima foram trabalhados de forma estanque, pelo que podemos comparar nosso trabalho a uma colcha

de retalhos onde cada pedacinho foi de grande importância para aos poucos tecermos um fio narrativo completo de conceitos e reflexões até chegarmos aos resultados finais.

O interesse por este tema responde à nossa vivência como estudante imigrante, à curiosidade em desvendar o universo da imigração passando pelas aspirações e pelos valores que cada pessoa traz consigo, assim como seus pensamentos e expectativas. Para além disto as aulas de Multiculturalismo do Curso de Mestrado em Ciências da Educação ministrado pela Professora Maria do Carmo confirmaram cada vez mais o desejo de mergulhar neste tema, já que as discussões, os debates e os trabalhos propostos pela professora em sala de aula determinaram uma crescente vontade em ler e compreender mais esse universo migração-educação.

Nossa finalidade é que esta investigação possa contribuir para que haja uma discussão por meio das políticas educacionais e que as escolas possam desenvolver um projecto que leve os pais às escolas, que as políticas educacionais assim como os profissionais tenham olhares para a educação portuguesa que não restrinjam-se apenas aos filhos dos imigrantes, mas que envolvam também os pais, mais especificamente as mulheres, que ambicionam compartilhar e integrar-se na cultura de outro país.

No intuito de compreender quais as situações que impedem ou não o acesso à educação das mesmas, factores estes que acreditamos serem essenciais para a integração das mulheres na sociedade, questionamo-nos:

Investigar em que medida a educação tem importância relevante na vida dessas mulheres e quais são as possibilidades e dificuldades encontradas para que elas possam dar continuidade aos estudos constituem o fulcro do nosso trabalho.

Como consequência, o nosso Objectivo Geral foi:

Saber que factores tornam possível ou não a inserção da mulher brasileira no contexto educativo português.

Como Objectivos Específicos definimos:

- Compreender quais as razões que deram origem às decisões de migrar.
- Saber qual o nível de escolaridade das mulheres imigrantes.
- Saber se existe no ato de migrar algum planeamento voltado para a continuidade dos estudos.

- Desvelar qual a visão da educação na vida das mulheres.
- Averiguar qual a importância que lhe atribuem nas suas vidas.
- Conhecer os limites e as possibilidades dessas mulheres estudarem ou não.

Palavras-chave: Imigração, mulher, educação.

Em conformidade com a escolha dos nossos objectivos, faremos um breve esboço do caminho que fizemos para responder às nossas questões:

No capítulo I trabalhamos as construções teóricas em torno dos pensamentos de alguns autores acerca das temáticas da imigração, da mulher e da educação procurando conhecer e esclarecer as interligações entre esta tríade.

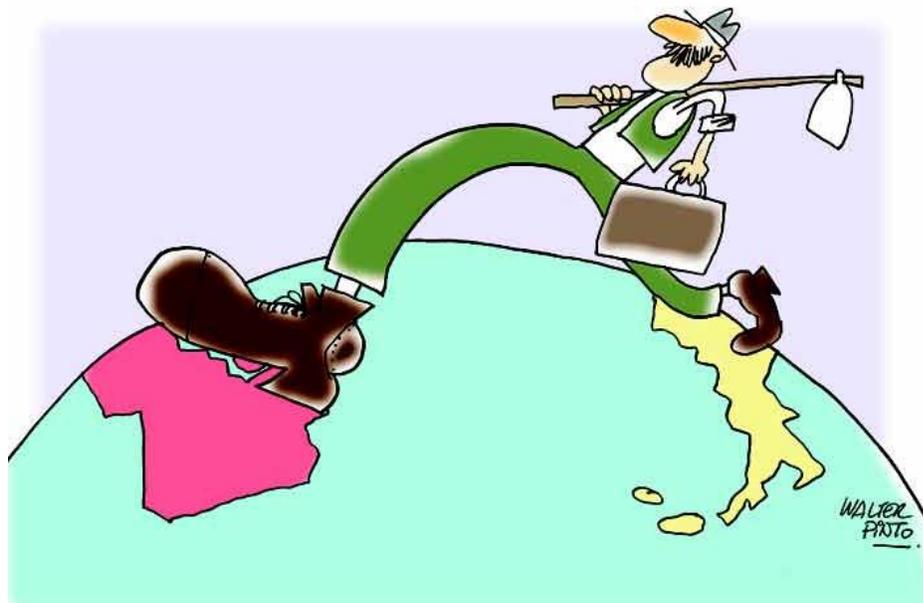
No capítulo II procedemos nas situações referentes às orientações metodológicas, em consonância com os pressupostos teóricos do nosso estudo qualitativo. Explicitaremos quais os participantes, os instrumentos e procedimentos que foram utilizados para a recolha de dados e quais as limitações que encontramos no decurso deste trabalho.

No capítulo III trabalhamos a forma como se desenvolveu a análise dos dados recolhidos, que por sua vez está dividido em duas partes. Na primeira parte analisamos o questionário, com o olhar inclinado às questões objectivas, que teve como finalidade complementar as respostas das nossas entrevistas. Na segunda parte debruçamo-nos sobre o discurso oriundo das entrevistadas com o intuito de captar os sentidos conferidos a cada uma das respostas. Ainda neste segundo momento finalizaremos, mediante comparação dos dados mais relevantes dos três grupos, a fim de visualizarmos as impressões de cada um deles.

No final do texto apresentamos as nossas considerações finais com a intenção de ampliar a reflexão concernente às problemáticas geradas pela temática abordada.

Capítulo 1. Enquadramento Teórico - A Imigração, o Género e a Educação

1.1 Factores que determinam mudanças



Para conectarmo-nos aos primeiros fios interrogativos desta pesquisa procurámos compreender alguns conceitos acerca do tema da imigração e quais os elementos que estão relacionados com as decisões de migrar.

No sentido denotativo, os termos *migração*, *emigração* e *imigração* estão definidos do seguinte modo:

- **Migração** – do latim *migratio* S.F. 1- Passagem de um país para outro. 2- Viagens periódicas ou irregulares, feitas por certas espécies de animais. Ferreira, 1997, p. 923).
- **Imigração** – S.F. Acto de imigrar. (Antónimo – emigração) (idem, p. 744).
- **Emigração** – do lat. *Emigratio* S.F. 1- Acto de emigrar; migração 2- conjunto de pessoas que emigram. 3- Mudança voluntária de país, expatriação. 4- Mudança periódica de certos animais de uma região para outra; migração. (Antónimo – imigração) (idem, p.511).

Em geral, o termo “migração” foi estritamente aplicado para definir a mobilidade geográfica das pessoas que se deslocam quer de forma individual quer em pequenos grupos ou ainda em grandes massas. (Grinberg & Grinberg, 1996, p. 31)

Para além da definição destes conceitos é pertinente referir que após o período das viagens de Cristóvão Colombo um fluxo de mais de sessenta milhões de europeus transpunham outros continentes por diversas causas, nomeadamente as guerras, as epidemias, as misérias coligadas à ideia de levar pessoas às terras não muito habitadas. (Grinberg & Grinberg, 1996)

Desde sempre se realizam trocas e mudanças, trata-se de um movimento constante dos povos e que faz parte do direito de escolha das pessoas.

A questão da imigração há muito que se tornou polémica justamente por conter a preocupação das condições em que ocorrem esses processos migratórios: se de um modo livre, exercendo o direito de escolha, ou se de um modo forçado (compulsivo), consequência dos interesses políticos e económicos, considerados desumanos, que visam sempre o capital, sendo algumas vezes nacional e outras estrangeiro, marcando cada vez mais esse abismo existente entre o mundo da riqueza e o mundo da pobreza (Valim, 1996).

Além do aspecto supracitado outro analisado são as teorias económicas sobre a imigração, já que as razões económicas também justificam as decisões de migrar (Grinberg & Grinberg, 1996).

Ainda sob o ponto de vista económico Todaro (1970) considera que os movimentos migratórios são causados não só por desigualdades salariais entre duas regiões, mas, também, desigualdades nas taxas de emprego. Na visão do autor deverá pelo menos uma destas diferenças acontecer para que a decisão de migrar ocorra.

Segundo Lee (1966), o fenómeno da migração sempre estará comprometido com a existência de um lugar de origem, um lugar de destino e muitos obstáculos intervenientes. Dentro da concepção básica do sistema migratório, qualquer lugar apresentaria, na visão do migrante, factores positivos capazes de atraí-los e factores negativos capazes de expulsá-los.

Na decisão de migrar é necessário vencer a apatia natural decorrente de uma série de dúvidas pela qual o indivíduo passa antes da escolha da migração. Um dos pontos determinantes

consiste em que esse deslocamento seja significativo². Outras questões fundamentais são as possibilidades de estabelecimento de contactos sociais, a facilidade gerada pelos acordos internacionais (legislação voltada ao imigrante), e a orientação transmitida pelos sistemas de informação que conduzem e ajudam o migrante na sua chegada.

Lee (1996) sinaliza ainda que as migrações têm também um carácter selectivo, assinalando que os obstáculos intervenientes, já enunciados anteriormente, contribuiriam para a decisão de migrar. Ainda assim destaca também que a migração tende a acontecer em certas etapas do ciclo de vida de uma pessoa.

De igual modo na concepção de Grinberg & Grinberg (1996), em todas as fases da vida as migrações têm impactos bastante diferenciados, podendo ser positivos ou negativos, e isso dependerá das circunstâncias em que elas acontecem.

Não entraremos nas especificidades relativas a este assunto, mas julgamos pertinentes estas observações, apenas para que tomemos conhecimento que estas circunstâncias estão directamente relacionadas com o êxito ou não da decisão de mudança.

A família também desempenha um papel fundamental nas deslocações, pois quando estas se relacionam de forma consensual, ou seja, quando todos os membros da família concordam com a decisão de migrar o efeito desse acto torna-se positivo. Contudo, numa situação contrária, o acto de migrar passa a ter uma atitude arbitrária perante os seus membros, ou seja, ela utiliza-se do poder para com os membros da família que não têm outra opção de escolha (Grinberg & Grinberg, 1996).

Portugal foi um país predominantemente emigratório entre os anos de 1965 e 1973 por questões económicas. No entanto, a partir de 1974, mais precisamente após o 25 de Abril, conhecido como a Revolução dos Cravos, houve uma inversão no movimento, passando assim a ser um país predominantemente de imigração. Até há bem pouco tempo Portugal era considerado destino de muitos imigrantes que chegavam com o objectivo de obter uma vida com mais conforto.

No caso da imigração brasileira, temos dois momentos significativos. O primeiro deu-se na década de 1980 e compunha-se de um fluxo imigratório específico por se tratar de imigrantes

² Entenda-se por significativo as circunstâncias de melhoria da qualidade de vida.

com qualificação e, portanto, em número restrito. Num segundo momento na década de 1990, esse perfil dá lugar a um fluxo imigratório de mão-de-obra sem qualificação e portanto predispostos a qualquer tipo de trabalho e com o objectivo exclusivo de poupar dinheiro para, posteriormente, enviá-lo para o seu país de origem.

De acordo com o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2009), até 1980 a imigração não superava os 50.000 residentes estrangeiros. Em 2009 Portugal registou 451.42 imigrantes, destes cerca de 25% são brasileiros, ou seja 116.220, sendo 64.159 do sexo feminino.

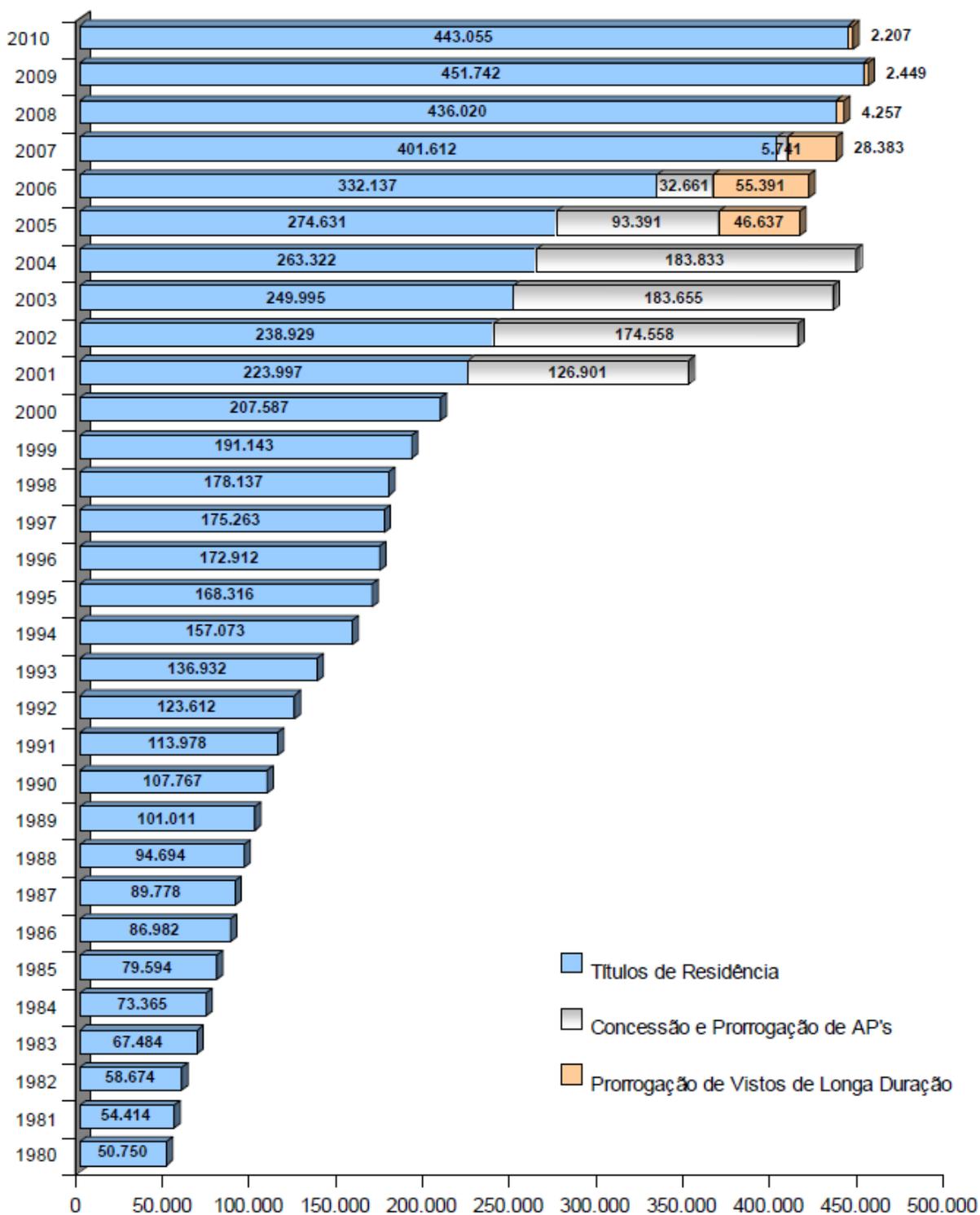
O fenómeno da imigração brasileira em Portugal pode ser explicado através de alguns elementos que justificam o porquê dessa escolha. Assim, segundo Vianna (2003), alguns desses factores seriam: a existência de acordos bilaterais entre os Estados português e brasileiro; a possibilidade de requerer a nacionalidade portuguesa mediante comprovação de laços de descendência; os laços históricos entre os países; a facilidade da língua; a proximidade cultural e a realização de investimentos económicos expressivos de empresas brasileiras em Portugal. Tais factores são considerados relevantes e atractivos no momento de escolher o país de imigração.

O processo imigratório que chegou a Portugal fez com que o aumento de estrangeiros gerasse medidas emergenciais que respondessem a este novo contexto.

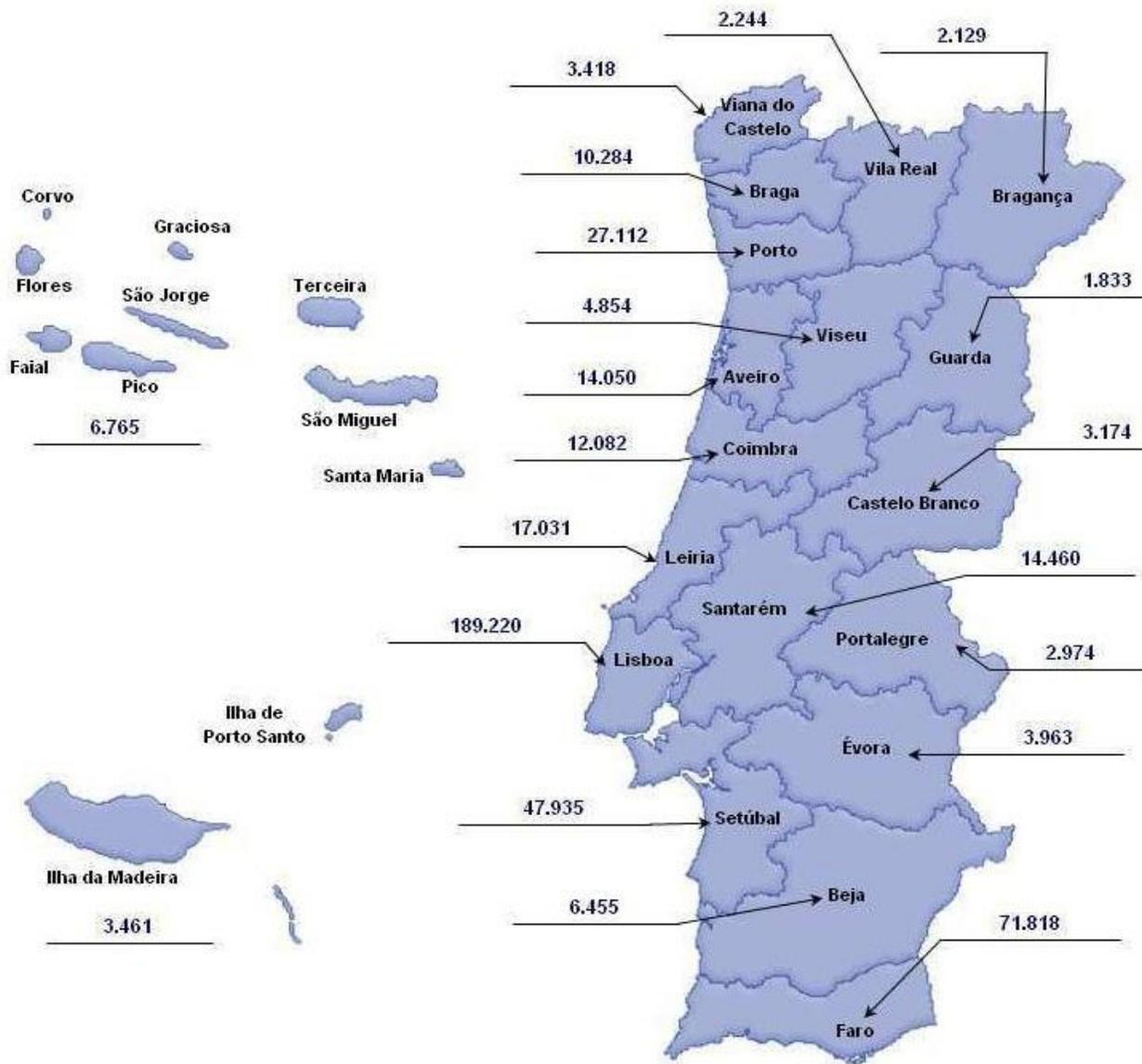
Acreditamos ser pertinente fazer uma amostragem ilustrativa da situação deste processo imigratório em Portugal e para isto disponibilizamos dois quadros.

O quadro I faz uma representação do elevado número de pessoas que migraram do ano de 1980 ao ano de 2010 o que vem a exemplificar esse índice elevado da imigração em Portugal. Outro factor interessante neste quadro é a concentração desta população nas áreas do litoral coincidindo com as áreas de maior concentração das actividades económicas nacionais. Desta forma o Brasil representa um número elevado da comunidade estrangeira residente em Portugal, mantendo assim um crescimento significativo.

Ano



QUADRO 1: Amostragem do elevado crescimento de Imigração estrangeira em Portugal.
 Dados do Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2010 (p. 18) - <http://sefstat.sef.pt/relatorios.aspx>



QUADRO 2: Distribuição geográfica da população estrangeira, por Distrito em Portugal
 Dados do Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2010 (p. 19) - <http://sefstat.sef.pt/relatorios.aspx>

Tanto o quadro I como o quadro II caracterizam situações bastante representativas e pontuais do cenário imigratório em Portugal. Dados recentes informam que o Brasil representa, actualmente, cerca de 25% da comunidade estrangeira residente em Portugal, de modo a manter-se em crescimento contínuo e substancial.

O fenómeno imigratório, no sentido laboral, confronta-se com uma dualidade constante entre o foco utilitarista e o foco humanista. O primeiro é o interesse por parte de quem migra para

usufruir de alguma estrutura, seja através do trabalho ou da melhoria de vida. O segundo é por parte de quem recebe em usufruir da mão-de-obra de quem chega, sem sequer proporcionar as condições mínimas e necessárias para a sobrevivência dos imigrantes no país de acolhimento.

Este panorama encaminha uma ponte entre a realidade que vive o imigrante e a possível solução para essa realidade. O que vai determinar toda e qualquer medida de acolhimento dependerá desse foco humano e as plataformas de acolhimento têm feito um esforço para serem construídas fundamentando-se em princípios humanistas (Marques, 2005).

Tais princípios baseiam-se nos problemas que os imigrantes enfrentam e particularmente na dificuldade em encontrar o seu lugar. De acordo com Grinberg & Grinberg (1996), inserir-se num grupo novo é reconhecer a grande dificuldade em integrar-se, pois abdicar do que lhe pertence representa um conflito constante entre o que se deixou para trás e o que é necessário aprender.

Seguindo este raciocínio a educação multicultural corrobora por, segundo Silva (2008), enfatizar a igualdade de oportunidades, fazer com que o cidadão exerça o seu direito de escolha, resguarde a sua identidade e conquiste o poder político.

Assim, o imigrante mantém um esforço pela auto-preservação e pela sua identidade, necessita amparar-se em tudo aquilo que o remete ao que deixou e a tudo o que era seu para sentir-se dentro de si mesmo. O facto de estar longe e o medo do novo fazem com que o imigrante questione-se repetidas vezes sobre o porquê de estar naquele local e se o que está a fazer encerra positivamente as suas expectativas de ter imigrado.

Silva (2008) acredita que há uma interferência pontual da própria identidade, pois a identidade define em primeira instância aquilo que se é, quando o indivíduo afirma sua condição, ser brasileiro, ser cigano ou ser índio, sua referência está em si mesmo. Em contrapartida a diferença é o que o outro é: ela é brasileira, ela é cigana ou ela é indiana. Isto revela-nos que a identidade e a diferença compartilham na mesma sintonia por um vínculo de dependência.

Ainda assim, a integração do imigrante nesta nova sociedade passa por uma difícil adaptação relacionada com o contexto cultural, social, económico e político.

A partir da constatação de que a imigração é um facto incontornável e que está presente em quase todas as sociedades, em Novembro de 2002 foi criado o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) que transformou um cargo unipessoal (Alto Comissário

para a Imigração) numa estrutura interdepartamental de apoio e consulta do governo em matérias de imigração e minorias étnicas, na dependência da Presidência do Conselho de Ministros. É-lhe atribuída como missão³ “promover a integração dos imigrantes e minorias étnicas na sociedade portuguesa, assegurar a participação e a colaboração das sociedades e instituições de solidariedade social na definição das políticas de integração social e de combate à exclusão, assim como acompanhar a aplicação dos instrumentos legais de prevenção e proibição das discriminações no exercício de direitos por motivos baseados na raça, cor, nacionalidade ou origem étnica”.

No que respeita ao Acolhimento e Integração dos Imigrantes foram definidas, no Relatório de actividades do alto comissariado para a imigração e minorias étnicas (2002/2005)⁴, as grandes linhas de acção, que o ACIME se propôs, no quadro de um “Estado de Direito de rosto humano”, atender relacionadas com a vida do imigrante:

- Assegurar o real exercício da igualdade de direitos e de deveres dos cidadãos estrangeiros em Portugal, conforme consagrado na Constituição e nas Leis referentes a Estrangeiros;
- Combater todas as formas de discriminação étnico-racial ou expressão de xenofobia, nomeadamente nos domínios do trabalho, da saúde, da educação e da cidadania;
- Promover o ensino da Língua e Cultura Portuguesa aos imigrantes, particularmente, aos de origem não-lusófona, de forma a tornar a integração mais fácil;
- Sensibilizar a opinião pública para a tolerância e a diversidade enquanto valores civilizacionais estruturantes da sociedade portuguesa, através de acções nos domínios sociais, culturais, artísticos e desportivos.

O principal objectivo desta plataforma é fazer com que as práticas tornem-se efectivas a começar pelos pequenos núcleos sociais como os bairros e as comunidades, fazendo com que as mesmas sejam incorporadas gradualmente às sociedades. Espera-se que o fenómeno da imigração seja integrado na vida das pessoas de forma natural, contudo isto dependerá de um esforço mútuo da parte de quem imigra e de quem acolhe.

³ Retirado do Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2010) - <http://www.acidi.gov.pt/acidi-i-p/competencias>

⁴ Disponível em: <http://acidi.gov.pt.s3.amazonaws.com/docs/Publicacoes/Relatorio%20Actividades/1Capitulo.pdf>

Quem imigra precisa estar aberto à aprendizagem de uma nova cultura, estar receptivo a um novo saber, ser curioso, ter um olhar de gratidão diante da oportunidade de poder compartilhar uma outra cultura. Por outro lado quem recebe também deve estar preparado para viver esta experiência, visto que muitas situações de constrangimento decorrem deste primeiro contacto.

Tal como temos vindo a mencionar ao longo deste capítulo, até ao momento muitas são as circunstâncias pelas quais as pessoas migram e são elas que definirão se as situações futuras poderão ser indeléveis ou efémeras. A migração é caracterizada como um longo processo comparável ao da língua materna, o tempo passa, mas o sotaque nunca se perderá.

1.2 Uma questão de género: Mudanças da mulher do Séc XX ao Séc XXI

O percurso histórico da mulher tem-se caracterizado por consideráveis mudanças através do seu esforço para enfrentar desafios e estar sempre pronta para novas conquistas. Consideramos, por isto, pertinente relatar que, ao nível mundial, algumas passagens foram representativas e responsáveis por muitas transformações nas sociedades entre o Séc XX e Séc XXI.

A Europa do Séc XIII mereceu nossa atenção por ter presenciado a concretização do movimento feminista; movimento este de cunho social que defendeu a igualdade de direitos e o *status* entre homens e mulheres. Já no Séc XX, 1910, foi outorgado o dia internacional da mulher Socialista.⁵

A Revolução Francesa do Séc XX também foi palco de muitas mulheres por ter registado e instaurado o casamento civil e o divórcio. Ao adoptarem esta conduta em ocasião da primeira guerra mundial no Séc XX, 1914-1918, uma grande maioria de mulheres combateram ao lado dos homens sob o pretexto de se nivelarem pelos mesmos direitos. Todavia após o término da guerra toda a postura conservadora e machista ocuparam novamente o seu espaço. Em 1928 o Parlamento inglês reconheceu o direito ao voto e equiparou-as às condições masculinas.

⁵ Em homenagem a cento e trinta mulheres que foram queimadas em uma fábrica de Nova Iorque, Séc XIX no ano de 1857, por lutarem por seus direitos como trabalhadoras.

No ano de 1975 a ONU designou-o o Ano Internacional da Mulher e em 1977 foi criado o Dia Internacional da Mulher, que se comemora a 8 de Março, lembrando conquistas sociais, políticas, económicas e de género (Nascimento, 2009). Partindo desta óptica histórica podemos analisar que a mulher do século XX, segundo Alves (2003), construiu sua vida pública a partir deste século, caracterizando-se por profundas transformações nos diferentes papéis desempenhados e passou a assumir o poder na maioria das esferas da sua vida; todavia armazenou o peso de muitas implicações e responsabilidades.

1.2.1 A mulher sob a perspectiva de alguns autores

O homem desde sempre foi considerado o dominador, prevalecendo-se da força física para dominar o planeta onde os mais fortes sempre dominaram os mais fracos. A função da mulher esteve por muito tempo restrita ao ato de procriar e desta forma submeteu-se a uma atitude de passividade perante o homem (Mallard, 2008).

Essa postura gerou o que podemos chamar de dependência e submissão estando sob o controlo de uma cultura patriarcal. Foi uma era difícil onde os próprios filósofos e teólogos apregoaram a responsabilidade da mulher por todas as mazelas da humanidade. Tiveram a sua sexualidade vigiada sem permissão para sair de casa e sem ter o direito a estudar.

A partir dos anos 1970 desencadeou-se a evolução da mulher no mercado de trabalho e neste momento o papel de mulher submissa, frágil e sonhadora dá espaço a uma nova consciência de seus direitos sociais até então renegados (Mallard, 2008).

A identidade da mulher vem-se construindo, de entre outros factores, através da ressignificação da sua identidade social, agora enquanto ser humano de direito, implicando desse modo na sua liberdade. Touraine (2006) corrobora esta ideia ao explicitar que:

A libertação das mulheres não estaria completa se não as libertasse de toda a referência à sua existência própria, à sua natureza ou à sua psicologia. A construção de si pelas mulheres baseia-se naquilo que resiste à sua identidade social, isto é, numa natureza que não se reduz a uma cultura ou a uma organização social (p. 58).

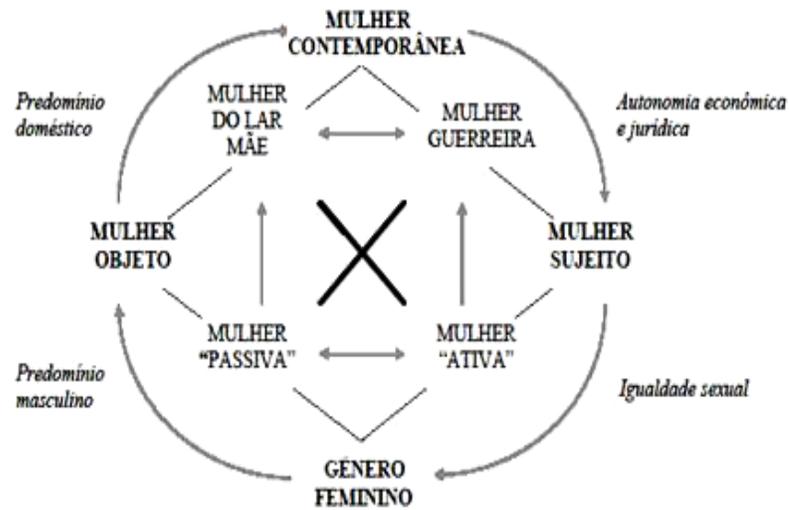
Por outro lado, diante desta liberdade adquirida, a mulher passa a adotar o poder em vários segmentos da sua vida, através do trabalho, em casa, na sociedade, na procura da felicidade, preocupando-se ainda com as suas funções maternas e em não perder a sua feminilidade. É o começo de uma nova era, onde esta mulher encontra-se inserida num novo contexto social paralelo ao contexto profissional (Mallard, 2008).

Contudo todo esse processo sofreu adequação de ambas as partes, do feminino e do masculino, e fez com que o homem incorporasse a aceitação, a entrega de poder e a tomada de consciência de que as tarefas de casa e dos filhos precisariam ser divididas ou até mesmo em muitos casos assumidas integralmente pelo homem (Mallard, 2008).

Por outro lado, as conquistas das mulheres também sofreram algumas armadilhas. Segundo Priori, (1997) o Relatório das Revoluções Femininas do Séc. XX mostra ambiguidade concernente ao que referimos acima. Em alguns campos como: a aparência, a sexualidade, o trabalho e a família os benefícios foram muitos, mas em contrapartida trouxe grandes frustrações para as mulheres. O jugo da imperfeição física empurrou-as não para a busca de uma identidade, mas principalmente para uma identificação com os média. A liberação sexual encontrou o caminho da Sida e a profissionalização a independência agregada ao stress e à exaustão, onde as relações familiares sofreram rupturas e os filhos foram as grandes vítimas.

Embora muito se tenha realizado na tentativa de obter uma maior autonomia, equidade, conquista pelos valores femininos, procura por um espaço profissional, por qualificação, o poder continua nas mãos do sexo masculino, concluindo-se que a luta contra a discriminação de género constitui ainda um grande desafio para futuras gerações.

O quadro abaixo vem ilustrar os muitos papéis desempenhados pela mulher numa sociedade ainda machista e vestida de muitos “pré”- conceitos.



QUADRO III: Representação visual da categoria mulher do lar/mãe – mulher guerreira Revista Interamericana de Comunicação Mediática Jean-Charles J. Zozzoli

1.3 Educação, desafios e conquistas

(...) o desenvolvimento consiste na remoção dos vários tipos de restrições que limitam as oportunidades das pessoas, que procuram essencialmente viver bem e por muito tempo. As realizações ao alcance de cada um dependem das oportunidades econômicas, das liberdades políticas, dos poderes sociais, da boa saúde, da educação básica, e dos incentivos e estímulos às suas iniciativas

Amartya Sen

Admite-se que, nas sociedades primitivas, a educação consistia num processo sem solução de continuidade que, iniciado no núcleo da família, dava prosseguimento nas actividades exercidas pelo grupo social.

Segundo Daniel (2003), à educação para todos foi desejada em épocas e formas diferentes. “ No Japão a modernização começou em 1867, com a época Meiji, tendo em vista a construção de um país rico e de um exército forte. Assim, a educação era considerada um meio importante para atingir esses objectivos. Em 1872 foi aprovada uma lei de educação “cujo objectivo principal era assegurar a educação para todas as pessoas, independentemente do género e situação social, para que toda a população pudesse conquistar igualmente a felicidade e a prosperidade”. Em Massachusetts, nos Estados Unidos, a primeira lei sobre frequência escolar obrigatória foi aprovada em 1852. Na Inglaterra a educação se tornou obrigatória em 1880 e gratuita na França em 1881.

Dessa forma, as leis voltadas à educação para todos não é algo recente, mas algo que vem sendo pensado e posto em prática ao longo dos anos. Assim, todos os pontos acima mencionados mostram os progressos realizados relativos à Educação para Todos. No entanto é de lembrar que alcançar essa meta não cabe apenas aos países em desenvolvimento.

1.3.1 Educação para todos – EFA

A característica inovadora desta instituição, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO -, é a preocupação com o presente e o futuro da educação. Criada em 1945 (após a II Guerra Mundial) tem por objectivo primeiro contribuir para a paz e a

segurança mundial, incentivando a colaboração entre as nações a partir da educação, cultura, ciência e comunicação.

Neste contexto, a UNESCO cria um movimento chamado Educação para Todos – EFA - que tem como objectivo e compromisso oferecer educação básica de qualidade para crianças, jovens e adultos. Esse objectivo foi reiterado em 1990, na Conferência Mundial sobre Educação para Todos em Jomtien, Tailândia. Desse encontro foi aprovada a Declaração Mundial sobre a Educação para Todos⁶.

Primou-se nesse documento “a expansão do enfoque” no sentido de ampliar recursos, estruturas institucionais, parcerias. Assim, esse enfoque procura especificamente:

- Universalizar o acesso à educação e promover equidade (Artigo 3º);
- Concentrar mais atenção na aprendizagem (Artigo 4º);
- Ampliar os meios de e o raio de acção da educação básica (Artigo 5º);
- Propiciar um ambiente adequado à aprendizagem (Artigo 6º).

Procura-se desta forma, como o próprio título do documento diz, “a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem”, para as quais precisamos de estratégias voltadas à busca de parcerias, aprimoramento das estruturas físicas, reflexões acerca das especificidades de cada povo tendo em vista necessidades específicas, consciência do tipo de educação que consideramos de qualidade e das acções necessárias para atingi-la, dentre outras.

Em 2000 aconteceu, em Dakar, o Fórum Mundial de Educação o qual objectivava reafirmar o compromisso firmado em Jomtien (1990), no entanto vale ressaltar que o progresso foi desanimador, pois as metas propostas não foram atingidas, sendo assim necessário a fixação de novas metas, elaboração de estratégias e mecanismos de acompanhamento. No anexo IV apresentamos as referidas estratégias e mecanismos de acompanhamento (ver Anexo IV).

No decorrer da última década, ou seja, desde o Fórum Mundial de Educação em Dakar no ano 2000, muitos avanços puderam ser constatados, no entanto muito ainda temos que conquistar.

⁶ Documento disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>

Sabemos que a crise financeira está a comprometer os progressos da educação, dessa forma o EFA - Global Monitoring Report, chamado “Reaching the marginalizing 2010, mostra o Relatório de acompanhamento das metas estabelecidas no Fórum de Dakar (ver Anexo V).

A Educação para Todos - EFA (UNESCO) - vem ao encontro do que expusemos acima, na perspectiva de almejar um mundo melhor a partir de estratégias e monitoramentos para a tomada de consciência dos desafios e progressos que vêm sendo realizados para o alcance das metas propostas.

Tendo em vista a educação ser o ponto de partida para tantas mudanças, a Educação para Todos – EFA -, vem demonstrando avanços significativos; no entanto ainda há muito a cumprir para que consigamos atingir as metas propostas para 2015.

1.3.2 Educação e o seu papel na sociedade.

Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que pensa, em que se cria, em que se fala, em que se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim a vida.

Paulo Freire

De uma forma geral podemos falar que a educação tem como responsabilidade transmitir ao indivíduo conhecimentos e comportamentos que lhe dêem possibilidades de integrar-se numa sociedade.

Desde cedo é tarefa da escola mostrar, através de atitudes e de palavras, a relevância de certos fundamentos básicos da convivência social tais como: o respeito, a conduta ética e o conhecimento de seus direitos e deveres. Desta forma o aluno tem a oportunidade de participar num pequeno grupo social mais complexo do que o grupo familiar, sendo assim o começo de todo um processo de vida dentro de uma educação formalizada.

Segundo Freire (1987), a pedagogia deveria ser elaborada para o sujeito e a partir deste, pois dentro de seus princípios educacionais a prática da liberdade realiza-se através da transmissão de conhecimentos em que o indivíduo torna-se o protagonista da sua própria estória.

Quando a palavra é verdadeiramente aprendida ela é capaz de transformar e libertar o ser humano de tudo aquilo que o oprime e impossibilita de crescer.

Além disso, parece-nos primordial que o aluno seja incentivado a desenvolver progressivamente suas aptidões para certas actividades, que seja estimulado para ter curiosidade científica, para pesquisar e para que ele tenha oportunidade de escolher no futuro uma profissão que o realize, de modo a poder actuar no mundo dentro dos princípios da cidadania.

Desta forma, a escola estaria a prestar o seu papel na formação de verdadeiros cidadãos capacitados para o convívio harmonioso com a comunidade e ensinando a sua participação de modo efectivo no desempenho da sua profissão.

Hoje, os países desenvolvidos têm a noção de que o tema educação carece de ser tratado como algo espontâneo e natural, tendo em vista a formação integral do ser humano. Ela liberta-nos de preconceitos e alarga os nossos conhecimentos sobre o mundo, fazendo-nos ver além das nossas fronteiras, já que a educação é universal (Martins e Duarte, 2010).

A educação é primordial para o acesso à cidadania e com isso a oportunidade de uma vida mais digna. Sem conhecimento as oportunidades individuais e habilidades para agir com liberdade, autonomia e independência tornam-se consideravelmente reduzidas.

É importante ressaltar que o papel da educação não está restrito somente às aprendizagens escolares, mas traz também a possibilidade de ascensão social e conseqüentemente à melhoria de vida.

Além disto a educação exerce um papel fundamental na estrutura das sociedades e no desenvolvimento económico, pois a partir do momento em que temos uma população consciente, esta contribuirá para construir sistemas políticos mais igualitários, respeitar o meio ambiente, promover uma qualidade de vida melhor para si e seus familiares, ampliar o conhecimento do mundo respeitando as diferenças, dentre outros.

Embora muitas questões ainda dificultem o progresso da educação e o avanço dos procedimentos de interacção entre as sociedades e os indivíduos, nomeadamente as causas são atribuídas às desigualdades sociais, disparidades de género, analfabetismo funcional, diferenças étnicas e linguísticas, crise financeira e inclusive pela própria questão geográfica e territorial, há muitas iniciativas e políticas voltadas à educação para todos (Freire, 2000).

Desta forma torna-se necessário qualificar os profissionais da educação, fortalecer o ambiente de aprendizagem, buscar meios para aumentar a qualidade da educação, tornar a educação acessível a todos (inclusive aos grupos minoritários), promover investimentos financeiros e pôr em prática as leis e políticas educacionais que visam o acesso mais igualitário e equitativo à educação. Desse modo tornar-se-á mais atractivo às pessoas dar continuidade aos seus estudos.

Capítulo 2. Metodologia

2.1 Apresentação do estudo

O nosso objectivo foi conhecer e analisar as histórias de vida de mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa, através da recolha de dados fornecidos por cada uma das entrevistadas participantes nesta investigação. Assim foi possível conhecer as suas histórias e realizar uma análise minuciosa do discurso através da compreensão da eventual existência do interesse por parte das mesmas em inserirem-se no contexto educacional português.

Para melhor conhecermos tais situações optámos inicialmente por compreender a realidade das mulheres procurando reunir num método eficaz um maior número de informações que sustentassem a nossa investigação.

Decidimos, com base na leitura bibliográfica, que a recolha de dados seria realizada através de uma entrevista semi-estruturada, pois em conformidade com as reflexões de alguns autores observamos as vantagens desta modalidade.

Fundamentamo-nos assim na ideia de Triviños (1987), ao afirmar que a entrevista semi-estruturada tem como características questões básicas que se relacionam com o tema da pesquisa. Manzini (2003) também compactua com a mesma ideia afirmando que, quando as perguntas são elaboradas a partir de um roteiro, é possível um planeamento do procedimento da recolha de informações que responda aos objectivos pretendidos.

Quanto à escolha do método qualitativo ou quantitativo, constatamos existir uma polémica na área das ciências humanas no afã de descobrir com que método se obtêm os melhores resultados. Existem pesquisas radicais sobre a eficácia do estudo qualitativo, no entanto por outro lado, outros defendem o estudo quantitativo por acreditarem ser mais seguro já que são tratados resultados numéricos (Matos e Vieira, 2001).

Perante estes argumentos pareceu-nos que, no nosso caso, seria pertinente optarmos pelo estudo qualitativo, tipo estudo de caso, pois consideramos ser um método bastante eficiente para captar dimensões subjectivas por se tratar de um método que evidencia o carácter humano.

No que diz respeito particularmente ao estudo de caso, vale a pena ressaltar que o nosso objecto deste estudo está inserido num contexto de vida real, nomeadamente em etapas de vida individuais e desta forma esta metodologia adaptou-se perfeitamente ao que pretendíamos desempenhando um papel estratégico para pormenorizarmos os acontecimentos (Yin, 2001).

Portanto com base nesta metodologia foi-nos possível adquirir um conhecimento mais amplo e realista desta problemática educacional, embora existam ainda pequenas lacunas no que concerne à compreensão deste tema. Partimos do pressuposto de que a opção da utilização desta metodologia procurou identificar e caracterizar, o mais próximo da realidade possível, o percurso de vida de cada uma das mulheres entrevistadas e permitiu-nos obter uma série de novas informações e observações.

2.2 Limitações

Consideramos como limitações deste estudo dois aspectos relevantes:

1) A dificuldade em encontrarmos material publicado com base no contexto da educação de mulheres imigrantes, visto que existem muitos estudos baseados na questão de género, porém com um enfoque dirigido às redes de prostituição, à saúde e às mulheres como responsáveis pela educação dos seus filhos. Desta forma coube-nos diversificar as nossas leituras de modo a encontrarmos ligações, mesmo que em pequenos fios narrativos, que nos dessem subsídios para a construção do nosso texto.

2) Outra dificuldade foi a reduzida disponibilidade de tempo por parte das entrevistadas, uma vez que a maioria são mulheres que trabalham fora de casa e por este motivo ocorreram alguns contratemplos durante o agendamento das nossas entrevistas.

2.3 Participantes do estudo.

*Quando vou por um caminho,
É por dois caminhos que vou:
Um é por onde me encaminho,
O outro a verdade onde estou.*

Fernando Pessoa

Um dos princípios de escolha dos participantes orientou-se por um conjunto de critérios sendo eles a idade, género, tempo de permanência na cidade de Lisboa e formação escolar, embora exista nesta uma variedade de situações. Assim participaram neste estudo 12 mulheres imigrantes brasileiras, com idades entre 20 e 49 anos, residentes em Lisboa no mínimo há quatro anos. Optámos por organizá-las por faixas etárias, formando três grupos de 4 mulheres. Dentro de cada grupo tivemos o cuidado de seleccionar mulheres com idades diferentes, procurando uma certa heterogeneidade, ficando assim distribuídos:

Faixas etárias	Idades seleccionadas
20 - 29	25, 27, 28 e 29
30 – 39	31, 32, 33 e 37
40 – 49	41, 44, 45 e 47

Quadro IV: Apresentação geral das faixas etárias das participantes

Em conformidade com as faixas etárias previamente definidas aplicámos inicialmente um questionário anterior à entrevista a fim de iniciarmos a partir daí um primeiro contacto e como ponto de partida para as nossas entrevistas. Não utilizamos variáveis relacionadas com questões sócio-económicas, estado civil ou nível de escolaridade.

O nosso primeiro contacto com os participantes foi através da Casa do Brasil de Lisboa, visto que ali se encontram muitas brasileiras inscritas, mas fomos confrontados com algumas dificuldades em relação à disponibilidade de tempo dessas mulheres, uma vez que o objectivo de cada uma delas, quando para lá se deslocam, é estritamente para resolver questões burocráticas ou de ordem pessoal, portanto não encontrámos ambiente favorável para as nossas entrevistas.

Face a esta situação, optámos por procurar, através de indicações de amigos, pessoas com quem estes lidassem no dia-a-dia e assim foi possível ir construindo, passo a passo, pequenos vínculos que nos permitiram realizar as entrevistas e conquistar a confiança das mesmas.

Uma vez seleccionadas fizemos um levantamento das questões da mulher imigrante brasileira, passando por desvendar o que está em volta da temática da imigração até chegarmos a compreender se a educação é um factor preponderante ou não na vida dessas mulheres.

A seguir apresentamos a caracterização das entrevistadas, mencionadas com nomes fictícios, distribuída por três quadros

Quadro V: Grupo 1 - Mulheres entre 20 a 29 anos

Nome	Ida	Vera	Vilma	Telma
Idade	25 anos	27 anos	28 anos	29 anos
Grau de escolaridade	Ensino Secundário Completo	Nível superior	Nível superior	Nível Superior
Trabalha	Sim	Sim	Sim	Não
Estuda	Não	Não	Sim	Não
Filhos	1 filho	1 filho	Não	Não
Profissão Atual	Gerente de loja	Formadora Técnica em unhas de gel	Vendedora	Economista
Estado Civil	Casada	Casada	Solteira	Solteira

Quadro VI: Grupo 2 - Mulheres entre 30 a 39 anos

Nome	Marcia	Carla	Ana	Vânia
Idade	31	32	33	37
Grau de escolaridade	Ensino Secundário Completo	Ensino Secundário Completo	Ensino Secundário	Pós-Graduada
Trabalha	Sim	Sim	Sim	Não
Estuda	Não	Sim	Não	Não
Filhos	Não	Não	Não	1 filha
Profissão Atual	Esteticista	Doméstica	Balconista	Contabilista
Estado Civil	Casada	Casada	Divorciada	Solteira

Quadro VII: Grupo 3 - Mulheres entre 40 a 49 anos

Nome	Adriana	Laura	Katia	Lúcia
Idade	41	44	45	47
Grau de escolaridade	Ensino Secundário Completo	Ensino Secundário Completo	Ensino Secundário	Nível Superior em curso
Trabalha	Sim	Sim	Sim	Não
Estuda	Não	Não	Não	Sim
Filhos	2 filhos	2 filhos	1 filha	3 filhos
Profissão Atual	Promotora	Técnica de unhas de gel	Esteticista	Estudante
Estado civil	Divorciada	Casada	Solteira	Casada

Para nós foi de grande importância focalizar esses aspectos que consideramos essenciais na nossa pesquisa. Em virtude disto o público-alvo e a maneira como definimos os nossos

objectivos nortearam as perguntas do guião da entrevista, as quais foram cuidadosamente escolhidas.

Todas as mulheres entrevistadas nasceram no Brasil, não têm nacionalidade portuguesa, residem na grande Lisboa e em um dado momento de suas vidas emigraram para Portugal por diferentes motivos e circunstâncias. São mulheres que desempenham funções diferenciadas, mulheres com nível universitário, mulheres que trabalham na área de restauração, limpeza, mulheres empreendedoras e também algumas em situação de desemprego. É de evidenciar que o que nos chamou bastante a atenção nesta questão foi a dificuldade que estas mulheres tiveram em verbalizar tal condição.

O estudo pretendeu fazer também uma análise das histórias de cada uma com o propósito de elaborar um paralelo entre estas doze histórias para que, através delas, pudéssemos sentir e compreender quais as suas prioridades relacionadas com o contexto educacional, ao valor dado às dificuldades encontradas quando emigram e a maneira pela qual geram tais dificuldades.

Tendo em vista os aspectos apresentados parece-nos poder concluir que os caminhos para as descobertas são muitos, portanto as escolhas são difíceis.

O que dificulta substancialmente o estabelecimento da verdade é a falta dela mesma, por este motivo consideramos significativo a preocupação com a escolha das entrevistadas e ainda assim reconhecemos as possíveis margens de erro nas respostas.

2.4 Instrumentos e Procedimentos

Neste estudo utilizámos como instrumento a entrevista semi-estruturada com o objectivo de obtermos uma recolha de dados qualitativa, justamente por considerarmos que esta modalidade dá maior flexibilidade nas questões apresentadas e conseqüentemente maior abertura nas respostas obtidas.

Outro ponto a destacar é que a mesma garante que os entrevistados respondam às mesmas questões, permitindo-nos assim estabelecer uma comparação nas respostas como mencionámos acima. Segundo Matos & Vieira (2001), para a realização da entrevista é importante organizarmos previamente um guião para servir como eixo orientador ao desenvolvimento da mesma, pelo que tomámos como referência Estrela (1990).

Segundo Bogdan & Biklen (1977), ao optarmos por essa modalidade temos como a linguagem do entrevistado, o protagonista da nossa pesquisa, pois ela possibilita ao investigador interpretar as respostas mais próximas da realidade de cada sujeito da entrevista. Desta forma mesmo quando utilizamos um guião, as entrevistas qualitativas auxiliam a quem entrevista a reunir uma série de elementos importantes e fundamentais para uma maior compreensão dos pormenores contados.

Apesar de algumas flexibilidades, algumas regras foram respeitadas como a delimitação do tempo, previamente combinada com o entrevistado, o uso do gravador, meio este que assegura o registo das respostas na íntegra e a sua fidedignidade e uma maior aproximação entre pesquisador e entrevistado, tornando assim a entrevista transparente e produtiva.

Os locais onde realizámos as entrevistas foram bastante variados, porém criteriosamente escolhidos respeitando alguns pontos que para nós foi de extrema importância para a realização das mesmas tais como: um lugar tranquilo, onde pudéssemos ouvir com clareza as informações e confortável onde as entrevistadas pudessem sentir-se à vontade para expressar as suas opiniões. Algumas vezes as entrevistas foram realizadas nos locais escolhidos pelas próprias entrevistadas, ou pelo sentido prático em relação aos horários ou mesmo pela comodidade de cada uma das mulheres, contudo procurando ter sempre um olhar atento e rigoroso para que mantivéssemos os nossos critérios preservados.

Segundo Godoy (1995), algumas características são essenciais para a pesquisa, como o carácter descritivo, a preocupação do investigador em analisar o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida e o enfoque indutivo. Essa abordagem qualitativa remete a descrição e a análise da realidade de formas diferentes de representar a vida cotidiana das pessoas ou vivenciar um fenómeno.

No âmbito das ciências a pesquisa é a actividade básica que sustenta a construção da realidade criando assim um vínculo entre o pensamento e a acção, instigando-nos a curiosidade e levando-nos à investigação. Como consequência, desenvolvemos uma abordagem metodológica centrada na análise de conteúdo em virtude de este recurso ser indispensável para usufruirmos de um material qualitativo (Bardin, 2009).

Dentro de um contexto histórico, podemos dizer que foi nos Estados Unidos, no âmbito behaviorista e pelo empenho dos governos em decifrar as orientações políticas e estratégicas dos

países estrangeiros, que se construiu do analista um verdadeiro detective dotado de instrumentos de precisão (Bardin, 2009).

Podemos ainda dizer que a investigação qualitativa tem como atitudes fundamentais a capacidade de observação e de interacção com os sujeitos envolvidos, a flexibilidade e a possibilidade de extrair da realidade resultados, obter novas respostas e assim estar sempre a fazer novas indagações dando margem a outros questionamentos e, conseqüentemente, a outras pesquisas, pois cada semente plantada possibilita novos olhares (Bardin, 2009).

Em conformidade com a leitura de alguns autores acerca do método a escolher pesquisámos sobre metodologia e encontrámos informações esclarecedoras e realistas, embora tenhamos sentido muitas dificuldades em seleccionar o tipo de entrevistas que iríamos adotar. A leitura de Bogdan e Biklen (1977) foi decisiva na escolha das entrevistas, pois permitiu-nos perceber as mudanças de posicionamento que teríamos de realizar ao longo do estudo. Segundo estes autores, o investigador sente múltiplas necessidades durante o caminho da investigação e por isso, no início do trabalho, poderíamos sentir a necessidade de fazermos uma entrevista mais exploratória, por se tratar de um momento de compreensão dos nossos objectivos de forma mais abrangente. Num segundo momento sentimos a necessidade de fazermos uma entrevista mais estruturada de maneira a recolhermos dados mais comparáveis. Tudo isso fez-nos reconhecer a importância desse material como elemento relevante na trajectória de qualquer pesquisa.

Assim procurámos a riqueza de dados em todas as respostas obtidas, tendo a preocupação de evitar perguntas que admitissem apenas respostas “sim” ou “não”, procurámos enfatizar os detalhes, mostrámos interesse em todas as respostas e muitas vezes quando não compreendíamos algum pormenor pedíamos maiores detalhes de modo a tornar mais claras as afirmações. Mesmo as nossas expressões faciais facilitavam esse entendimento quanto ao que nos parece subjectivo, bastava-nos um olhar duvidoso e logo a entrevistada tentava fazer-se entender com outras palavras mais claras. Em muitas das histórias que ouvimos como que nos sentimos na posição de psicólogos, ou mesmo como se estivéssemos a ouvir histórias para a reprodução de um livro tão reais eram algumas declarações.

Observámos também que somente numa minoria das mulheres entrevistadas é que sentimos maior dificuldade em obter respostas adequadas aos nossos objectivos. Aprendemos que não existem regras aplicáveis a todas as situações de entrevista, mas sim é necessário

estabelecermos um caminho para saber ouvir e saber ler os lábios de quem fala. O que está por trás das palavras, das emoções e até mesmo do silêncio ou de um gesto, muitas vezes tornam-se elementos de revelação.

Foi preciso saber compreender e interagir, inclusive com as nossas próprias histórias para interpretar o essencial. Outro ponto foi o de saber explorar o conteúdo da entrevista sem perder o equilíbrio entre aquilo que desejávamos obter e o que efectivamente tínhamos. Para captarmos tais sensações cumpriu-nos o papel de sermos, como já mencionámos acima, verdadeiros «detectives», arrumando os relatos como se fosse um “puzzle”. Cada resposta era uma peça fundamental para interpretarmos, compreendermos e contribuirmos para um entendimento sobre o que representa o estudo na vida destas mulheres imigrantes brasileiras em Portugal. Assim construámos um guião com perguntas que fossem ao encontro dos objectivos que definimos para o nosso estudo (ver Anexo II: Guião da entrevista).

Capítulo 3. Análise e Discussão dos Resultados

3.1 Questionário

De acordo com o que explicitámos no capítulo anterior, o nosso estudo passou por dois momentos para melhor compreensão das respostas. Em um primeiro momento as perguntas abrangeram dados mais objectivos dos entrevistados através de um questionário e em um segundo momento as perguntas procuraram fazer uma reflexão sobre o que representa a educação na vida das mulheres entrevistadas.

3.1.1 Análise dos resultados do questionário

Em conformidade com o nosso estudo, as nossas entrevistadas são todas brasileiras residentes há no mínimo quatro anos em Lisboa, são mães, trabalhadoras e acumulam desta forma as funções de mãe e de dona de casa.

No grupo de mulheres entre 20 e 29 anos constatamos que a maioria delas têm nível superior, mas isto não significou a continuidade dos seus estudos ou mesmo que trabalhem na área para a qual estudaram.

No grupo de mulheres entre 30 e 39 anos e entre 40 e 49 anos apenas uma de cada grupo tem nível superior não desempenhando também, como no primeiro grupo, funções ligadas às suas áreas de estudo.

Outro ponto que nos chamou a atenção é que a maioria destas mulheres, nos três grupos, casadas ou não, são independentes financeiramente e muitas delas são as responsáveis pelo sustento da família.

Os resultados deste primeiro momento da pesquisa são categóricos em reconhecer que as dificuldades em dar continuidade aos estudos estão relacionadas com as necessidades laborais restando desta forma pouco tempo para os estudos.

3.2 Entrevista semi-estruturada

No intuito de analisar as respostas do nosso guião fizemos um esboço das razões pelas quais as mulheres emigram para Portugal.

Num primeiro momento encontramos um perfil de mulheres que emigravam, em grande maioria para acompanhar os seus cônjuges e num segundo momento esse perfil passa a ter outra característica à medida que as mulheres emigram por decisão própria cumprindo projectos pessoais.

Um factor determinante em qualquer um dos casos está relacionado com as questões económicas, pois a mudança suscita salários melhores e como consequência melhores condições de vida. De acordo com Singer (1976), as migrações estão ligadas também ao desenvolvimento do capitalismo e por isto este acentua o processo de industrialização.

O objectivo deste estudo foi o de analisar esta comunidade feminina, bastante numerosa em Portugal, dentro do contexto educacional e perceber quais as possíveis oportunidades e dificuldades que fazem parte desta trajectória, através dos dados qualitativos. Bogdan e Biklen (1994) referem-se ao termo “dados” e comparam-nos a uma pedra bruta que o investigador utiliza para chegar aos resultados que deseja alcançar. Os “dados” quando os lapidamos são o alicerce da investigação e são estes registos que norteiam os rumos da pesquisa.

Para melhor captarmos a trajectória imigratória deste grupo de mulheres procurámos adequar os nossos objectivos de acordo com os blocos do guião da entrevista apresentados na metodologia deste estudo.

3.2.1 Análise dos dados recolhidos:

Grupo 1, 2 e 3

No Grupo 1 quando nos referimos às decisões de emigrar o que nos chamou a atenção foi que a maioria das mulheres migrantes tomou essa decisão por si próprias e emigraram sozinhas. Este dado remete-nos para as nossas leituras confirmando que os imigrantes que têm chegado a Portugal a partir da década de 1990 têm sido na sua grande maioria mulheres (Marques e Góis, 2012).

O depoimento de uma única mulher deste grupo 1 corrobora com o que foi dito anteriormente quando diz que veio com o marido, porém ela já desejava conhecer uma cultura diferente fazendo-nos acreditar que, mais cedo ou mais tarde, ela tomaria esta decisão.

(...)porque eu queria conhecer uma cultura diferente, só. Foi também para trabalhar, mas a ideia era conhecer um lugar diferente.

O grupo 2 mostra-nos um perfil diferente na medida que as respostas constataam a decisão de migrar como sendo dos respectivos cônjuges relacionada às questões da ausência de trabalho e às questões financeiras atreladas à melhoria de vida.

Deste grupo apenas uma mulher emigrou contra a sua vontade, já que se pudesse escolher não o teria feito. Sua declaração evidencia tal afirmativa.

Bom na verdade eu decidi migrar porque o meu marido veio para cá. Na realidade eu nunca quis sair do Brasil porém tive de abrir mão porque ele veio então eu tive de vir junto, mas nunca queria vir pra cá.

No grupo 3 embora a resolução de emigrar junto com a família seja aqui um ponto coincidente entre as demais, as causas diferem um pouco. Assistimos a razões relacionadas com a vontade que os pais têm dos filhos passarem pela experiência de viver noutro país.

Decidi emigrar (...) era para proporcionar para os filhos uma vivência na Europa por um tempo, a questão cultural de se envolver em outros países ampliar um pouco a visão do mundo.

Outro motivo é a situação financeira.

...precisava trabalhar e nesse momento decidi vir para Portugal.

Conhecemos a experiência de uma imigrante alemã que por ter ido a Portugal tomou a resolução de trocar de país de imigração.

...fui do Brasil para Alemanha e em 97 estive em Portugal e passei um tempo, porque eu já tinha conseguido um trabalho fixo na Escola Alemã de Lisboa. (...) Depois de estar então estabelecida aqui não queria voltar mais para a Alemanha.

Esta fala coaduna com uma reflexão de Rosseau (1999), onde este pontua que não escolhemos o local do nosso nascimento e, por conseguinte, as mudanças que ocorrem no decorrer da nossa vida acarretam saber ler novas adaptações, visto que quando trocamos de lugar, subjugamo-nos às condições do local onde vamos e sentimos a necessidade de ser aceites.

Em síntese, **Bloco B Migração: Pontos relevantes encontrados na pergunta:** Por que decidiu ou decidiram migrar? Questão financeira, poucas oportunidades de emprego, conhecer novas culturas.

Bloco C: Nível de Escolaridade

O grupo 1 ao ser interrogado sobre estar a frequentar a escola ou não, chamou-nos a atenção que dentre as quatro mulheres que não estão a estudar, duas delas, embora tenham um curso superior, não deram continuidade aos estudos e não trabalham na área em que estão formadas.

Todos os depoimentos deixam patentes os mais diversos argumentos que parecem ser indicadores que estão a adiar a volta aos estudos. Os depoimentos a seguir confirmam tais observações.

(...) não tenho tempo devido ao meu horário de trabalho...

Já pensei em fazer uma faculdade, mas...

Só tirei um curso de Formação de Formadores para dar formação, mas não na minha área.

(...) pensei fazer direito, eu sempre quis fazer direito no Brasil, mas aqui me deu vontade.

O Grupo 2 revela-nos ainda a mesma temática relacionada com as questões laborais sobrepondo-se a vontade de retornar aos estudos. As dificuldades continuam a ser a falta de tempo e a disponibilidade em conciliar o que se quer e o que se consegue.

O cotidiano de muitas mulheres imigrantes é caracterizado pela exploração laboral que constituem o prolongamento dos horários de trabalho e das tarefas que não fazem parte dos acordos entre patrão e empregado (Marques e Góis, 2011).

Incluem-se no projecto migratório a aspiração e a necessidade de ganhar dinheiro para pagar uma dívida, custear os estudos dos filhos, garantir o sustento da casa e paralelamente a isto

a vontade de retomar os estudos. Essa intenção de retomar os estudos acaba por ficar para um plano futuro, embora se reconheça que o estudo é a possibilidade de melhorar de vida, crescer e evoluir. A seguinte resposta comprova esta afirmação.

(...) não tenho possibilidade, trabalho dez horas por dia e é um horário muito complicado (...) não me possibilita estudar porque o trabalho é puxado (...), não tenho espaço para ter aula.

Uma outra entrevistada declara:

Perdi um pouco o interesse, a realidade é essa...(...) eu comecei a trabalhar muito cedo, depois estudei e quando estudava já trabalhava junto. Eu tive que abrir mão de alguma coisa e abri mão do estudo.

Deste grupo de entrevistadas apenas uma delas frequenta o curso de estética conseguindo conciliar com o seu trabalho.

No grupo 3 uma de nossas entrevistadas ainda está a fazer um curso superior na área de psicologia e portanto dedica-se exclusivamente aos estudos. Esse perfil não comunga com a realidade da maioria das mulheres dos outros grupos, já que continuam alicerçadas no repetido ponto no que diz respeito à harmonia do estudo com o trabalho. O testemunho que se segue representa esta ideia.

Não estudo pelo tempo que não tenho, pelo trabalho e também pelo nível financeiro porque eu acho que aqui você trabalha ou você estuda. Para conciliar as duas coisas..., você teria que ter um emprego com um horário flexível.

Este depoimento comprova o estudo de Grinber e Grinberg (1996), quando adverte que as razões económicas também justificam as decisões de migrar e desse modo interferem no que à priori se havia planeado.

Em síntese, Bloco C Nível de Escolaridade: Pontos relevantes encontrados na pergunta: Actualmente você estuda? Falta de tempo por ser difícil conciliar trabalho e estudo.

Bloco D: Educação e Planeamento

Tanto no grupo 1 como no grupo 2 as análises constataram que as mulheres destes grupos foram unânimes em afirmar que quando emigraram a proposta de continuar a estudar “não” fazia parte de seus planos. Todavia vimos também que esta proposta encontra-se adormecida no subconsciente de cada uma, pois se tivessem oportunidade certamente realizariam este desejo.

O fortalecimento desta acção está bem representado nos discursos abaixo.

Quando eu decidi vir para cá, até comentei com a minha mãe, mãe estou indo para Portugal, quero montar aquele negócio que te falei com a Chirlei e pronto, assim que as coisas estiverem caminhando, vou dar prosseguimento e vou fazer um curso de especialização (...)

Quando vim o intuito era só para trabalhar, juntar algum dinheiro e voltar, montar alguma coisa (...) quando a gente chega a gente vê que não é nada daquilo que a gente pensava, porque é que eu não estudei, porque que é que a gente não veio para aqui já com um curso ou algo assim...

No grupo 3 pudemos observar justamente uma acção inversa a anterior, quando na maioria dos casos estudar foi um ponto incluso na decisão de emigrar.

Escolhemos algumas respostas que bem exemplificam esse contexto.

Sim, meu sonho era ser psicóloga e se tivesse tido essa oportunidade, mais tempo, se não tivesse tantas situações familiares...

Sim, quando eu saí do Brasil queria estudar, fazer faculdade, tinha acabado o ensino médio e queria ir para a faculdade.

Sim, fiz biologia e hoje estou no quarto ano de Psicologia e em Bolonha já estou no primeiro ano do Mestrado.

Em síntese, Bloco D Educação e Planeamento: Pontos relevantes encontrados na pergunta: Quando decidiu migrar estudar fazia parte dos seus planos?

Para o grupo 1 e 2 estudar não fez parte do planeamento, mas denota-se o desejo de um dia poder ter esta oportunidade.

Para o grupo 3 o estudo fez parte do planeamento da decisão de migrar.

Bloco E: Universo Educacional

Este bloco está dividido em quatro perguntas que consideramos fundamentais para o nosso estudo.

No grupo 1 e 2 a primeira questão colocada, sobre a importância que as mulheres atribuem ao estudo nas suas vidas, revelou que ambos grupos partilham a mesma premissa, considerando que este é o seu maior legado.

Os depoimentos abaixo apresentados corroboram com a amplitude do pensamento de cada uma dessas mulheres diante da importância que dão aos estudos.

(...) quem não tem estudo só consegue os trabalhos que ninguém quer.

Precisa, a meu ver ter uma faculdade, uma licenciatura para poder ter uma noção um pouco mais balanceada, seja lá do que for, do que uma pessoa faça uma especialização.

Olha, eu acho que o estudo é a base de tudo..., acho que é o começo de tudo na vida da gente.

Eu acho que estudar, ler algo é que devia fazer parte da vida de todas as pessoas, mas infelizmente nem todo mundo tem essa condição.

No grupo 3 devemos tecer algumas considerações às respectivas afirmações de algumas mulheres que acrescentaram detalhes que merecem atenção.

Este exemplo revela a importância que este olhar tem com o compromisso com os filhos, pelo facto de ser mãe e de como é essencial dar um bom exemplo e passar uma base educacional.

(...) o estudo é um exemplo para os teus filhos..., mãe você estudou o quê?

Outro testemunho revela a importância de manter-se actualizada e que o estudo fomenta o desenvolvimento das capacidades intelectuais e conseqüentemente possibilita uma leitura crítica do mundo. Uma vez que se tem a oportunidade de estudar pode demonstrar-se melhor as suas aptidões e competências.

(...) o estudo para mim é manter a cabeça evoluindo (...) eu me manter aprendendo, para mim é uma sensação de que a vida vai passando com conteúdo, com consistência.

Este depoimento vem caracterizar que hoje em dia vivemos num ambiente competitivo, e concretamente qualificação e salários não convivem na mesma proporção. Este facto em muitos casos faz com que o indivíduo perca o estímulo de continuar os seus estudos.

Vivemos acelerados querendo retornos imediatos e nem sempre a educação acompanha esta prerrogativa e dá-nos a sensação muitas vezes de tempo perdido para alguns.

Na minha vida não fez assim grande falta ter feito uma faculdade, porque hoje em dia vejo muita gente que estudou, não tem trabalho e eu na minha área tenho todo o trabalho e

consigo sobreviver com isso.(...) não sei como seria minha vida, mas o estudo acho que não fez falta não.

Em síntese, Bloco E Universo Educacional: Pontos relevantes encontrados na 1ª pergunta: Qual a importância que você atribui ao estudo em sua vida? Visão positiva do estudo com uma exceção, educação como um exemplo, educação como aprimoramento do indivíduo e educação sem relevância quando não agrega retorno financeiro.

Na segunda questão pedimos que as entrevistadas respondessem ao que consideravam facilitar e dificultar o retorno dos estudos em outro país.

Sentimos que as situações divergem em relação às experiências de cada uma dependendo de algumas circunstâncias como, estado civil, ser casada com um português, ter a residência, questões financeiras.

Todos estes factores podem viabilizar alguns procedimentos sensivelmente e ao contrário disto as dificuldades podem ser relevantes, uma vez que o âmago desta questão concentra-se na burocracia e na escassez de tempo relativos à necessidade de trabalhar. Com efeito devemos considerar com merecedora atenção duas situações: as mulheres que emigram sozinhas e as mulheres que emigram fruto do reagrupamento familiar.

Nos dois casos as entrevistadas procuram o mais rápido possível inserir-se no mercado de trabalho, contudo no segundo caso a dificuldade é ainda maior, pois o mercado de trabalho estará muitas vezes a concorrer com as responsabilidades familiares (Marques e Góis, 2011).

No grupo 1, 2 e 3 os registos comprovam que a burocracia mesmo aliada a ausência de tempo relativa ao trabalho é considerada um factor chave que contribui como um elemento impossibilitador da retomada ao estudo.

Esse grupo também não conseguiu detectar um factor positivo como facilitador deste reingresso e as respostas obtidas, apresentadas em abaixo, exemplificam esta afirmação.

(...) você vai num lugar pergunta e eles dão uma informação, depois você vai fazer aquilo e que eles falaram pra você e já não é aquilo, tem de fazer outra vez, é burocracia, falta de informação...(...) Diziam uma coisa, noutra dia diziam outra e deixei para lá...(...) nada facilita.

Fui procurar porque saber às cadeiras da faculdade e logo ali eles disseram que não dava, ia ser muita burocracia, ia ter de estudar ainda mais não sei quantos anos para fazer uma equivalência. Eu tinha as mesmas cadeiras, mas mesmo assim eles queriam que eu estudasse mais anos.

O que facilita é você ter uma pessoa cá...

Desse modo Vianna (2003), diz-nos que os muitos acordos assinados entre Brasil e Portugal tornaram-se elementos de suma importância para minimizar a burocracia.

Eu acho que a burocracia é o pior.

Ainda Vianna (2003), a burocracia em muitos dos casos sobrepõe-se aos acordos.

Aqui eu só consigo enxergar a dificuldade, a facilitação não consigo enxergar no momento.

A dificuldade não houve muito a nível da documentação porque eu tinha a residência já estava cá algum tempo. O que foi difícil para mim foi a nível de tempo.

Eu acho que é mais da parte burocrática, mais documentação, mas..., eu acho que a documentação, por exemplo eu agora fui entrar num curso de esteticista, precisei do meu certificado do 12^a ano completo, foi uma burocracia.

A burocracia seria assim um ponto fundamental.

Em síntese, Bloco E Universo Educacional: Pontos relevantes encontrados na 2^a pergunta: Você considera que existe algo que facilite e dificulte o retorno aos estudos? A dificuldade do horário laboral e a burocracia foram pontos quase que na totalidade observados nas respostas dadas neste bloco.

Na terceira questão o nosso objectivo foi saber se as entrevistadas cresceram num ambiente que valorizava o estudo e mais uma vez todos os grupos reafirmam que as suas famílias sempre as incentivaram a estudar e que os seus pais procuraram mostrar o valor do estudo na vida das pessoas.

Porém, um facto curioso é que o incentivo que estas mulheres receberam não foi suficiente para fazer com que elas hoje estivessem formadas e exercendo melhores funções. A maioria destas mulheres tiveram dificuldades em dar continuidade ao estudo no país do qual emigraram e essa tarefa ficou ainda mais difícil quando se tornaram imigrantes.

Nos três grupos as respostas fazem alusões curiosas ao empenho que os seus progenitores tiveram cobrando posturas e procurando, na medida de suas possibilidades e limitações, criar uma atmosfera que favorecesse o crescimento das mesmas. Mas por outro lado reconhecemos que não há garantias de que a tomada de consciência promova necessariamente mudanças e articule novas acções.

Tal ideia compactua com a proposição de Freire (1970), onde aponta que existe uma opressão contida no universo educativo, na própria sociedade e em particular na educação de adultos. O autor enfoca esta situação como um problema social crónico caracterizado pela imposição feita às pessoas mais simples que são forçadas a aceitar tudo o que lhes é imposto, privadas do que o autor chama de “liberdade”. O autor ainda afirma que esta “liberdade” pode ser comparada a um “parto”, pois a superação do ser oprimido está condicionado a abandonar a condição servil sem contudo questionar ou mesmo tentar lutar por mudanças.

Desta maneira torna-se difícil que os discursos do tipo, “vai estudar”, “sem estudo não vai-se adiante”, nas camadas menos favorecidas surtam o efeito desejável, salvo excepções. Como essas pessoas poderiam ensinar aos filhos a importância da educação se elas mesmas não aprenderam que importância tem. Como transmitir algo que não conhecem?

Assim as respostas em abaixo apresentadas demonstram que este insucesso escolar é proveniente de uma aliança entre a maneira pela qual a família tentou transmitir uma herança cultural e as dificuldades laborais reais que fazem parte do cotidiano destas pessoas. Parece-nos que existe uma repercussão negativa entre o que foi ensinado mas não exemplificado, como consequência os ensinamentos ficaram pelo caminho e deixaram de ser pertinentes.

É assim os meus pais..., minha mãe só fez o primário, meu pai terminou depois de muitos anos lá no Brasil, mas mesmo assim ele sempre passou para a minha irmã, a gente dar importância ao estudo, tanto que eu fiz até o segundo grau completo e ao repeti nenhum ano,

sempre notas boas. Eu sempre fui criada num ambiente que o meu pai e a minha mãe sempre falou do estudo. Me incentivaram.

Sim, os meus pais sempre valorizavam isso. A minha mãe era formada em turismo, o meu pai não terminou a faculdade, mas chegou a fazer engenharia e assim sempre valorizavam isso, minha mãe estudava comigo, era de me ensinar, de perguntar, de me cobrar, de me incentivar sempre.

Venho de uma família que se você não tiver nível superior, não é ninguém.

Sim, eu fui criada num ambiente que sempre valorizou o estudo, eu fui criada pelos meus avós. Meus avós sempre falaram, estuda, estuda que é o melhor caminho (...) mas depois tive que abrir mão por causa do trabalho.

Minha mãe sempre incentivou, até tenho uma irmã que é formada em Pedagogia(...) mas eu acho que faltava alguma coisa por parte da minha mãe(...) mas minha mãe por mais que ela incentivasse nunca foi preocupada mesmo em relação a isso. Vai para a faculdade isso não, a minha irmã foi pra faculdade porque tem muita força de vontade e foi. Para a minha mãe a gente cerrava logo no 12^a ano.

Valorizava, mas (...) meu pai morreu e eu e meus irmãos tínhamos que trabalhar, não podíamos estudar, então apesar de minha mãe saber que era necessário não podíamos estudar, não conseguíamos conciliar o trabalho com o estudo.

Meus pais eram muito simples e fizeram só até a quarta classe, naquela época a minha mãe até dizia "porque você quer estudar se você vai casar?", não era valorizado o estudo.

Sim (...) Cresci num ambiente de estudo, os meus pais sempre exigiram sempre mesmo e fizeram o possível que nós estudássemos.

Em síntese, Bloco E Universo Educacional: Pontos relevantes encontrados na 3^a pergunta: Você foi criada num ambiente que valorizava o estudo? A maioria recebeu incentivo por parte dos pais, contudo nas famílias de classes mais baixas este incentivo não resultou positivamente, pois a maioria não conseguiu dar continuidade aos seus estudos.

A quarta e última questão procurou saber se as mulheres acham que o estudo pode evitar algum tipo de preconceito.

Tanto o grupo 1 quanto o grupo 2 tiveram as suas respostas divididas e percebemos o quão conflituoso foi pensar esta resposta, já que o preconceito faz parte da realidade de quem migra e quem sofre o preconceito exerce-o da mesma forma.

À medida que o elemento imigrante se exclui, procurando os seus compatriotas e acercando-se daquilo que o faz recordar o que deixou para trás, esse comportamento torna-se também preconceituoso. Esta é uma maneira de afastar-se daquilo que ele ainda não conhece e de não dar a si próprio a oportunidade de se integrar num ambiente novo. Grinberg e Grinberg (1996) explicam que as reacções vividas por quem migra são muitas vezes contraditórias, uma vez que a necessidade de ser acolhido é tão forte que qualquer demonstração de gentileza fazem-no sentir essencial e ao mesmo tempo qualquer reacção de estranheza fazem-no sentir excluído.

Todas as formas de medo que o imigrante enfrenta, desde a violência laboral e a burocracia até as vivências emocionais conjugadas com as prováveis experiências de perda, representam uma batalha constante para quem chega.

As mulheres destes dois grupos responderam que não podem evitar nenhum tipo de preconceito, mas deixam claro que a maneira pela qual se defendem disto consiste na força e na coragem com que se resguardam de tudo o que envolve a imigração.

Analisando as respostas negativas, na visão destas mulheres, o grau de instrução não isenta nenhum indivíduo de sofrer o preconceito, já que nenhum ser humano vem com um rótulo dizendo se tem estudo ou não. Todavia elas admitem que o discurso de quem estudou é mais elaborado e permite uma postura mais respeitosa.

As respostas positivas confiam na premissa de que a educação é uma das melhores formas que o indivíduo tem para ocupar o seu lugar no mundo com respeito e dignidade.

Ter educação faz diferença para as mulheres principalmente quando referimo-nos ao estereótipo da mulher brasileira, gerando assim o preconceito.

Moura (1975) argumenta que o preconceito é ocasionado pela ignorância, pela falta de conhecimento daquele que é diferente e tal atitude conduz à marginalização e à violência. Diz

ainda que inicialmente o imigrante tende a fantasiar o país novo, enaltecendo as virtudes positivas que lá existem e concomitantemente depreciando o país que deixou.

Respostas negativas:

Não, eu acho que não, porque a princípio a pessoa que tem preconceito contigo não sabe que tu tem estudo pra já, né?

Acredito que o estudo é importante, mas no meu caso não sinto isso, porque me imponho. Tenho sempre algo a dizer. Porque a gente tenta conhecer um pouco de cada coisa.

Olha a verdade verdadeira, a questão do preconceito não vem bem do estudo (...) a pessoa se impõe independentemente do nível de escolaridade. Eu acho que a pessoa pode ser um feirante como também ser um advogado e conseguir se impor(...)

Pelo menos pra mim não impede. Pode facilitar para a pessoa que tem estudo, não é..., para conhecer as leis, conhece..., para se defender melhor.

Respostas positivas:

Eu acho que sim. A mulher que tem estudos ela é vista com outros olhos, ela tem mais oportunidades.

Com certeza. Eu acho que assim em partes. Lógico que mesmo com estudo você não pode se impor de outra forma. (...) você é um imigrante, começa a conversar, falo agora específico dos portugueses, eles percebem que você não é uma pessoa que saiu do interior, que veio..., sei lá..., de repente tenha vida para construir, uma casa própria,... você tá aqui e tem o seu valor, você vê, se preocupa com isso e você tem o mesmo nível, eles te olham de outra forma, eles falam de outra forma, eles te respeitam sim, eu acho...

Sim, pois tendo mais cultura, mais conhecimento, mais entendimento das coisas, as pessoas ficam menos ignorantes.

Ele acaba por minimizar sim. Quando você é brasileira, que é um pouco dada a alegria, é muito facilmente confundida com outras questões. (...) Você começa uma conversa falando que você já é formada e tem uma licenciatura, a pessoa começa a ter uma outra postura. A pessoa começa a ver que se calhar sou uma pessoa mais séria, mais responsável, isso para um estrangeiro eu penso que em qualquer país é algo a valorizar.

O grupo 3 destacou-se por enfatizar somente respostas positivas, pois todas elas afirmam a importância do estudo como um escudo protector contra a insensatez do preconceito.

Interessante ressaltar, logo na primeira fala abaixo referida, que a entrevistada faz uma relação entre o valor atribuído ao estudo sobrepondo-se a dimensão capitalista do valor dado ao dinheiro.

Charlot (2007) refere-se à educação afirmando que a teoria do capital humano alimenta a ideia de que a educação é um capital que traz benefícios para a vida profissional. Este conceito também é compartilhado pela sociedade e o efeito causado por isto gera um conflito entre o que a escola oferece e aquilo que os pais e os alunos esperam dela. A escola de hoje monopoliza contradições e impõe urgentes discussões acerca das suas responsabilidades.

O facto de a pessoa não ter dinheiro, mas ter um curso superior funciona como um alento, como uma recompensa, fazendo com que o indivíduo substitua o *status* do saber pelo *status* financeiro.

Outro ponto citado relacionado com o preconceito refere-se às vagas de emprego para os imigrantes. Malheiros (1996) exemplifica que em 1981 houve um crescimento significativo de estrangeiros em Portugal. As funções no mercado de emprego constituíam-se basicamente de mão-de-obra flexível, barata e a ocupação no sector de serviços onde as vagas mais cogitadas eram empregadas domésticas e serviços de limpeza. Quando se trata de mão-de-obra não qualificada, quando o imigrante vem em busca do subemprego, a aceitação torna-se maior por parte do país receptor, já que estas questões geram salários baixos, ausência de contratos, carga horária elevada e exploração da mão-de-obra.

É importante salientar que um país quando recebe mão-de-obra qualificada por vezes sente-se ameaçado com a chegada deste tipo de imigração, visto que nesta concepção o imigrante parece querer ocupar um posto que não lhe pertence.

Esta acção acaba por ser perniciosa para os dois lados, para quem acolhe e para quem é acolhido, pois esta vivência muitas vezes não é vista como uma troca de experiências e saberes.

Eu acho que o primeiro preconceito é a questão financeira, mas o que o alivia se você não tiver dinheiro é ter um curso universitário. Você tá muito melhor do que se tem pouco dinheiro e não tem curso nenhum..., acho que alivia muito o preconceito, acho que as pessoas respeitam...

Sim. Isso sinto aqui, isso. As pessoas são preconceituosas a quem não estudou... aqui é assim, esse preconceito.

Sim, claro é claro que principalmente a gente também vê muito disso aqui em Portugal. Eu acho estranho, mesmo as pessoas que estudam, que têm uma faculdade, que tiram um diploma, não conseguem exercer aquilo que estudaram. Eu acho muito errado... é preconceito.

Sim. A pessoa que tá sofrendo o preconceito sabe se defender melhor, tanto quanto a pessoa que tem o estudo não vai ter este tipo de atitude. Ela é mais esclarecida.

Estes depoimentos das entrevistadas, sobre o preconceito, remetem-nos para as considerações de Touraine (2006), quando refere que o olhar que cada pessoa tem de si e dos outros está impregnado de preconceitos que acabam por distanciar e criar ideias negativas.

Em síntese, Bloco E: Pontos relevantes encontrados na 4ª pergunta: O estudo pode evitar algum tipo de preconceito? Nos grupos 1 e 2 as respostas estiveram divididas entre o “sim” e o “não”. Nas respostas negativas o preconceito não pode ser evitado porque se estudou ou não. Nas respostas positivas o estudo evita o preconceito por fazer com que a pessoa se imponha. No grupo 3 as respostas foram unânimes em considerar que o indivíduo que tem acesso aos estudos tem maiores e melhores condições de lutar contra o preconceito.

3.3 Resultado comparativo entre os três grupos:

Quanto aos motivos que explicam a decisão de migrar, para o grupo 1 foi uma decisão tomada pela maioria das mulheres.

Apenas uma mulher do grupo 1 veio acompanhada do marido, mas ainda assim manifestava a vontade de conhecer um país diferente e viver nele. Outro ponto observado como incentivador desta mudança foi a ausência de trabalho atrelada às questões financeiras e a

melhoria de vida. Este resultado faz-nos acreditar que neste grupo de mulheres de faixa-etária mais jovem as suas decisões são tomadas visando objectivos próprios.

No grupo 2 as respostas são um pouco diferentes quando a decisão passou a ser dos respectivos cônjuges, porém mantendo-se neste caso as questões financeiras.

No grupo 3 detectamos também a preocupação com a situação financeira e o desejo de que os filhos tivessem a experiência de viver em outro país.

Quando perguntámos ao grupo 1 se actualmente estudavam ou não a maioria das entrevistadas responderam que estudaram até ao nível secundário. Todavia todas as respostas são incisivas ao afirmarem que resolveram adiar os estudos e, se assim o fizeram, têm a intenção de um dia voltar a estudar. Um facto curioso é que as mulheres deste grupo, que concluíram o curso superior, não deram continuidade aos estudos e nem mesmo trabalham na área para a qual têm formação.

Nos grupos 2 e 3 verificamos a falta de tempo e a disponibilidade em conciliar trabalho e estudo como elementos marcantes na decisão de não voltarem a estudar.

Tanto o grupo 1 quanto o grupo 2 quando interrogados sobre se os estudos faziam parte dos seus planos, todas as mulheres foram unânimes em afirmar que a proposta de continuar os estudos não fazia parte dos planos na decisão de migrar. Todavia verificamos o desejo de um dia poder retomá-los. Já no grupo 3 estudar inicialmente fazia parte do planeamento, contudo este plano foi posto de lado em detrimento do trabalho.

As mulheres dos grupos 1 e 2 questionadas acerca da importância dos estudos em suas vidas compartilharam da mesma premissa de que o maior legado que se pode deixar para os filhos ainda é a educação. O grupo 3 revelou-nos uma preocupação das mães em dar uma base educacional para os seus filhos, todavia seria mais interessante se tivessem estudado o quanto gostariam que seus filhos estudassem. Apesar disto elas têm a consciência de que nem sempre o estudo garante a oportunidade de auferir um bom salário e, caso ocorra, o retorno financeiro

poderá vir a longo prazo. Outro ponto observado é que elas acreditam que o estudo amplia as possibilidades de se manterem actualizadas.

Ao perguntarmos às entrevistadas sobre o que achavam ser factores facilitadores e dificultadores para retornarem aos estudos, os três grupos responderam que o estado civil, pois estar casada com um cidadão português ou não e ter residência são factores que interferem muito facilitando ou impossibilitando esse retorno. Tais factores podem viabilizar a estadia, ajudar nos trâmites legais e, como consequência, vencer a burocracia que envolve o imigrante.

Quando indagamos se foram criadas num ambiente que valorizava o estudo todos os grupos mais uma vez partilharam o mesmo ponto de vista. A maioria delas recebeu dos pais orientações sobre o valor dos estudos, mas obviamente dentro das limitações de cada família. Portanto o que receberam não foi suficiente para que elas priorizassem o estudo em suas vidas.

No que concerne ao pensamento acerca da possibilidade do estudo impedir algum tipo de preconceito verifica-se que a metade das mulheres dos grupos 1 e 2 tiveram as suas respostas divididas entre o sim e o não. Quanto às respostas negativas constatamos que o preconceito não pode ser evitado pela ausência ou pelo pouco estudo, pois para estas mulheres o preconceito é inevitável. Contudo na outra metade das respostas o estudo é visto como uma ferramenta capaz de evitar, de impor e de defender do preconceito. Já nas respostas do grupo 3 todas as mulheres foram categóricas em afirmar que o estudo resguarda e impede o indivíduo de sofrer o preconceito.

Capítulo 4. Considerações Finais

Redigir esta parte final do nosso trabalho exigiu uma grande reflexão sobre como fazê-lo. Da mesma forma como aconteceu durante muitos momentos deste estudo, quando múltiplas alternativas se apresentavam como possibilidades para o caminho a seguir, exigindo assim avaliações constantes e concomitantemente a difícil tarefa de decidir e ponderar o caminho para finalizar. Afinal, escrever este trabalho não significou apenas colher dados acerca de um objecto que se pretendeu estudar e fazer leituras procurando esmiuçar os pensamentos dos autores, mas acima de tudo criámos um vínculo com o objecto de estudo e com as consequências que as respostas deste nos poderiam dar.

Propusemo-nos na presente investigação entender e avaliar o pensamento e as acções de mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa, dentro do contexto educacional português, para compreender quais factores permitem a inserção destas mulheres ou não neste contexto.

Focámo-nos nos nossos objectivos específicos no intuito de compreender as razões porque estas mulheres migraram, qual o seu nível de escolaridade, se planearam estudar quando optaram pela migração, conhecer o que pode limitar e possibilitar o seu estudo em outro país e principalmente verificar qual a importância que é atribuído ao estudo em suas vidas.

Para esboçar com transparência a vereda que priorizámos, num primeiro momento, elaborámos um questionário com perguntas objectivas, como também estabelecemos um roteiro de perguntas que respondessem aos nossos objectivos através de uma entrevista. Assim o estudo estruturou-se em perguntas e respostas, respeitando a individualidade e os limites de cada uma.

Muitos foram os momentos em que ao elaborarmos os textos descobrimos que o nosso maior desafio seria ordenar as ideias recolhidas e a partir delas analisar os dados. Definir o rumo deste trabalho exigiu tomadas de decisão e o caminho que iríamos seguir baseou-se no material bibliográfico e humano servindo para nós de verdadeiras bússolas nesta jornada.

Num segundo momento a escuta da recolha de dados transformou-se num substancial material onde a partir daí começámos a erigir os primeiros significados e sentidos acerca do que a educação representa na vida destas pessoas. O nosso entusiasmo ao realizar este estudo cresceu ainda mais e proporcionou-nos imenso prazer, uma vez que sentimos que na maioria das falas

existia um desejo de que as suas vozes pudessem ser ouvidas e tivessem o poder de mudar o rumo dos seus trajectos de vida.

Fizemos constantes avaliações a cada capítulo interagindo as palavras-chave, elementos estanques, porém verdadeiras luzes para a construção deste trabalho. Assim o texto foi elaborado, ganhou corpo e sua trajectória ganhou vida.

A imigração feminina brasileira em Portugal é um facto real, facto que açambarcou uma realidade diversa de outros tempos, visto que hoje a mulher actua como ser peremptório nas decisões de mudança e quando migram o fazem com objectivos e metas a cumprir. Nesta caminhada o nosso olhar foi para o contexto da educação e, em concreto, para a educação de mulheres que chegam a Portugal com assaz determinação.

Como se verificou ao longo deste trabalho, os discursos das entrevistadas estabeleceram muitas ambiguidades e fizeram-nos compreender as causas e os efeitos de tantos projectos não terem sido levados por diante. Mostrou-nos que nem sempre as decisões de mudança e os projectos trazidos com elas estão atrelados à verdadeira realidade.

Os depoimentos das mulheres entrevistadas revelaram também uma consciência positiva em relação ao valor atribuído à educação na vida de qualquer pessoa; esse conceito foi absorvido, mas em contrapartida entendemos que a maneira pela qual foi passado, muitas vezes limitado, fez com que ele não se tornasse eficaz.

Constatamos que muito do potencial destas mulheres é desperdiçado em detrimento da falta de tempo devido à necessidade de trabalhar, embora também tenhamos verificado que, muitas vezes, elas dão prioridade ao trabalho, mesmo sem necessidade, e adiam o estudo por opção.

Observamos ainda que, para além de suas escolhas, muitas questões burocráticas interferem no processo de integração de quem migra, impossibilitando a inserção social das mulheres imigrantes.

Deste modo é nossa intenção que este estudo possa promover uma reflexão a partir dos dados aqui apresentados com o intuito de abrir espaços para discussões, para compreender que se torna necessário sobrepor uma visão diferente perante um mundo multicultural onde, como já dizia o nobre visionário autor português Fernando Pessoa "... que o oceano não fosse uma

fronteira natural de separação, mas de união” e de compreender que todos somos, em algum momento de nossas vidas, imigrantes temporários ou não.

Apesar de algumas dificuldades sentidas com esta investigação, cremos que ela contribuirá para desenvolver novos olhares sobre tão infindável, fascinante e pertinente tema.

Bibliografia

- Alves, B. M., & Pitanguy, J. (1991). *O que é feminismo*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bento, R. A., Martins, A. L., Dias P., Machado R., Sousa P. & Francisco, C. (2010). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo – 2009*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K (1994). *Investigação qualitativa em educação: introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Branco, P. (2008). Do Gênero à interseccionalidade sobre mulheres, hoje e em contexto europeu. *Revista Julgar – (4)*, pp. ?-?.
- Carvalho, M. (2008). A Imagem dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa portuguesa. *Trajectos*, (12), pp. 21-27.
- Charlot, B. (2007). Educação e Globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate. Texto da conferência proferida na Faculdade de Psicologia e de Educação da Universidade de Lisboa, a 14 de março de 2007. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, N^o4, pp.129-136.
- Daniel, J. S. (2003). O compromisso de Dakar: A relevância dos legisladores – educação para Todos: o que é necessário? Recuperado em 10 fevereiro, 2012 de <http://portal.unesco.org/education/en/ev.php>
- Duarte, L. M. N. (2010). *Formação de professores: Limites contemporâneos e alternativas necessárias*. São Paulo: Cultura académica.
- Dutra, V. M. (2005). *Renasce Brasil: reformas culturais e econômicas inspiradas na ética bíblica*. 2^a Edição. Vitória: Projeto Renasce Brasil.\
- Estrela, A. (1990). *Teoria e prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores*. 4^a ed. Porto: Porto Editora.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Freire, P. (2000). *Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. Editora UNESP.
- Ferreira, A. B. H. (1997). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Godoy, A. S. (1975) Introdução à pesquisa qualitativa e possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 32 (2), pp.57-63.
- Lee, E. S. (1966) Uma teoria sobre a migração. In H. A. Moura (org) *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza, BNB/ENTENTE, 1980, pp.89-114.
- Machado, I. (2006). Imigração em Portugal. *Dossier Migrações*, (20), pp.119-135.
- Malheiros, J. (1996). *Imigrantes na região de Lisboa: Os anos da Mudança*. Edições Colibri, Lisboa.
- Marques, J.C., & Góis, P. (2012). *A emergência das migrações no feminino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Matos, K. S. L., & Vieira, S. L. (2001). *Pesquisa educacional: o prazer de conhecer*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE.
- Mallard, S. D. S. (2012). A mulher no século XXI. *Folha do Médio Norte*. Recuperado em 15 abril, 2012 de <http://www.afolhadomedionorte.com.br/2012/03/08/a-mulher-no-seculo-xxi/>
- Manzini, E.J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In M. C. Marquezine M. A. Almeida & S. Omote (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: eduel pp.11-25.
- Manzini, E. J. (1990/1991). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, pp. 149-158.
- Miranda, J. (2010). Gênero e migrações: mulheres imigrantes em Portugal. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia da Universidade do Minho.
- Moura, C. (1975). *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel*. São Paulo: Resenha Universitária.

- Nascimento, M. E. T. (2009). O papel da mulher na sociedade moderna. *Afinsophia*. Recuperado em 09 abril, 2012 de <http://afinsophia.com/2009/03/07/o-papel-da-mulher-na-sociedade-moderna>
- Paganotti, I. (2007). *Uma certa libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado – o Brasil dos correspondentes internacionais*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo.
- Peixoto, J. & Figueiredo, A. (2006). Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In I. J. R. Machado (Eds.), *Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar.
- Priore, D. M. (1997). *História das Mulheres no Brasil*. Editora Unesp e Editora Contexto.
- Randazzo, S. (1996). *A criação de mitos na publicidade*. Tradução de Mário Fondelli - Rio de Janeiro: Rocco.
- Rocha-Trindade, M. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rousseau, J.J. (1999). *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Pontes
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Silva, M.C.V. da (2008). *Diversidade cultural na escola: encontros e desencontros*. Lisboa: Edições Colibri.
- Todaro, M.O. (1969) A migração da mão de obra e o desemprego urbano em países subdesenvolvidos. In H. A. Moura (org). *Migração interna: textos selecionados*, Fortaleza, BND/ENTENTE, 1980, p.145-172, 722 p.
- Touraine, A. (2006). *O Mundo das mulheres*. Instituto Piaget.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- UNESCO (2010). EFA Global Monitoring Report 2010: Reaching the marginalized. Unesco publishing e Oxford University Press. Recuperado em 15 abril, 2012 de <http://www.unesco.org/new/en/education/themes/leading-the-international-agenda/efareport/reports/2010-marginalization/>

- Valim, A. (1996). *Migrações: da perda da terra à exclusão social*. São Paulo: Atual.
- Vianna, C. (2003). *A Comunidade Brasileira em Portugal*. Policopiado.
- Yin, K. R. (2001). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Gulbenkian Migrações 2011. Fundação Calouste Gulbenkian.
- SEF - Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo (2010). <http://sefstat.sef.pt/relatorios.aspx>.
[Acedido em 08-02-2012]
- Tréfaut, (2004). *Lisboetas* (Filme/Vídeo). Documentário Lisboetas. Prod. Faux.Sérgio Tréfaut. Portugal. Vídeo Digital (DUCAM 10 min. (cinema) - Distribuição Atlanta Filmes. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5pZhh047ibU>. [Acedido em 17-11-2010]

ANEXOS

ANEXO I: Questionário

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem por objectivo efectuar uma breve caracterização sócio-demográfica.

Está garantida a confidencialidade dos dados fornecidos.

1- Idade:

2 Escolaridade(números de anos de estudo com sucesso):

3- Grau académico atingido:

4- No momento estuda?

Sim() Não()

5- No momento trabalha?

Sim() Não()

6- No momento estuda e trabalha?

Sim() Não()

7- Tem filhos?

Sim() Não()

8 Caso a resposta acima tenha sido sim: Quantos:

9- Profissão actual:

10- Estatuto Conjugal:

Casada: () Divorciada: () União de Facto: ()

Separada: () Outro: ()

ANEXO II: Guião da Entrevista

Tema: A mulher imigrante brasileira e as suas perspectivas de estudo.

OBJECTIVO GERAL:

Investigar que factores tornam possível ou não a inserção da mulher brasileira no contexto educativo português.

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES
A - LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA E MOTIVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">• Informar sobre o que pretendemos nesse trabalho de investigação.• Assegurar o carácter confidencial das informações.
B – MIGRAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• Compreender quais razões que deram origem às decisões de migrar.	<ul style="list-style-type: none">• Por quê decidiu ou decidiram migrar?• Você veio sozinha, com a família ou com amigos?• Qual o seu tempo de permanência em Portugal?• Você tem algum conhecido em Portugal?
C – NÍVEL DE ESCOLARIDADE	<ul style="list-style-type: none">• Saber qual o nível de escolaridade das mulheres imigrantes.	<ul style="list-style-type: none">• Qual é o seu nível de escolaridade com sucesso?• Actualmente você estuda? O quê? Por quê?
D – EDUCAÇÃO E PLANEAMENTO	<ul style="list-style-type: none">• Investigar se existe no ato de migrar algum planeamento voltado para a continuidade dos estudos.	<ul style="list-style-type: none">• Quando decidiu migrar estudar fazia parte dos seus planos?• E hoje o estudo ainda faz parte de seus planos? Por quê?

<p>E – UNIVERSO EDUCACIONAL</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a visão que as mulheres têm sobre a educação. • • • Saber que importância atribuem à educação nas suas vidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a importância que você atribui ao estudo em sua vida? • Você considera que existe algo que facilite/possibilite o retorno aos estudos? • E algo que dificulte? • Você foi criada em um ambiente que valorizava o estudo? • Você tem filhos? Como é/ seria sua conduta concernente à educação deles? • Você considera que o estudo possa impedir algum tipo de preconceito? Como?
<p>F - INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Obter outros elementos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Deseja acrescentar algo que considere importante relativamente ao que já disse ou que queira acrescentar?

ANEXO III: Autorização para o uso de voz e imagem

AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE VOZ E IMAGEM

Eu, _____, concordo em participar da investigação proposta por Rosane Helysabette Bronzo Vieira Neves sobre *A mulher brasileira imigrante no contexto educacional português: Limites e Possibilidades* e sei que posso desistir de participar a qualquer momento.

Deixo que usem na pesquisa e mantenham guardadas na Universidade Nova de Lisboa - UNL as minhas falas, a minha entrevista ou outros trabalhos feitos por mim.

Autorizo, ainda, que sejam feitas imagens a partir de filmadora, para uso da pesquisadora e para fazer parte do acervo mantido pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Nova de Lisboa – UNL.

Por ser verdade, firmo o presente.

Lisboa, _____ / _____ / _____

ANEXO IV: Metas estabelecidas pelo Fórum Mundial de Dakar

1ª – Eliminar as disparidades de gênero na educação primária até 2005, e alcançar a igualdade de gênero em 2015, com ênfase no acesso pleno e igual das meninas à educação básica de boa qualidade;

2ª – Garantir que todas as crianças, especialmente meninas e crianças em situações difíceis, tenham acesso à educação primária gratuita e de qualidade até 2015;

3ª – Assegurar que as necessidades de aprendizagem de todos os jovens e adultos sejam atendidos mediante acesso equitativo a programas de aprendizado e de habilitações adequados para a vida;

4ª – Ampliar e aperfeiçoar o cuidado e a educação voltados à primeira infância, especialmente aquelas em situações difíceis e vulneráveis;

5ª – Melhorar a qualidade da educação, de modo geral; e

6ª – Aumentar em 50% os níveis de alfabetização de adultos até 2015, e em particular o caso das mulheres, assim como acesso equitativo dos adultos à educação

ANEXO V: Relatório de acompanhamento das metas estabelecidas no Fórum Mundial em Dakar)

- O número de crianças na escola tem baixado 33 milhões em todo o mundo desde 1999.
- A proporção de meninas fora da escola diminuiu de 58 para 54% e a disparidade de gênero na educação primária está diminuindo em vários países.
- O número de mulheres alfabetizadas tem aumentado mais rápido do que dos homens.
- A desnutrição afeta cerca de 175 milhões de crianças por ano.
- A alfabetização permanece entre as mais negligenciadas de todas as metas da educação.
- Milhões de crianças estão deixando a escola sem adquirirem as competências básicas.
- Será necessário 1,9 milhões de postos de professores para atender a educação primária até 2015.

ANEXO VI: Entrevistas Realizadas

Faixa etária entre 29 a 39 anos:

Ida 25 anos

R: Boa tarde Ida. Bom eu queria perguntar para você o seguinte: são umas perguntas para a minha pesquisa. Porque é que você decidiu emigrar?

I: Na época como era nova, tinha 18 anos, eu não tinha nada assim em mente. Porque eu queria conhecer uma cultura diferente, só. Foi também para trabalhar mas a ideia era conhecer um lugar diferente.

R: E você veio sozinha ou você veio com alguém?

I: Vim com o meu marido. Casei lá no Brasil e vim com ele.

R: ok. E qual o seu tempo de permanência em Portugal?

I: 7 anos.

R: E você hoje, aqui em Portugal, você tem algum parente, algum conhecido, alguém que seja um ponto de referência para você?

I: Tenho, a minha mãe a minha irmã e alguns colegas que eu fiz aqui mesmo.

R: E a sua família veio depois que você se fixou aqui?

I: Depois. Depois que eu cheguei aqui, depois num ano a minha mãe chegou. E minha irmã faz 2 anos que tá aqui.

R: E eles vieram por opção mesmo ou porque tinham também alguma coisa para fazer aqui...?

I: Como opção também.

R: E qual o seu nível de escolaridade?

I: 2º grau. 2º ano completo.

R: E actualmente você estuda?

Iris: Não.

R: Porquê?

I: Porque eu não tenho tempo e devido também a horários de trabalho. Tenho um filho tenho a minha casa não tenho tempo e mesmo se tivesse tempo acho que não ia ter cabeça para conseguir estudar.

R: Para conseguir se concentrar no estudo...

I: Para me concentrar.

R: Ok. Quando você decidiu emigrar, estudar fazia parte dos seus planos?

I: Não, quando decidi isso não.

R: Você veio pra cá e não pensou nisso?

I: Não pensei. Não pensei terminar fazer faculdade, não pensei.

R: E hoje o estudo ainda passa pela sua cabeça?

I: Passa. Agora tenho a vontade. É assim é a vontade que eu tenho mas não tenho o tempo que eu queria ter para poder voltar.

R: Mas você gostaria de retomar os seus estudos?

I: Gostaria.

R: Qual é a importância que você atribui ao estudo na sua vida? Você acha que é importante estudar? O que é que você acha que isso pode trazer de bom pra você...?

I: Pra mim pode trazer de bom.

R: Melhorar alguma coisa? Modificar alguma coisa?

I: Sim pode melhorar na minha carreira profissional, especializar numa área e ter a minha profissão não ficar dependendo das outras pessoas. Eu acho que isso... eu acho que é importante ter a minha profissão.

R: Você acha que o estudo contribuiria para a sua profissão ficar ainda melhor? Contribuiria para o que você faz hoje?

I: Exactamente contribuiria, muito.

R: E o que é que você considera que seja assim difícil para uma pessoa que tá chegando num outro país para estudar? E o que você acha que seja fácil? O que acha que pode facilitar e dificultar o retorno ao estudo a uma mulher brasileira emigrante?

I: Possa dificultar também é falta de informação falta de ...você vai num lugar pergunta e eles dão uma informação depois você vai tentar fazer aquilo que eles falaram pra você e já não é aquilo tem de fazer outra vez, é uma burocracia, falta de informação foi o que eu também achei assim que eu cheguei. Não tava nos meus planos mas eu fui tentar saber como era aqui. Diziam uma coisa, noutra lado diziam outra e deixei para lá porque foi falta mesmo de informação.

R: E você acha que essa burocracia é um factor dificultador muito grande?

I: Poderia ser bem mais fácil.

R: E o que você acha que facilita? Existe alguma coisa na sua concepção que facilite esse retorno ao estudo? Você me deu um impossibilitador. E um facilitador?

I:...

R: Você não tem nada que possa facilitar?

I: Não.

R: E você foi criada num ambiente que valorizava o estudo?

I: É assim os meus pais... a minha mãe só fez a primária o meu pai fez o...terminou, depois de muitos anos ele foi terminar o lectivo lá no brasil mas mesmo assim ele sempre passou para mim e para a minha irmã, a gente dar importância ao estudo tanto que eu fiz até ao 2º grau completo não repeti nenhum ano, sempre notas boas. Eu sempre tive isso. Fui criada num ambiente que o meu pai e a minha mãe sempre falou do estudo. Me incentivaram.

R: E você tem filhos? Quantos?

I: Tenho, um filho.

R: E qual vai ser a sua conduta concernente ao estudo do seu filho?

I: Eu quero que ele faça uma faculdade. Em casa eu vou ensinar ele a valorizar mesmo o estudo eu quero que ele cresça que ele faça uma faculdade que ele não faça tudo o que eu fiz, parar e depois priorizar outras coisas e deixar isso de lado. Isso eu não quero.

R: Então você vai fazer com ele aquilo que não foi feito com você no caso...? Até houve uma vontade, mas não foi adiante?

I: Exactamente, é... isso que eu quero.

R: E você considera que o estudo possa impedir algum tipo de preconceito? A pessoa que estuda ela realmente consegue impedir o preconceito, se impor mais ou não? Isso não influencia nada?

I: Pode ter um pouco de facilidade para isso mas eu acho que não impede. Tem um pouco facilidade por ter mais conhecimento, não é, mas isso não impede. Pelo menos a mim não impede. Pode facilitar para a pessoa que tem estudo não é...para conhecer as leis conhece...para se defender melhor.

R: Quer dizer que a pessoa estudando ou não, não muda nada...?

I: Não. Não muda. Não muda.

R: Bom enfim e para terminarmos existe alguma coisa de que você gostaria, como mulher emigrante brasileira que não se encaixa hoje no contexto educacional português, existe alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

I: Não...

R: Ok então Ida. Boa tarde.

Vera 27 anos

R: Boa tarde Vera queria fazer umas perguntas para você sobre a minha pesquisa...primeira coisa porque é que você decidiu emigrar?

V: Olha na verdade eu já tinha uma irmã que morava ca em Portugal, a Ana, e pronto é uma irmã parte de pai. Eu terminei os estudos e ela perguntou-me o que estava a fazer eu na altura la no Brasil não tava tinha um cargo no governo mas não era nada de especial então terminei os estudos e resolvi vir arriscar para poder conhecer uma outra cultura tinha vontade nunca quis morar muito no Brasil porque pronto eu tinha sofrido muito com a criminalidade então eu resolvi ir para poder experimentar um outro estilo de vida mais calmo um lugar desenvolvido vir para a europa para mim era um primeiro passo não parar em Portugal mas era um passo inicial vir primeiro para Portugal pais de entrada e assim foi decidi vir e cá estou.

R:e você veio sozinha então?

V:eu vim sozinha foi, ela que já tava ca á minha espera mas eu vim sozinha.

R:então foi uma decisão sua?

V: decisão minha, tive de tomar sozinha.

R: e qual é o seu tempo de permanência em Portugal?

V:tenho 5 anos já.

R: ok. Você tem algum conhecido hoje em Portugal?

V: sim para além da minha irmã não é essa minha irmã já tem uma outra irmã que mora ca e sim agora sim casei ca com um português...

R: então você já tem residência fixa não é?

V:sim agora sim. Já estou presa aqui em Portugal.

R: ok e qual é o seu nível de escolaridade?

V: eu tenho o nível superior.

R: e qual é o teu curso?

V: design gráfico.

R: actualmente você estuda Viviane?

V: não. Aqui eu só tirei um curso de formação de formadores para dar formação mas não na minha área.

R: e você teria vontade de continuar estudando?

V: sim eu vim com esse intuito, fazia parte dos meus planos, porque queria dar continuidade.

Vim para trabalhar na minha área mas não foi assim muito fácil.

R: Hoje o estudo ainda é importante para você? Ainda faz parte dos seus planos?

V: sim, faz. Eu quero cada vez mais me poder dedicar agora eu estou ta mais restrita a questão do tempo.

R: do tempo em relação ao trabalho?

V: ao trabalho é, então ta mais complicado em relação a isso mas eu acho que é muito importante.

R: pois é eu vou te perguntar qual é a importância do estudo na sua vida?

V: eu acho que em todos os aspectos eu acho que o estudo leva você a conhecimento leva você a suas atitudes a tudo na sua vida as metas que você impõe na sua vida você sempre quer mais quando você estuda você sempre quer almejar algo melhor então não para por ai seja o que você faça abre caminhas exactamente você sempre quer obter mais conhecimentos de tudo e enriquece em todos os aspectos eu acho

R: e você considera o que é que facilita e o que impossibilita ao brasileiro quando chega aqui a mulher principalmente brasileira emigrante quando chega ao outro pais o que você acha que facilita e impossibilita ela retornar aos estudos?

V: no meu caso quando eu cheguei ca eu tenho o nível superior mas para já muita gente não acredita acha que o emigrante largou tudo vendeu a sua TV nunca passa a possibilidade dele vir fazer o que eu fiz simplesmente vir viver uma vida diferente acham que é sempre aquele coitadinho que vendeu a tv e o fogão para vir ter uma vida de emigrante que não foi o meu caso.

R: o teu objectivo então era continuar aqui, não é?

V: exactamente continuar quem sabe fazer um mestrado tudo na minha área mas tive dificuldade porque para já não tinha o B.I. que eles chamam pronto que é a permanência eu tava como turista primeiro eu vim arranjar contrato de trabalho mas na minha área e isso me dificultou que para já eles não acreditavam e o facto de eu dizer de não ter também a documentação dificultou ainda mais

R: então a questão burocrática dificultou...

V: burocrática também porque fui procurar saber em relação ás cadeiras da faculdade e logo ali eles taxaram que não dava e ia ser muito burocrático e ter de estudar ainda mais não sei

quantos anos para fazer a equivalência tinha as mesmas cadeiras mas mesmo assim eles queriam que estudasse mais anos como acontece com os dentistas chegam cá tem aquela cadeira mas porque eles querem medicina dentária acabam para o dentista que já é formado lá estudar mais 2 ou 3 anos, o que é um absurdo...

R: então isso no caso dificulta não é?

V: dificulta. É uma questão burocrática também, fora o preconceito o emigrante é... pronto a gente já sabe que o emigrante é sempre um pouco mais marginalizado, eles preferem dar preferência a um português do que a um emigrante.

R: e o que você acha que facilitaria como factor dificultador você já disse agora o que você acha que poderia facilitar o que você acha que torna mais fácil o emigrante voltar a estudar num país que não é o seu? Dar continuidade aos seus estudos?

V: eu acho que ter um conhecimento... e pronto conhecer já uma pessoa cá que possa te dar a mão, eu acho que o facto de você conhecer um português. No meu caso o meu marido. Muitas das coisas que me facilitou foi o facto de conhece-lo, e saberem também que sou casada com um português também facilita parece que as pessoas já me olham de outro jeito como se eu já fizesse parte do país é o que eu sinto diferente dos outros emigrantes que são casados com próprio brasileiros e “ah são dois coitados” e o facto de eu ser casada com um português eu acho que já me vêm de forma diferente. Modifica muito e não é mentira isso é mesmo verdade e eu converso com brasileiros que não são e têm muita dificuldade ate mesmo nas finanças “ah casada com português, ah ta bem” ate em questão de saúde eu chego lá “ah o seu marido é português?ahh” já olham com outros olhos.

R: agora em relação ao estudo?

V: em relação ao estudo ...

R: Ser casada com um Português então no caso seria um facilitador você colocaria isso como um facilitador ou nesse caso não?

V: humm já não vou por ai porque isso também depende muito da pessoa não é então já não tem muito ... eu acho que o facto também de ser casada com um português ou ter algum... acho que não. Isso depende mais da questão pronto é discriminativa em relação ao emigrante.

R: ok e você foi criada num ambiente que valorizava o estudo Viviane?

V: bastante. E venho duma família em que se não tenho um nível superior você não é ninguém então... e lá no Brasil então aqui quem não tem um estudo não é ninguém não é lá que vai sempre acabar numa caixa de supermercado ou numa lojinha de shopping.

R: hum hum. Você tem filhos?

V: tenho tenho uma bebé e por acaso ela é portuguesa...

R: e qual vai ser a sua conduta concernente ao estudo dela?

V: com certeza ela vai ter de estudar bastante para...

R: você vai cobrar isso dela?

V: muito. Venho duma família que cobra bastante, com uma irmã que é médica e um irmão que é advogado, sem querer desmerecer outras profissões mas são profissões que são bastante rentáveis não é e venho duma família em que o estudo é sempre em primeiro lugar .

R: e você vai querer passar essa mesma coisa que você aprendeu e recebeu para a sua filha...?

V: exactamente e o meu marido também idem a família então viemos de duas famílias que visam bastante a questão do estudo...

R: agora me responde a uma coisa você considera que o estudo possa impedir algum tipo de preconceito ou não?

V: olha verdade verdadeira a questão do preconceito não vem bem do estudo... é também a pessoa com menos estudo é capaz de ter mais preconceito... não acredito que sofra mais preconceito eu acho que o preconceito a pessoa se impõe independentemente do seu nível de escolaridade eu acho que a pessoa pode ser tanto uma feirante como também ser um advogado ou isso e conseguir se impor em maior preconceito agora acredito que aquela pessoa que não tem escolaridade que não seja uma pessoa com mais cultura possa ter mais preconceito do que uma outra que seja mais ... pronto com menos ou mais escolaridade ai sim eu acredito agora de se impor a questão do preconceito não se defender do preconceito não eu não sou eu não acho eu acho que não muda na minha opinião não.

R: ok você tem alguma coisa que nos não falamos em relação a mulher emigrante tentando voltar a estudar você gostaria de acrescentar ou você acha que foi falado tudo?

V: não eu acho é que é assim essa questão do preconceito com o emigrante vai muito da pessoa há pessoas que se deixam ficar marginalizados e há pessoas que sabem se impor sabem se impor e eu mesmo assim aqui nunca sofri nenhum tipo de preconceito em relação ao estudo e a nada pelo contrário as pessoas até se admiram que acham que eu tenho um Q.I. mais elevado em frente aos outros emigrantes mas isso é a forma como você se impõe a forma como você fala e aqui em Portugal a gente tem de saber quando a gente vem para um país que é um país mais formal a gente tem de ser mais aquele ditado tá em Roma tens de ser romano aqui as pessoas gostam mais de ser tratados por DR., Sra. dona Sra.. então a gente tem de tratar por

Sra. dona se as pessoas aqui se é essa cultura nós temos que se moldar á cultura que nós vamos viver e não tratarmos toda a gente o você ou se calhar senhora que aqui eles não consideram como um tratamento mais formal então a gente tem também de se moldar nesse aspecto respeitar a cultura alheia e se a gente se adaptar a isso nós não vamos ter problemas com a questão do preconceito.

R: ok muito obrigado Vera, boa tarde.

Vilma 28 anos

R: Boa tarde, Vilma, vamos fazer umas perguntas para a minha pesquisa, primeira coisa quando você decidiu emigrar você veio sozinha ou você veio com alguém? Como foi sua vida para cá?

V: Eu vim sozinha para Portugal, mas tinha familiares aqui, tinha pessoas que conhecia que me acolheram que me deram de apoio de início quando eu cheguei

R: Então você veio com outras pessoas?

V: Vim com outras pessoas, que estavam já aqui e que apoiaram a minha estadia logo do inicio, para me poder estabilizar.

R: E qual é o seu tempo de permanência em Portugal?

V: Eu estou há já 8 anos.

R: e você tem hoje algum conhecido que é um ponto de referência pra você?

V: Tenho tenho. Amigos que são como família que eu posso contar todos os dias.

R: e qual é o seu nível de escolaridade? você estudou ate que ano com sucesso?

V: eu estudei ate o meu segundo grau completo.

R: e actualmente você ta estudando?

V: não não estou estudando

R: e porque é que você não ta estudando?

V: o tempo trabalho horário dia a dia me limitou um pouco de estudar também foi preguiça dizendo assim mas nesse momento agora são os horários de trabalho eu trabalho em dois turnos e ai fica mais difícil pra conciliar o estudo.

R: então isso ai ta impedindo que você continua estudando...?

V: sim.

R: e quando você decidiu emigrar quando você veio pra cá estudar fazia parte dos seus planos?

V: fazia porque as pessoas que conhecia aqui... o meu amigo ele tava estudar arquitectura tava a estudar desenho projectos de arquitectura e ele me incentivava a estudar também quando chegasse aqui tirar um curso também estudar e vai que trabalhando não pus tempo na minha vida pra isso.

R: é esquisito que você vem então com o objectivo de estudar?

V: estudar também trabalhar e estudar.

R: esse foi o maior objectivo ah trabalhar e estudar?

V: trabalhar e estudar conhecer um país novo, aprender, mas estudar era uma das prioridades.

R: hum ta e hoje estudar ainda faz parte dos seus planos?

V: faz esse ano não porque já começou a universidade mas eu já fui na embaixada brasileira pedir os documentos de escolaridade de la uma declaração que é preciso para em Março começar a... inscrever me na escola publica para poder fazer a universidade.

R: então você ainda pensa em fazer isso, pensa em estudar ainda?

V:penso penso, quero estudar.

R: e porque é que você quer estudar?

V: porque eu acho que para o meu crescimento pessoal eu trabalho na área comercial e eu acho que posso desenvolver mais coisas nessa área que eu gosto estudando tirando outros cursos para poder aprimorar tem um mercado muito grande no mercado comercial e eu posso vender muita coisa posso trabalhar em muita coisa mas ajuda se tiver uma formação se tiver um curso ajuda muito

R: hum hum ok e qual é a importância que você atribui ao estudo na sua vida? Você acha que o estudo é importante pra quê?

V: na minha vida acho que é o conhecimento pessoal e o crescimento pessoal eu acho que qualquer pessoa se estuda se aprimora os conhecimentos sempre ajuda na vida no lidar com as outras pessoas no trabalho profissionalmente, pessoalmente e profissionalmente acho que é importante acho que qualquer pessoa cresce estudando e conhecendo.

R: ok e você consideram que existe assim duas coisas: o que você considera que facilite o retornar os estudos num país que não é o nosso que não é o seu o que é que você considera importante e o que você considera fácil facilidade o que você acha que possibilita o que é que torna possível estudar no país que não é o seu e o que torna realmente difícil você tornar a estudar?

V: aqui em Portugal eu acho que é a língua a língua ajuda imenso porque falamos português e facilita a pessoa conhecer e estudar e aprender a língua acho que é importante. O que dificulta é a cultura. Nós temos uma cultura completamente diferente da deles e isso é a parte que vai dificultar eu começar a estudar e voltar que o tempo que eu passei sem estudar também vai dificultar um bocadinho mas não é por conta do país nem isso.

R: seria em qualquer lugar...?

V: seria em qualquer lugar seria assim mas a língua eu acho que é um facto que possibilita e que dificulta também porque se tivesse noutro país que fala inglês...

R: é mas no caso de Portugal no contexto educacional português você acha que o que possibilita é a língua e o que dificulta...?

V: é irónico mas eu acho que também não é a língua mas é a cultura pelo modo de estudo o modo de ensino deles que é um pouco diferente do nosso.

R: voce vencendo essas duas coisas essa questão da cultura você torna mais fácil o retorno aos estudos

V: sim sim vemos muitos brasileiros a estudar que vieram fazer intercâmbio e que todo o mundo aprende isso é uma questão e esforço é só.

R: e você foi criada num ambiente que valorizava o estudo ou não?

V: sim os meus pais sempre exigiram que nós estudássemos na altura não tinham muitas condições para investir nos estudos de nós dos 3 filhos mas o que eles puderam fazer para nós concluirmos o 2º grau que era um ponto importante eles fizeram. Sempre incentivaram sempre deram a possibilidade de a gente estudar na maneira deles na condição deles deram a possibilidade de a gente estudar.

R: ok. E você tem filhos?

V: não.

R: e como seria ou como será, quando você tiver os seus filhos, a sua conduta em relação aos estudos?

V: vai ser a mesma que os meus pais deram me e incentivar a estudar a concluir o estudo mínimo seja o 2º grau para depois investir e se eu puder como mãe dar a oportunidade a eles de só estudar numa fase da vida deles quero que não tenham trabalho que neste caso os meus pais não tinham grande condição de eu só estudar infelizmente mas incentivaram me. Se eles tivessem condições tinham dado muito mais estudos e eu quero se puder trabalhando e estudando dar a eles isso que eu não tive.

R: ok, ótimo. E você considera que o estudo possa impedir algum tipo de preconceito? Você acha que o estudo impede realmente que você não sofra nenhum tipo de preconceito? Como é que é isso para você?

V: eu acho que não é bem o estudo eu acho que é o carácter e a maneira de ser de cada pessoa que impede de qualquer coisa mas não acho que por ser formada ou por ter um curso superior ser médico ou qualquer outra profissão que vai me impedir de viver e ter uma vida normal. Não. Ajuda imenso influencia muito o estado diz tudo de cada um mas não interfere na minha vida.

R: Não interfere em você sofrer nenhum tipo de preconceito não?

V: não acho que não.

R: você acha importante seria o quê no caso?

V: é a postura de cada um a educação que a pessoa tem a maneira de estar a educação que nossos pais nos deram que ajuda as pessoas se manter bem na sociedade tem pessoas que são muito bem-sucedidas que não têm estudo nenhum por exemplo e outras que têm muito estudo mas que não influencia em nada não fazem nada.

R: bom você gostaria de acrescentar alguma coisa que nós falamos que teria alguma coisa que você gostaria de dizer que não houve espaço para você falar? Ficou alguma coisa que você...?

V: não acho que as perguntas são directas mas o que eu acho é que nunca é tarde para a pessoa empenhar em estudar nunca é tarde a minha mãe tem 47 anos e ta a fazer a faculdade agora e isso é um orgulho para mim e acho que nunca é tarde as pessoas tem de estudar tem de crescer mesmo nuns pais que não é o seu até porque aprende a cultura aprende o modo de vida de cada um no país tem pessoas que viajam o mundo todo para conhecer um bocadinho do país e vão estudando vão fazendo curso vão fazendo coisas pra aprimorar acho que é importante.

R: Muito obrigado então e boa tarde pra você.

Telma 29 anos

R: Bom dia Telma vou fazer umas perguntas a você. Primeira pergunta: Porque é que você decidiu emigrar, ou decidiram não sei se você veio com alguém, essa decisão foi tomada porquê?

T: Bom eu vim sozinha e decidi porque é assim eu trabalhava na industria , eu sou Baiana, e lá na Baía eu trabalhava no complexo petroquímico e ai com a crise no Brasil, 10% do quadro foi demitido e eu também fui e pronto como eu já recebi uma indemnização decidi abrir um negocio aqui em PT com uma amiga que foi a minha referencia aqui e ela já morava aqui

também algum tempo e pronto vem que a gente monta um negocio relacionado com pão, um pão que eu faço e pronto ela disse vem pra cá que a gente monta esse negocio. Foi o que eu fiz, eu vim, deixei tudo lá e vim pra cá mas assim não foi bem .

R: Em princípio o objectivo foi esse montar alguma coisa aqui por causa da situação que tinha acontecido no Brasil?

T: Exacto. Mas assim como em outro país a gente vai pra Europa a gente pensa obviamente fazer um curso uma especialização, alguma coisa desse tipo, e pronto foi quando eu pensei bom eu vou com esse objectivo mas nunca vou perder o foco assim que eu puder fazer alguma coisa um curso ou especialização na minha área de economia.

R: E bom, qual o tempo de permanência aqui?

T: 5anos e meio.

R: E você disse que você veio com uma amiga, você continua com essa amiga?

T: Na verdade eu não vim com ela, eu vim sozinha, mas ela já morava aqui.

R: Essa referência você tem ainda?

T: Isso tenho, tenho. Ela já mora aqui há mais tempo que eu e ela tá tranquila, trabalha aqui na área dela, contabilista e pronto...tem a vida dela tá casada, casou com um português pronto e a gente tá sempre se falando só que não deu certo a questão da montagem do negócio por causa do primeiro marido dela, que queria entrar no negocio de qualquer jeito, mas a gente tinha combinado que seria uma coisa entre nós duas ate porque eu tenho o “know-how” e passei para ela e ele não teria muita função na empresa, e como ele viu q era algo q realmente dava porque eu cheguei a fazer, não em forma de empresa mas forma individual comecei a fazer essas coisas ele viu q dava e quis entrar mas enfim a gente não quis.

R: Qual é o seu nível de escolaridade?

T: Como eu falei sou economista e por isso mesmo queria fazer o curso de especialização aqui, de gestão ou até mesmo depois um mestrado... sei q vou ter mto que estudar e acho que o estudo é tudo na vida de uma pessoa.

R: Então a ideia era você fazer uma especialização, alguma coisa, em função do que você já tinha?

T: É com o meu curso, depois mudou um pouco pensei fazer direito, eu vi q aqui é...eu sempre quis fazer direito no Brasil, e aqui também me deu essa vontade.

R: Pois é você tá estudando agora, não?

T: não, agora não tou estudando, mas depois de um tempo dessa questão de fazer pão e não fazer eu falei “sabe vou fazer um outro curso, outra graduação na europa, eu acho que ia...E pronto a área de direito é muito especifica para cada pais porque cada país tem a sua constituição e no inicio ate ponderei isso “ah vou estudar a constituição de outro pais mas pô se estou aqui, gosto de morar aqui, é um bom pais para se morar, pelo menos era agora com esse pacote divulgado ai pelo governo já não sei mas pensei mesmo fazer direito. Já cheguei a pesquisar os cursos, os preços inclusive a universidade federal aqui tem só uma propina, fixa e você paga aquela valor e estuda, no Brasil o curso de direito é muito mais caro e aqui tenho maior facilidade nesse aspecto financeiro.

R: Bom eu ia perguntar se o estudo faz parte e realmente o estudo faz parte dos seus planos?

T: Sim sim.

R: Não é uma coisa que acabou é isso?

T: Não não.

R: E quando você decidiu já tinha essa ideia também de fazer alguma coisa aqui em relação ao estudo, não parar totalmente né?

T: Não ai, quando eu decidi vim para ca ate comentei com a minha mãe “mãe estou indo para Portugal quero montar aquele negocio que te falei com a Xirlei e pronto assim q as coisas estiverem caminhando, vou dar prosseguimento e vou fazer o curso de especialização porque eu não pensava ainda fazer direito aqui. Eu cheguei a fazer direito no Brasil mas não terminei. No inicio enfim fiz um semestre só e por isso fiquei com essa pulguinha de querer fazer direito

R: E qual a importância q você atribui ao estudo em sua vida?

T:Olha pra mim estudo é a base d tudo, eu acho que uma pessoa q estuda, o conhecimento nunca é de mais Eu acho q estudar, ler é algo que devia fazer parte da vida de todas as pessoas, mas infelizmente nem todo o mundo tem essa condição. Graças a Deus os meus pais sempre me proporcionaram escolas boas, estudei nos salesianos aqui até tem salesianos estudei a vida inteira nos salesianos, colégio de padres, colégio assim um pouco rígido e ao mesmo tempo assim não era muito rígido. Mas tinha aquela coisa de você ir à missa dá pra você um noção religiosa mesmo q você não siga nê? Dá uma noção de tudo.

R: Dá uma base nê?

T: É dá uma base. Depois fiz a universidade católica também é assim na universidade já muda um pouco, mas também existe essa linha e pronto, eu acho que o estudo na vida de uma pessoa é tudo, é muito importante.

R: Agora, você como mulher brasileira, o que é que você considera que seria assim um facilitador e um possibilitador? Para você ter a oportunidade de estudar em outro país? O que acha que pode facilitar e o que acha que pode impedir?

T: Pra mim é assim: uma coisa boa disso é o facto, como eu falei, do preço porque é muito mais em conta. A gente pode, financeiramente é mais barato, por exemplo o curso de direito eu cheguei a pesquisar dá em torno de 1200 euros anual, um valor anual, e isso dividido fica em 400 euros. E você não acha isso no Brasil. Para fazer uma faculdade eu pagava 600 reais por mês no meu curso durante 5 anos, e então é assim é muito mais barato, então esse é um aspecto que considero positivo. O negativo é o facto de você ter noutro país você precisa trabalhar você às vezes não tem horário para encaixar esses estudos, e a questão também de por exemplo eu moro em cascais as melhores universidades tao em Lisboa então tem a questão do transporte que às vezes dificulta um pouco para mim, no meu caso específico, e que mais? Á sim tem também a questão da residência quando você chega no país você...

R: Questão da burocracia?

T: Isso, você tem de ter uma residência, aí você de algum jeito... eu tenho residência hoje por contrato de trabalho, mas você pode tirar também. Algumas pessoas vêm com visto de estudante que não foi o meu caso. Então é assim eu não sei como funciona exactamente situação do visto para quem já está aqui. Pra quem tá no Brasil vim como eu fiz no Canadá, eu estudei no Canadá e fui com o visto de estudante para lá estudei inglês e voltei, pronto. Aqui como eu já vi passei os três meses que tem, e você fica ilegal. E depois fica mais complicado você estudar porque você tá ilegal no país, fica complicado pra tudo até você conseguir o visto de permanência que agora eu já tenho, quer dizer, de permanência temporária né, tem de renovar e é isso aí e eu acho que a questão maior é essa mesmo de você ter de trabalhar.

R: Então seria primeiro a questão financeira né, que você acha que é um facilitador porque é mais barato e a segunda...?

T: É mais barato mas também é uma coisa que, por mais que seja barato você precisa ter como pagar isso, e pra isso tem de trabalhar e sem conseguir trabalhar você não consegue estudar não é...

R: Então o q dificultaria seria a questão do tempo do trabalho e das questões burocráticas seria isso...hum hum. E você foi criada num ambiente que valorizava o estudo?

T: Sim sim. Os meus pais sempre valorizaram isso. A minha mãe é formada em turismo, o meu pai não terminou a faculdade mas chegou a fazer engenharia e assim sempre valorizaram isso, minha mãe, estudarem comigo, de me ensinar, de perguntar, de me cobrar, de me incentivar sempre...

R: Você tem filhos?

T: Não não tenho filhos.

R: E você tendo filhos se tivesse não, você pode ter nê, você tendo seus filhos qual vai ser a sua conduta em relação à educação deles?

T: Olha vai ser qualquer coisa assim... espelho da minha porque eu acho que como eu falei pra você estudar educação é a base de tudo, e abre portas. Então é assim eu quero que o meu filho tenha um bom nível de escolaridade, que ele estude tudo o que puder os curso que ele puder fazer ou ela ne (risos) e pronto. Eu quero que os estudos não parem cedo. Eu quero q eles terminem e se puderem fazer o que quiserem lógico que a gente não manda nos filhos mas t sempre incentivando ate que cheguem até ao doutorado. E eu acho que também vai depender muito do q eles querem. Acho que a educação vai muito também da casa e se você incentiva, se você ta sempre ali com o seu filho e mostra a importância disso, valoriza isso naturalmente as coisas acontecem.

R: E você considera que o estudo possa impedir algum tipo de preconceito? A pessoa que estuda ela se impõe? Você acha que impede de alguma forma o preconceito?

T: Com certeza. Eu acho q impede assim em partes. Lógico que mesmo que não tenha estudo você pode se impor de outra forma, mas eu acho que normalmente você conhece alguém sabe que a pessoa estudou , estuda ou que se preocupa com isso, tem nível, que sabe conversar, que não fala errado, que você vê que é uma pessoa que teve escolaridade... Você olha de outra forma isso é um facto. Não adianta a gente dizer que não porque é você conhece alguém” ah não sei que medico ah é poxa vida legal” e você vai e conversa e quer saber e pronto e é normal agora em muitas vezes você conhece alguém que você vê já fala errado q não tem educação que não teve mesmo educação não é q você vai discriminar aquilo que nem toda a gente tem acesso á educação né, não é por sua culpas mas eu acho q essa pessoa ela perde um pouco sim nesse momento ate na situação de trabalho e emprego não é medo que você sabe se expressar sabe se falar sabe se colocar e mostra que você tem nível mesmo que você estudou

que você é preparada para aquilo, e estou falando em relação ao trabalho, muda, muda tudo até aqui em outro país sabe porque aqui você sabe você pode ter estudado o que for lá você aqui é um emigrante até você se conseguir impor e mostrar o seu valor, você é um emigrante e então depois que você começa a conversar com eles, falo agora em específico com os portugueses, você com ela a conversar e eles percebem que você não é uma pessoa que saiu do interior que veio sei lá de repente tenha vida para construir uma casa própria que muita gente faz isso você tá aqui tem o seu valor você se preocupa com isso e você tem o mesmo nível eles te olham de outra forma, eles falam de outra forma eles te respeitam sim eu acho que ...

R: Através do estudo você consegue... você melhora essa relação e impedir realmente que você sofra algum tipo de preconceito?

T: Eu acho que assim não sei se impede mas eu acho que é um catalisador entendeu? Eu acho que é assim o estudo está diretamente proporcional ao respeito

R: Então você acha que talvez ele não impeça em princípio, mas que pode ser que depois isso dilua?

T: Não. Porque é assim, a gente não pode deixar de colocar que existem pessoas que são preconceituosas e pronto independente do que você é médico ou você é faxineiro certo? Então eu acho que, sei lá, em questão de porcentagem, sei lá, vamos colocar aqui 80% das pessoas e isso eu tô lutando, te respeitem sim pelo facto de você ter um estudo e tal mas sempre tem aquelas pessoas que não tá nem aí pra o que você faz e que são preconceituosas mesmo entendeu, e acho que sabe são pessoas que fala "é brasileiro", sabe tá nem aí é brasileiro não quero nem saber disso quero saber que você é brasileiro e tá no país dele e de repente tá cheirando a vaga de trabalho deles, que muitos deles pensam dessa forma ah póxa tem que dar trabalho aos portugueses e não pra esses brasileiros que vem pra cá tirar vaga sabe, eles têm mesmo o pensamento meio assim retrogrado e enfim você sabe muito bem que você tá aqui, você sabe muito bem que os brasileiros contribuem, e muito, pra economia do país mas só para não perder o foco eu acho que sim que o preconceito ele tipo assim ele não deixa de existir mas é uma coisa que minimiza muito assim o estudo. Eu acho que as pessoas respeitam mais as pessoas.

R: Obrigada então...

Faixa etária entre 30 a 39 anos:

Márcia 31 anos

R: Bom dia Marcia, primeira pergunta porque você decidiu emigrar?

M: Bom na verdade eu decidi emigrar porque o meu marido veio para cá. Na realidade eu nunca quis sair do Brasil porém tive de abrir mão porque ele veio então eu tive de vir junto mas nunca queria vir para cá

R: Então foi uma opção dele?

M: Foi uma opção dele exactamente.

R: Então eu ia te perguntar se você veio sozinha quer dizer você veio você ate veio sozinha mas ele já tava aqui te esperando?

M: Sim ele veio primeiro e apos 9 meses eu vim.

R: Ele veio em trabalho?

M: Ele veio não veio em trabalho na verdade veio mesmo tentar vir através da irmã dele veio para cá sem perspectivas nenhuma, chegou aqui ele começou a trabalhar apos 9 meses foi quando eu vim para cá quando ele tava tudo acertado ai foi quando ele decidiu que já tava na hora de eu vir.

R: hum hum ok e qual é o seu tempo de permanência aqui em Portugal? Quanto tempo você já esta aqui?

M: Agora em Novembro dia 26 faz 5 anos que estou cá.

R: E você tem algum conhecido aqui você fez alguma amizade essa pessoa que tinha quando você veio continua aqui?

M: Sim sim, continua aqui que é a irmã do meu marido e amizade a gente sempre fz um aqui outro ali mas nada de importante

R: E qual é o seu nível de escolaridade você estudou ate que ano?

M: Eu fiz o segundo grau completo.

R: E actualmente você esta estudando?

M: Não eu não estou estudando

R: E porque você não esta estudando?

M: Acho que perdi um pouco o interesse, a realidade é essa, eu já acho que já não tenho paciência para estudar, eu comecei a trabalhar muito cedo, depois estudei ate ao segundo grau e quando estudava já trabalhava junto. Então achei que ficava muito cansativo estudar e trabalhar ao

mesmo tempo, então eu tive de abrir mão de alguma coisa e acabei por abrir mão do estudo porque a gente tem de trabalhar .

R: E estudar ainda faz parte dos seus planos ou você acha que não tem mais essa volta aos estudos?

M: Não, não faz parte dos meus planos.

R: Seria só o trabalho hoje em dia...?

M: Seria só o trabalho. Exactamente. Já não me vejo estudando, se calhar isso pode mudar daqui a uns tempos não sei ...

R: Porque é que você não se vê estudando?

M: Ai é muito difícil estudar e trabalhar ao mesmo tempo a partir do momento que tu casa e tem a casa, tem o marido, ainda não tenho filhos, mas acredito a tendência é piorar depois vem filho é mais um trabalho á parte e eu acho que o estudo vai ficando em ultimo caso. Acho que é mesmo falta de força de vontade é uma coisa que se calhar, se eu trabalhar isso, depende de mim pode ser até que no futuro ne... o futuro a Deus pertence a gente nunca sabe mas no momento não não penso...

R: Não faz parte dos seus planos mas você também não tira totalmente a possibilidade?

M: Não descarto não.

R: Ta e qual é a importância que você atribui ao estudo na sua vida? Ou você não atribui? O que é o estudo pra você hoje?

M: Olha, eu acho que o estudo é a base de tudo a educação, acho que é o começo de tudo na vida da gente. A gente já começa quando cresce, os pais põem a gente na escola e tudo o que a gente aprende é em benefício do estudo, não é e estudo e tudo o que eu sei hoje e a educação que eu tenho tudo bem que foi os meus pais que deram, mas tudo é através do estudo. Acho que o estudo é a base de tudo, se a gente estudar a gente consegue muita coisa.

R: E o que é que você considera que facilite ou que impossibilite essa volta do estudo num país que não é o seu?

M: Ah é muito difícil, aqui é muito difícil, eu tenho ouvido casos de colegas minhas que aqui é uma rejeição muito grande para emigrante estudar. Tem muita coisa, e a aceitação da gente emigrante é muito complicada é o que eu tenho ouvido né? nunca tentei mas o que eu tenho ouvido inclusive eu tenho uma amiga minha que queria tentar fazer nutrição né? mas ela não conseguiu. É muito complicado... as portas pra ela não se abriram facilmente, ou seja, não se abriram nê, ela procurou, tentou, eu acho que isso acaba por frustrar a pessoa. Você tenta tenta

tipo no país da gente já é difícil mas no outro país ainda é mais difícil, ainda você acaba por desistir do seu sonho e quem gosta mesmo de estudar quer levar uma carreira a sério em relação aos estudos quando vem assim para fora eu acho muito complicado e muita gente acaba por desistir.

R: quer dizer então que você não consegue enxergar ou você consegue isso não entendi algum facilitador você só tá conseguindo enxergar o que dificulta?

M:É aqui eu só consigo enxergar no momento a dificuldade, a facilitação não consigo enxergar no momento

R: Não há facilidade nenhuma né?

M: Não. Eu como pessoa nunca vi facilidade não muito difícil.

R: E você elegeria como um impossibilitador disso a questão mesmo do tempo ou o que seria pior? O que seria mais importante seria o tempo? A burocracia?

M: Eu acho que a burocracia é o pior. O tempo a gente sempre quando se quer uma coisa acho que sempre se consegue.

R:E você foi criada num ambiente que valorizava o estudo ou não?

M: Sim, eu fui criada num ambiente que sempre valorizou e eu fui criada com os meus avós. Vim de família muito humilde, mas eles sempre me incentivaram a estudar. Fui para escola muito cedo, mas sempre meus avós falavam “ estuda estuda q é o melhor caminho” e estudei fiz o segundo ano completo e depois tive de abrir mão conforme eu disse por causa do trabalho.

R: Caso você venha a ter filhos qual é que vai ser a sua conduta em relação ao estudo?

M: Ah eu quero q ele estude, se forme, tudo o que eu não tive oportunidade eu quero que o meu filho tenha. Eu quero que ele faça o curso quero que ele ...o meu sonho que o meu filho saiba falar línguas o inglês principalmente eu admiro muito a pessoa que sabe falar outras línguas e isso é uma oportunidade que pronto eu não tive mas com fé em deus se eu tiver um filho eu vou fazer de tudo para que ele aprenda tudo isso.

R:Ok. E você considera que o estudo ele possa impedir algum tipo de preconceito? Você acha que a pessoa que tem estudo ela consegue se impor mais ou não? Você acha que isso não interfere? O que pensa a respeito disso?

M: Não, eu acho que não, porque a principio em relação ao preconceito a pessoa que tem preconceito contigo ela não sabe que tu tem estudo pra já né. Então acho que o preconceito tendo estudo ou não eu acho que isso não adianta de nada, eu acho que a pessoa não se impõe mais ne. Eu acho, não sei se eu estou entendendo bem a pergunta eu acho que uma pessoa tem

preconceito com outra pra já ela não sabe que a pessoa tem estudo, mas com certeza quem tem estudo vai se impor mais mas em relação a outras pessoas tem menos preconceito eu acho que não mas que quem tem estudo se impõe impõe sim com certeza se faz respeitar entende mais as leis do que tem direito e eu acho quem não tem estudo é um pouco mais retraído baixa a cabeça pra muitas coisas não sabe-se defender, faz uma diferença quem tem estudo mas em relação a preconceito as pessoas com emigrante eu acho que as pessoas sempre vai ter esse preconceito como emigrante. No caso do meu marido por ele ser preto, negro, e as vezes trabalhar da forma que trabalha as vezes chega assim em lugar e acha que ele é ignorante assim em relação ao estudo mas ele é muito inteligente quando ele começa a falar assim as pessoas ate para assim e fala assim ” nossa como é que ele sabe disso tudo” eu vejo assim uma admiração a pessoa começa a falar e acha que ele não entende ne já vi varias coisas acontecer assim a gente ta conversando assim e ele começa a falar do brasil da história do Brasil e fala coisas que nem muita gente sabe então tem muita gente que se surpreende pelo facto da cor da pele da forma de se vestir essas coisas né...mas ai quando a pessoa abre a boca e a outra vê que a pessoa fala bem e é entendida daquilo que tá a falar a pessoa fala “opá!” não é assim. A pessoa já baixa mais a guarda, é o que eu entendo.

R: Deixa eu te perguntar você tem alguma coisa que nos não falamos aqui que você gostaria de acrescentar em relação a tudo a nossa conversa em relação ao estudo em relação ao preconceito alguma coisa que você como emigrante mulher brasileira você gostaria de falar?

M: Bem na verdade eu acho assim que todo o mundo merece uma oportunidade independentemente de ele ser branco preto brasileiro português tar emigrando ou não eu acho que o ser humano em si merece respeitar um ao outro eu acho que o respeito é o que conta na verdade né.

R: E dentro do nosso caso você acha que de repente existem algumas coisas que deveriam ser modificadas que valorizassem mais o emigrante ou não?

M: sim eu acho que a tendência era mudar o pensamento das pessoas, a forma de agir com as pessoas, a forma de agir das pessoas com os emigrantse porquê por causa de um todos vem a pagar e não é assim nem todo o mundo é igual. Eu acho que as pessoas devia abrir mais a mente e ver que as coisas já mudaram, não é como antigamente tirar aquela parte que o emigrante brasileiro principalmente a mulher ela é muito confundida exactamente ne por causa de um pagam todos ne e não é assim. Não pode ser assim ne a gente não é bicho ne a palavra certa é essa não é bicho a gente ta a gente contribui para o país, a gente paga os impostos e eu

acho que a gente deve ter os mesmo direitos não é porque eu estou numa sala de aula e porque sou brasileira eu tenho de ser recriminada porque eu tenho uma amiga minha que ela faz direito e ela sente muito isso na pele não é as vezes estacionamento vai estacionar as vezes não consegue estacionar porque vem um e poe já na frente dela então acho que isso é uma forma de preconceito mesmo coisa que a gente virar pra tu e falar “ á volta pra tua terra” entendeu? E não é por ai eu acho que as pessoas tem de ter mais educação acho que isso é falta de educação ne eu acho que isso é falta de educação e de cultura principalmente.

R: E ai vêm as oportunidades e tudo ne no estudo no dia a dia ne ...?

M: no trabalho e tudo eu acho que se as pessoas mudar o mundo so tem a mudar.eu acho essa é a minha opinião.

R: Muito obrigada.

Carla 32 anos

Rosane: Carla boa tarde, vou fazer umas perguntas e você vai responder tranquilamente.

C: Ok.

R: Porque é que você decidiu emigrar?

C: Olha decidi vir para Portugal, para uma perspectiva melhor, para falar verdade eu morava no interior, não me oferecia condições melhores. Já tinha cá uma parente em Portugal, por isso é que eu vim para cá, para uma perspectiva melhor.

R: Já tendo uma pessoa te ajudou mais ainda que você viesse? Você veio sozinha ou você veio com família, amigos...

C: Não, eu vim com uma amiga e um amigo.

R: Então você não veio sozinha?

C: Não.

R: Eles vieram tentar também a vida deles...

C: Também.

R: E qual é o seu tempo de permanência em Portugal?

C: 6 anos.

R: E você já tinha um conhecido aqui, uma prima?

C: Já tinha a minha prima que morava cá há três anos.

R: Qual é o seu nível de escolaridade, que você terminou com sucesso?

C: O 12º ano.

R: Actualmente estuda?

C: Estudo, vou agora tirar o curso de esteticista.

R: E quando você decidiu vir para cá, estudar fazia parte dos seus planos? Você pensou em estudar?

C: Para falar verdade não. Quando vim o intuito era só para trabalhar, juntar algum dinheiro e voltar, montar alguma coisa, abrir uma loja, abrir um espaço para mim lá no Brasil. Era mais ou menos essa a minha perspectiva mas quando a gente chega a gente vê que não é nada daquilo que a gente pensava, porque é que eu não estudei, porque é que a gente não veio para aqui já com um curso ou algo assim...

R: Um curso superior?

C: Um curso superior.

R: Porque você só até ao 12ºano...

C: Exactamente. Porque é que eu não estudei, não fiz uma faculdade e vinha preparada, era muito mais fácil.

R: E hoje você acha que se tivesse planos, se estivesse a estudar um curso superior, seria melhor?

C: Eu acho que sim, sem o estudo é muito complicado, em qualquer lugar que a gente esteja.

R: E qual é a importância do estudo que você atribui a isso, o que é que ele pode modificar na sua vida?

C: Olha, eu acho que a pessoa com estudo abre-se mais as portas, a pessoa tem mais oportunidades de adquirir... de entrar no mercado de trabalho, de conversar com os outros. Sem o estudo...

R: Você acha que fica muito mais complicado?

C: É só esses trabalhos que geralmente ninguém quer.

R: Você considera que existe alguma coisa que facilita, que ajuda a retornar o estudo? Porque quando a gente vem para um país diferente as coisas não são muito mais fáceis não é, mas o que é que você acha que pode facilitar e o que acha que pode dificultar o retorno aos estudos como mulher brasileira emigrante?

C: Olha para falar verdade em primeiro lugar tem de se ter vontade, acho que para a pessoa quando ela quer corre atrás, ela consegue, não é fácil. Eu acho que há muitas barreiras principalmente para nós que vimos de outro país mas se a pessoa quiser ela chega lá, com muita luta.

R: E que barreiras você acha que seriam essas?

C: Eu acho que mais da parte burocrática, mais documentação, mais ... Eu acho que a documentação, por exemplo eu agora fui entrar num curso de esteticista, precisei do meu certificado do 12º ano completo, foi uma burocracia para chegar aqui a Portugal, esperei quase dois meses, de carimbo, etc... e tive de pagar por isso tudo.

R: A burocracia seria assim um ponto fundamental.

C: Acho que sim. Deveriam facilitar mais.

R: Sem essa burocracia facilitaria bastante. Então o seu ponto mais complicado seria esse? E facilitador você não vê nenhum?

C: Facilitador, sinceramente eu não vejo o que seria... não existe ninguém que incentive, eu digo sinceramente há poucas pessoas que incentivam é muito complicado. Tem de partir de nós próprios, se a gente quer é chegar, correr atrás.

R: Lutar muito, ter muita fé é muito complicado. Uma outra pergunta, você foi criada num ambiente que valorizava o estudo ou não? Seus pais incentivavam?

C: A minha mãe sempre incentivou, até tenho uma irmã que é formada em Pedagogia e está a fazer o doutorado, mas eu acho que faltava qualquer coisa da parte da minha mãe. O meu pai morreu quando eu tinha 8 anos, mas a minha mãe por mais que ela incentivasse nunca foi preocupada mesmo em relação a isso. Vai para uma faculdade isso não, a minha irmã foi porque ela tem muita força de vontade e foi. Para a minha mãe a gente cerrava logo no 12º ano.

R: O estudar dela era suficiente o 12ºano.

C: Se calhar ela até sonhava muito mais para a gente, mas não transmitia esse sonho, não nos incentivou mesmo ter de ir para uma faculdade. Se calhar era mais pela parte financeira ou coisa assim.

R: Acha que isso a impediu também?

C: Acho também que sim, não nos possibilitou sonhar muito.

R: Tá ótimo. Você considera como mulher emigrante brasileira, que o estudo ele te ajuda a impedir qualquer tipo de preconceito? De que forma?

C: Eu acho que sim. A mulher quando ela tem estudo, ela é vista com outros olhos, ela tem mais oportunidades.

R: É mais respeitada?

C: Mais respeitada, é isso mesmo.

R: Então você acha que é um factor que ajudaria bastante?

C: Eu acho que sim. É importante a mulher com estudo é muito diferente. Tem mais oportunidade.

R: Ficou alguma coisa na nossa conversa que você queria falar e não foi falada? Você disse tudo o que queria?

C: Disse.

R: Agradeço sua a atenção.

C: De nada.

Ana 33 anos

Rosane: Boa tarde, Ana, vamos começar a entrevista. Primeiramente porque é que você decidiu emigrar?

Ana: O meu ex-companheiro veio e como o Brasil estava assim com escassez de trabalho ou viria ou ele iria embora, e eu resolvi arriscar e vim atrás dele.

R: Você veio acompanhá-lo?

A: Sim, dois meses depois.

R: Você veio na companhia dele, e qual o seu tempo de permanência em Portugal?

A: Onze anos e meio.

R: Você tem algum conhecido aqui agora, algum ponto de referência de algum amigo?

A: Eu tenho muitos amigos, eu conheço muita gente, trabalho num lugar em que 80% da clientela é frequente então eu conheço mesmo muita gente. Mas você quer referências...?

R: Não eu só quero saber se você tem um ponto de apoio? No caso de lhe acontecer alguma coisa.

A: O meu patrão.

R: Você tem o seu patrão, ok e qual é o seu nível de escolaridade? Com sucesso o ano que terminou?

A: 12º ano.

R: 12ºano completo, actualmente você está estudando?

A: Não.

R: Porque não?

A: Porque não tenho possibilidade, trabalho dez horas por dia e é um horário muito complicado das 12h à 00h com duas horas de intervalo à tarde e não me possibilita estudar de manhã porque o trabalho é puxado e eu de manhã, não tenho espaço para ter aula.

R: Então não estuda, porque tem falta de tempo.

A: Falta de tempo sim.

R: E quando você decidiu emigrar, pensou em estudar? Você terminou o 12º ano e você pensou em estudar?

A: Não o intuito em eu vir para cá era passar uns três ou quatro anos a ganhar dinheiro e voltar para o Brasil para estudar. Porque eu prestei o vestibular, não passei e vim para cá directamente. E o intuito era fazer enfermagem ou psicologia, pedagogia, gosto muito dessas coisas e então as coisas não correram bem, houve o divórcio e eu regresssei para cá porque eu acho que aqui sozinha eu consigo me sustentar melhor. A minha dependência é mais importante.

R: Você ainda pensa em estudar? Você acha que estudar ainda está dentro dos seus planos?

A: Está.

R: Não é uma coisa que acabou?

A: Não porque os meus pais sempre me disseram que nunca é tarde para estudar e eu acredito nisso. Quem saiba um dia eu com menos horas de trabalho consiga conciliar o tempo e tirar um cursinho, alguma coisa.

R: Qual a importância para você do estudo na sua vida? Como é que você vê o estudo?

A: Eu hoje sinto falta de muita coisa, nesse caso que eu parei no 12º ano e até então nesses quase 12 anos não estudei mais e faz falta na cultura, faz falta em tudo na sua vida. No conhecimento, na aprendizagem, em crescimento pessoal, intelectual, em tudo. Vou lendo uns livros, vou fazendo alguma coisa, mais nada. Faz falta, faz mesmo muita falta.

R: Então você atribui muita importância, muito grande na sua vida. E você considera que seria um impossibilitador, ou seja, o pior assim para você voltar ao estudo, você já falou do tempo mas teria alguma outra coisa que impedisse/dificultasse?

A: Não, nesse caso é mesmo só carga horária.

R: Você foi criada num ambiente que valorizava o estudo?

A: Sim eu tenho uma professora que gosta de fazer cursos. Que é pós-graduada, acho que já fez mestrado de geografia, que dá aulas de segunda a sexta nos três períodos, o meu pai sempre quis que eu fizesse magistério mas não à minha vontade. Gosto muito de crianças mas não é o meu âmbito. Cresci num ambiente de estudo, os meus pais sempre exigiram sempre mesmo e fizeram os possíveis para que não estudássemos. Quem não estudou foram as minhas irmãs que depois acabaram por completar, depois de casadas e com filhos.

R: A pessoa de Geografia quem é?

A: É a minha irmã.

R: Você tem filhos?

A: Não.

R: Se você tivesse ou quando você tiver os seus filhos, a sua ideia é passar para eles essa mesma educação que você aprendeu em casa?

A: Sim, estudar sempre.

R: É uma coisa que você valoriza e que você quer que os seus filhos também valorizem?

A: Sim claro.

R: Você considera que o estudo ele possa impedir algum tipo de preconceito?

A: Eu acho que quem... o possibilita ou dificulta são as pessoas, o estudo ajuda muito, mas acho que em termos de preconceito não é assim tanto. Eu não sinto isso como pessoa. Nesses anos todos aqui não sinto isso, há pessoas que possam sentir mas eu não sinto que o estudo possa denegrir ou diminuir.

R: Digamos que uma pessoa tem algum preconceito em relação a você, mas se você acha que se você tivesse estudado mais, você conseguiria se impor mais, ou não modifica?

A: Eu me imponho sempre.

R: Então independentemente do estudo, não muda nada.

A: Não no meu caso não.

R: Você acha que o estudo não é um ponto importante? Que impeça o preconceito?

A: Não, acho que o conhecimento pessoal, o interesse da pessoa no estudo ou em documentários, ou nas notícias e no diálogo global, depende das pessoas e o facto de você. Não depende só do estudo. Há outras maneira, pesquisas e leituras e essas coisas e eu nunca me senti inferiorizada por isso. Acredito que o estudo é importante mas no meu caso não senti isso porque me imponho sempre. Tenho sempre algo a dizer. Porque a gente tenta conhecer um pouco de cada coisa.

R: Ficou algo que você quer dizer em relação à mulher, algo que queira acrescentar, algo que não foi dito ou algo que não perguntei?

A: Estar longe de casa é muito difícil e o apoio dos pais é essencial para a vida das pessoas, eu sinto isso mas aqui em Portugal fui bem acolhida e conquistei o meu espaço, o meu respeito e isso para mim tem muito valor. Nos meus planos penso em voltar mas um dia vou regressar para a minha Terra e vou voltar a estudar. Eu acho que para mim isso foi o essencial, a

independência, o facto de viver sozinha, hoje de ser divorciada, de conquistar o meu espaço de conseguir sobreviver num mundo machista, sozinha para mim é muito importante.

R: Isso foi primordial para você. Talvez segundo você está-me dizendo que o estudo está ficando num segundo plano em função de você se sentir bem e forte. E isso não está a fazer tanta falta para você.

A: Hoje em dia não faz tanta falta, mas eu sinto que eu tenho essa necessidade de voltar a estudar em dia.

R: Você sente isso?

A: sinto isso, mas a trabalhar aqui desta maneira, isso não é possível. Então vai ser possível um dia que eu tenho um filho, ou vá até ao Brasil para viver lá e que tenha mais tempo e que as horas sejam menos. Um carga horária melhor.

R: Muita obrigada pela sua entrevista e até à Próxima

A: Obrigada, você.

Vânia 37 anos

Rosane: Vânia bom dia, porque é que você decidiu migrar?

Vânia: Inicialmente não foi uma decisão que se originou a emigrar, vim para cá para Portugal passar uns dias com uma amiga que já estava a trabalhar aqui. Viemos duas amigas do Brasil e no final do nosso passeio apareceu a oportunidade de trabalhar . Mas eu quando cá cheguei tinha um trabalho no Brasil e estava com um período de férias prolongado e como a proposta foi muito satisfatória, decidi ficar.

R: Então você veio com amigas, não veio sozinha?

V: Não.

R: E qual é o seu tempo e permanência aqui em Portugal?

V: Em Fevereiro vai fazer 13 anos.

R: 13 anos, ok. Você tem algum conhecido aqui ou você veio com algum conhecido?

V: Não. Quando eu cá cheguei foi com uma amiga e um amigo em comum, ela já estava cá a fazer um estágio, a área dela era turismo, ela estava realmente cá a trabalhar, a fazer o estágio. O estágio dela ia terminar dai a umas semanas depois a gente ia alugar um carro, conhecer o interior de Portugal, ir à praia... e na volta quando estávamos em Cascais, sem querer, acabei participando de uma reunião com um colega meu e a senhora ficou a saber que eu tinha

experiência para o que ela precisava e me ofereceu uma oportunidade de trabalho. Naquela altura era completamente irrecusável. Era tão bom que até fiquei desconfiada. Há 12 anos atrás a situação aqui em Portugal a nível de trabalho era outra.

R: Diferente da situação de hoje?

V: Bom diferente. Fiquei com muito receio mas como eu tinha mais mês e meio de férias do meu trabalho no Brasil eu resolvi apostar em ver o que acontecia dentro desse mês. A minha passagem ia acabar e depois de um mês a gente também consegue ver a realidade da empresa. Vi que era uma multinacional e estava minimamente segura.

R: Actualmente você está estudando?

V: Não. Iniciei um mestrado o ano passado mas estou com ele parado até ao momento.

R: Quando você decidiu emigrar, sair de lá, você... estudar para você fazia parte dos seus planos?

V: Não. Como eu disse eu não sai do Brasil com esse objectivo. Numa outra altura antes eu sai realmente com esse objectivo de estudar mas foi quando fui para Inglaterra. Fui estudar, fiz o curso, tive mais tempo que o previsto mas quando vim para Portugal a minha decisão não era emigrar.

R: Quando você veio para Portugal você veio numa situação que você relatou e depois sim você fez uma outra emigração para Londres.

V: Antes. A de Londres foi anterior a Portugal. A de Londres tinha recém terminado a minha licenciatura e fiquei la um ano e meio. Voltei, fiz a minha pós-graduação no Brasil e quando vim para cá para estava trabalhando, vim para cá para passar férias.

R: O estudo faz parte dos seus planos ainda hoje?

V: Sempre fez parte dos meus planos. Eu quando decidi ficar em Portugal o contrato inicial era de nove meses, eu tive de ir para o Algarve. Naquela altura era extremamente complicado ou impossível de fazer qualquer tipo de estudo. Você tinha de ter uma certa facilidade de conseguir a nível de horários, distâncias, as faculdades só tinham em dois pontos Faro e Portimão. Os cursos oferecidos eram muito poucos, foi muito complicado, isso foi algo que me deixou um bocado insatisfeita...

R: Por você não conseguir dar continuidade aos seus estudos?

V: Exacto, por causa da região onde eu estava.

R: Qual é a importância que você atribui ao estudo na sua vida?

V: Acho que o estudo hoje em dia não é a base referencial para uma pessoa ser bem-sucedida financeiramente, mas eu acho que é altamente fundamental para uma pessoa se sentir segura,

completamente consciente daquilo que faz, os riscos são muito mais conscientes e a coisa flui com menos dependência da sorte. Muitas pessoas aqui principalmente na Europa às vezes criticam que não precisam de ter uma faculdade para serem bem sucedidas. Precisa, a meu ver, de ter uma faculdade, de ter uma licenciatura para poder ter uma noção um pouco mais balanceada, seja lá do que for, do que uma pessoa que faça uma especialização.

R: Então para você é importante?

V: Nota-se numa conversa quando alguém tem ou não tem. Isso não tem a ver porque antigamente era um sinal de “tenho licenciatura, ganha-se bem”, hoje em dia as pessoas têm de desmificar um bocado disso. Não estar só ligado ao dinheiro que você tem. Estar ligado com a conversa que você mantém, com o conhecimento que você trás com a bagagem que você intensamente que está totalmente associada a um bom salário. A pessoa faz um investimento, não estuda um nível superior gratuitamente. Claro que isso está dentro das expectativas mas não só.

R: Você considera que existe algo que facilite/possibilite esse retorno ao estudo num país que não é o seu?

V: Não percebi.

R: Por exemplo você acha que o que facilita, o que poderia ajudar a voltar aos estudos num país que não é o seu? Existe uma dificuldade por uma série de motivos?

V: Ai eu teria de falar como uma Brasileira porque é a visão que eu teria. Quando a gente volta para o Brasil com uma experiência internacional, eu penso que ela tenha um nível de visão maior e superior porque o Brasil é quase um continente todo e o que há do lado do Brasil a nível de limites de países, não são mais prósperos que o Brasil. É diferente daqui por exemplo você está na França e os vizinhos são melhores ou não quanto o próprio país. Você está na Espanha e os vizinhos têm um mercado... e os vizinhos a gente tá falando de uma distância de 2 horas de avião e no Brasil, 2 horas não chegam para você chegar na metade do país. A visão internacional no Brasil acho que ela é imensamente bem vista. Mas a questão de nível eu não saberia dizer se é assim tão superior ao nível do que o Brasil aparece. É sempre uma visão internacional, uma visão baseada junto a uma outra cultura. Isso modifica bastante a forma como você vê as coisas seja o curso que for e na minha área, que é um pouco voltada para o comércio e para a empresa.

R: O que você acha que poderia facilitar esse retorno ao estudo num país que não seja o seu? E o que impede também?

V: Quando eu iniciei já cá vivia muito tempo e não me deparei com nada que me impedisse. Como eu não vim para cá para estudar nem sequer para trabalhar... coisa que foi acontecendo de trás para a frente.

R: Na sua volta ao estudo houve alguma impossibilidade ou teve alguma coisa que facilitou?

V: Lá está, a dificuldade não houve muito ao nível da documentação nem isso porque eu tinha residência cá já estava cá algum tempo. O que foi difícil para mim foi a nível de tempo. No Brasil a gente tem de que esperar por documentação da faculdade e pelo facto de eu trabalhar à tanto tempo me ajudou bastante. Não posso dizer para mim que tenha sido complicado.

R: Você foi criada num ambiente que valorizava o estudo?

V: A 100%. A minha mãe poderia me proibir de ir para um show mas fazia o que fosse possível para me pagar um curso.

R: Você tem filhos?

V: Sim.

R: Quantos?

V: Uma filha de 8 anos.

R: E você vai passar essa mesma educação?

V: Já estou a passar justamente porque a tendência actual é as pessoas dizerem “estudar para quê se isso não te vai dar mais dinheiro?”. A questão não deve estar só associada ao valor que você vai receber no cargo que tu fores exercer, tem de estar também no facto de você tem oportunidade de ler um livro, de ter um acesso que tenha, isso não tem de estar ligado única e exclusivamente a mais dinheiro no cargo em que trabalha.

R: Você considera que o estudo possa impedir algum tipo de preconceito?

V: Ele acaba por minimizar sim, quando você é brasileira que é um pouco dada à alegria é muito facilmente confundida com outras questões. Isso para mim sempre foi uma coisa muito notória. Você começa uma conversa falando que já é formada e tem uma licenciatura, a pessoa começa a ter uma outra postura. A pessoa começa a ver que se calhar sou uma pessoa mais séria, mais responsável, isso para um estrangeiro eu penso que qualquer estrangeiro em qualquer outros país é algo a valorizar.

R: Para encerrar a nossa entrevista eu queria saber se tem alguma coisa acrescentar em relação a tudo o que conversámos que eu não perguntei, alguma coisa que você considere ser importante para eu registar na minha pesquisa em relação à temática do estudo da mulher brasileira no contexto educacional português?

V: O que eu gostava de não ter sentido aqui é que a mulher brasileira, ela por conta dessa simpatia, alegria, espontaneidade é assim muito complicado e magoa-me um bocado porque eu acho que a principio o Governo português não seja uma nação diferente das outras mas infelizmente isso é muito visto com outros olhos e às vezes eu noto que a pessoa tem de ter uma base, tem de ser forte para se poder defender disso de uma forma educada.

R: Essa forma de se defender seria você estar estudando mais? Se impondo mais?

V: Você acaba por se sentir mais segura e por ter mais formas educadas de mostrar que não é isso. No início isso magoava um bocado quando a pessoa sorria e pensavam logo que tinham outras intenções e é muito desagradável a gente estar o tempo todo a mostrar que você é correcta. E tenho pena que a gente tenha sempre que se posicionar e não deveria ser assim. Criar uma certa distância que é completamente desnecessária.

R: Obrigada Vânia.

V: Não tem de quê.

Faixa etária entre 40 a 49 anos:

Adriana 41 anos

Rosane: Boa tarde, gostava de saber porque é que decidiu migrar?

A: A decisão de emigrar veio um pouco depois porque eu fui do Brasil para a Alemanha e em 97 estive em Portugal, com família e passei muito tempo em Portugal. Voltei para a Alemanha e foi a decisão em 2000 de voltar para Portugal, porque como eu já a estava a nível de trabalho, já um trabalho fixo na escola alemã de Lisboa. O falar a língua alemã foi muito mais fácil e decidi ficar aqui por conta dos filhos porque também já estavam na escola alemã de Lisboa. No período do primário ainda decidi ficar mais ou menos, mais um ano em Portugal. E aí veio a solução depois de estar tao estabelecida aqui que não queria voltar mais para a Alemanha. Falo Alemanha, porque o Brasil não está muito na historia, mas porque os filhos já viveram na Alemanha, e já foram educados praticamente na Alemanha.

R: então na verdade quando você veio para cá, você veio com a sua família?

A: exactamente, eu vim com a família.

R: qualo seu tempo de permanência em Portugal, no total.

A: no total em Portugal, eu cheguei em 1997, fiquei de 97 a 2000, mas praticamente em 2000 fui e fiquei 3 meses, fui e fiquei outra vez. Então é de 1997 a 2011.

R: então é há bastante tempo, você tem algum conhecido ou algum ponto de referencia, aqui em Portugal, hoje?

A: conhecido a nível familiar.

R: qualquer um familiar, amigos...

A: Muitos amigos...

R: família, não?

R: família de coração, com a gente fala... A família esta na Alemanha ou no Brasil.

R: qual o seu nível de escolaridade, que terminou com sucesso.

A: fiz o 2ª grau completo, e depois quando cheguei na Alemanha fiz escola de línguas para aprender o alemão e depois porque já sabia, estava com o nível da língua alemã já muito avançada. Fiz administração de empresas mas não fui até ao final, porque tive de voltar a

Portugal e aí aconteceram situações familiares, doenças que me impediram de continuar isso tudo.

R: você estudou alguma coisa aqui em Lisboa, fez algum curso aqui em Lisboa?

A: em Portugal não. Só fiz mais formações da empresa que estou há três anos e formação da escola alemã também, ao nível do que ia exercer. Na empresa onde eu estava fiz formações como atendimento ao público, caixa, câmbios, fiz um curso no banco de Portugal para conhecer melhor a moeda estrangeira porque quem trabalha em lojas de transferências precisa ter este conhecimento.

R: E actualmente está estudando?

A: Não.

R: E porque é que você não está estudando?

A: Não estudo pelo tempo que não tenho, pelo trabalho e também pelo nível financeiro porque eu acho que aqui ou você trabalha ou você estuda. E para conciliar as duas coisas ou você tem um bom emprego para poder pagar tudo o que tem durante um mês ou você pára e estuda. Teria de ter um emprego com um horário flexível.

R: E quando você decidiu emigrar, estudar fazia parte dos seus planos?

A: Sim sim porque eu saí muito nova de lá e acho que não estava tudo aquilo completo teria que me aperfeiçoar em muitas outras coisas, mas que eu sempre pensei ainda porque o meu sonho era ser psicóloga eu adoro psicologia e se eu tivesse tido essa oportunidade, mais tempo, se não tivesse tido tantas situações familiares foi a doença de uma filha eu teria feito psicologia.

R: E você tem planos disso ainda?

A: Nunca saiu dos meus planos, com a idade que estou mas eu acho que nunca é tarde. Porque eu acho que os estudos são importantes e o valor que tem, desde muito pequena minha mãe me passou isso e eu estudei num colégio de freiras imagina, foi uma ditadura e eu acho que é muito importante.

R: Você falou que a sua família, manteve isso, qual é a importância que você atribui ao estudo na sua vida hoje? Só que você acabou de dizer que teve essa base...

A: Na minha vida acho que teria muito mais oportunidades, porque eu acho que hoje em dia o estudo é a base de tudo. A base principalmente é um exemplo para os teus filhos...”mãe você estudou fez o quê?” eu acho que incentiva os filhos a quererem continuar, a irem até ao fim.

R: O que você considera que possa facilitar esse retorno dos estudos quando você está num outro país? O que você acha que dificulta o retornar ao estudo?

A: Em outro país... é complicado para explicar porque é assim tenho um exemplo muito bom dum país que é a Alemanha e eu acho que se tivesse na Alemanha ainda teria mais oportunidades para isso porque eles dão muito mais possibilidades para as pessoas, se eu quisesse trabalhar ou se eu quisesse ter filhos, ter horários flexíveis, ajudas para as crianças.

R: Mas no contexto educacional de Portugal o que é que você acha?

A: De Portugal eu acho que o Governo deveria dar mais possibilidade ao nível de ter um horário de trabalho e um horário para você estudar à noite. E você ser mais flexível nisso e a nível financeiro, eu acho que os valores, quando você quer fazer uma faculdade, mesmo que seja num horário mais avançado à noite é muito caro. Eu acho que a nível financeiro deixa muito a desejar para as pessoas estudarem. Os valores são altíssimos então acho que o próprio Governo deveria facilitar isso para as pessoas que não têm possibilidades para pagar.

R: Então você fala da questão do tempo e segundo da questão financeira?

A: Exactamente.

R: Você tem filhos?

A: Tenho três.

R: E como é a sua conduta em relação à educação dos seus filhos?

A: Em primeiro lugar a minha filha, desde os treze anos foi mãe, muito cedo e graças a Deus esteve num país que proporcionou isso a ela. Nunca deixou de estudar e sempre incentivei mesmo sendo mãe cedo. Você tem de continuar os estudos.

R: Os outros dois filhos também estudam?

A: Estudam. P meu filho já está fazendo faculdade de engenharia. Está com 20 anos e o pequeno também estuda, mas estuda na escola alemã de lisboa. Então os três filhos falam quatro línguas perfeito, não deixo de lado isso e incentivo eles mesmo a continuar tudo isso.

R: Quer dizer que dentro do que você aprendeu, realmente o estudo é importante?

A: Sim, muito importante.

R: Para primeiro plano?

A: Sim primeiro plano, eles têm a oportunidade que eu não tive .

R: Você foi criada num ambiente que valorizava isso? Valorizava o estudo?

A: Sim, muito. Minha mãe foi formada em enfermagem, embora a minha mãe mesmo com uma idade mais avançada ela ainda se formou, eu fui para a formatura dela então ela sempre falou que o estudo é importante mas nunca deixou de estudar ou de fazer realmente aquilo que você acha que vai te trazer coisas... proporcionar coisas boas.

R: Você considera que o estudo possa impedir algum tipo de pré-conceito? A pessoa que estudou ela pode se impedir de alguma maneira, de algum tipo de pré-conceito ou você acha que isso não tem nada a ver uma coisa com a outra? Você acha que o estudo impõe alguma coisa ou não impõe?

A: É assim, claro, é claro que principalmente no nosso país aqui em Portugal a gente também vê muito disso, mas o que eu vejo em Portugal, o que eu acho estranho, mesmo as pessoas que estudam, que têm faculdade, que tiram um diploma, não conseguem exercer aquilo que estudaram. Eu acho muito errado, eu acho que é isso que falta no Governo. O pré-conceito... porque os valores de trabalho que eu vejo aqui é que têm... são muito baixos os valores dos salários, de tudo isso então é por isso que falam assim “ o emigrante veio para cá e consegue emprego rápido” porque ele aceita tudo aquilo .

R: Ele se submete?

A: Exactamente, então mesmo que seja um emigrante que tenha uma faculdade, que ele estudou, que foi formado, ele não consegue exercer aqui no país o que ele estudou, então existe esse pré-conceito também.

R: A nível de outros tipos de pré-conceito você acha que quando a pessoa estuda ela impede algum tipo de pré-conceito?

A: Claro, muitos a nível do racismo, acho que muitos, acho que sim... Você se relaciona com pessoas de todo o mundo, cultura, mesmo que esteja noutro país.

R: Você acha que o estudo proporciona isso?

A: É.

R: Bom ficou alguma coisa por dizer, acrescentar, que não foi falada que você gostaria de dizer...?

A: Assim eu acho que mesmo independentemente de você ser de qualquer país você está emigrando, eu acho que o importante é o que você vai dar de valor aquele país, o que você vai fazer para aquele país crescer. Às vezes as pessoas falam assim “ os emigrantes tomam o lugar”, mas eu não acho... Até o povo do próprio país aprende muito com os emigrantes. Porque eu acho que as pessoas deviam aprender. Que eu acho falta é aprender a cultura do próprio país mesmo que você venha com a cultura do outro país. O que já está cá deve passar para os que estão chegando, exactamente isso. Que você não pode falar mal do país que você está vivendo, se está vivendo daquele país você está dependendo daquele país, está ganhando

o dinheiro naquele país. Você está estudando então quem está te proporcionando aquilo tudo naquele momento é aquele país.

R: hum-hum...

A: Então antes de você falar dos pré-conceitos e de tudo isso você tem de aceitar a cultura daquele país, para você se encaixar naquele povo e depois o povo se encaixa em você automaticamente. Acho que é isso que faz muita falta, a discriminação é muito grande porque você é doutro país, está aqui tomando o trabalho de outra pessoa... as pessoas deviam se unir mais. O mundo seria melhor e o país evoluía mais. Estávamos aprender uns com os outros.

R: Obrigada.

Laura 44 anos

R: Boa tarde Laura, queria fazer umas perguntinhas a você pra minha pesquisa. Bom primeiramente porque você decidiu emigrar?

L: decidi emigrar por dois motivos, um era para proporcionar para os filhos uma vivência na europa por um tempo a questão cultural de se envolver em outros países ampliar um pouco a visão do mundo e outra porque a gente tava numa situação da empresa muito ruim e era um momento de virada de começar do nada, de novo, recomeçar a vida inclusive financeira e profissional e a ideia vir para Portugal, porque o meu marido é neto de portugueses e então seria o país mais fácil para a gente consegui a documentação.

R: Então você veio com a sua família, você não veio sozinha, né?

L: não, vim com a família, vim com dois filhos, meu marido e o meu filho mais velho já tava na universidade então ficou no Brasil.

R: Qual o seu tempo de permanência em Portugal?

L: 5 anos já.

R: você tem hoje algum conhecido, algum ponto de referência aqui?

L: Português?

R: Português ou mesmo brasileiro...

L: Brasileiro eu tenho alguns casais inclusive funcionários de empresa brasileira que estão aqui por um período, tem algumas amigas da faculdade... já já tenho algumas referências, não são muitas e não são muito profundas eu tenho realmente amigas mais aquelas que você pode

contar que realmente são ponto de referência se precisar de alguma coisa tenho duas brasileiras.

R: Qual é o seu nível de escolaridade?

L: Eu fiz biologia e hoje em dia estou no quarto ano de psicologia que em Bolonha já estou no primeiro ano de mestrado....

R: Então actualmente você esta estudando não é isso, e quando você decidiu emigrar, estudar fazia parte dos seus planos, você veio pensando nisso mesmo ou alguma coisa modificou para que você continuasse, para que você voltasse a estudar...como é isso?

L: ahhh no processo de emigração não era um plano voltar, quer dizer, era um sonho mas não era um plano efectivo... eu não tinha isso, eu achava que era muito difícil, mas era sempre foi um sonho porque eu comecei a fazer psicologia no Brasil fiz um ano e meio e tive de parar por questões financeiras eu tinha três filhos em escola paga. Eu fazendo Puc, aí não deu certo preciso de alguém, preciso de parar de estudar e quando eu vim pra cá a ideia não era...a ideia, eu vim pra trabalhar para viver aqui mas logo que eu cheguei eu comecei a procurar e aí vi a possibilidade de poder estudar e aí lógico que a vontade voltou e aí o plano se estabeleceu de voltar a estudar.

R: Você considera que existe alguma ...o que você considera que facilite e impossibilite esse retorno do estudo?

L: Eu acho que uma coisa que facilita assim existe agora esse “maiores de 23” que é um vestibular que é razoavelmente mais fácil que o nosso vestibular no Brasil. Então o acesso para a universidade já é uma coisa mais focada dentro da tua área, então a área que você vai estudar é uma prova muito mais fácil de acesso para entrar e isso torna-se facilitador. O dificultador é que é difícil conseguir bolsa então o valor da propina você tem de ter um emprego, você tem de ter uma situação financeira para despender esse dinheiro não é um absurdo é menos do que um valor do que seria uma escola particular no Brasil, mas é uma conta que você tem de encaixar no orçamento e não é...por exemplo eu que estava trabalhando dando aula particular num esquema informal não sou registada na segurança social não tenho a possibilidade de ser considerada estudante trabalhadora, então eu tenho de ter presença na aulas e aí isso é um dificultador não é a questão de conciliar trabalhar com estudo. Se você está num esquema formal de trabalho é mais fácil porque eles facilitam isso também é um facilitador comparando inclusive com Brasil não tem o curso nocturno, mas você consegue fazer o curso inteiro sem presença.

R: E para você qual é a importância do estudo na sua vida, o que é que você atribui a ser importante estudar?

L: Eu para mim faz muita diferença sou curiosa eu nunca fui uma aluna até ao 3º colegial muito estudiosa até ao final da escola 12º aqui, mas depois sempre me encantou sempre fui muito curiosa gostei muito, apesar de ter feito biologia nunca ter trabalhado com a biologia. Eu no fim fui trabalhar com a educação fui estudando e me informando sozinha, leio muita tese, tudo o que era congresso eu participava, ia, então o estudo para mim é manter a cabeça evoluindo, a parte importante cognitivo eu me manter aprendendo para mim é uma coisa que dá uma sensação que a vida vai passando com conteúdo, com consistência. A sensação de só um trabalho mecânico ou não estar aprendendo no geral não só no estudo formal mas ter essa sensação de aprendizado num filme, num congresso, numa viagem isso para mim é muito importante.

R: Agregando valor como ser humano como pessoa né...ok. E você foi criada num ambiente que valorizava o estudo?

L: Fui bastante... é assim os meus pais a minha mãe é alemã emigrou para o Brasil no caso da 2ª guerra e teve um pai que estudou a vida inteira. Eu lembro que o meu avô ele passava o dia inteiro depois da aposentadoria sentado numa mesa lendo... falava 12 idiomas então ele lia o mesmo livro em vários idiomas porque ele dizia que cada livro tinha a sua especificidade que agregava valor para aquele livro então ele sempre entendia um pouco mais. E também a minha casa foi uma casa de muito livro todo o mundo fez a universidade a minha mãe não fez porque teve o meu irmão muito cedo e o sonho dela era fazer medicina o meu pai fez engenharia depois também dentro da empresa porque não pôde estudar porque também eles tinham 18 anos quando o meu irmão nasceu mas foi fazer engenharia depois com uma oportunidade da própria empresa. Todo o mundo acabou fazendo faculdade sempre foi dado muito valor e eu dou muito valor também, a minha vida universitária sempre foi muito boa.

R: Ok... E você tem filhos não é?

L: Tenho 3 filhos.

R: E como é que é a sua conduta em relação ao estudo para eles, com eles?

L: Eu sempre tive uma postura assim... eu nunca exigi que eles fossem primeiros alunos nunca tive essa neurose com nota, sempre procurei escola para eles que desse para trabalhar com eles. A ideia do aprender ser gostoso, eu não aprendo eu tenho de receber uma nota mas a sensação de agregar um conhecimento que eu não tinha me dá prazer e isso eles estudaram

numa escola com uma orientação construtivista, numa escola comunitária, inclusive que os pais e funcionários eram donos que tinha muito essa visão. Até ao quarto ano primário eles não tinham nota formal eles não sabiam da nota então o estímulo do aprender pela pesquisa, curiosidade, foi uma escola que deu muita liberdade para eles fazerem isso. Então as pesquisas eu achava muita graça que eu com a escola propunha um negócio e eles iam buscar do outro lado. Faziam toda a conexão e do interesse deles eles conseguiam construir uma ponte daquele objectivo que a professora tinha colocado. Uma escola que desde do primeiro ano primário promovia minicongressos entre eles, eles todo o ano faziam dois projectos para apresentar eles aprendiam a aprender, a fazer teia de ideias, e é uma coisa que eu aprendi e sem a cobrança da nota e eu tenho muito essa visão então é uma coisa que é mais demorada para ensinar, mas demorado para eles pegarem o gosto para eles intervirem mas eu acho que é mais consistente você estudar pelo prazer de aprender.

R: Os valores ai acabam ser enraizados duma maneira mais eficaz ne...e você considera que o estudo possa impedir algum tipo de pré-conceito? Você acha que independente de ter ou não estudo isso vai acontecer sempre...?

L: Ah eu acho que o primeiro preconceito assim, num mundo capitalismo, o primeiro preconceito é a questão financeira, mas o que alivia é se você não tiver dinheiro e tiver um curso universitário você ta muito melhor do que se você tem pouco dinheiro e não tem curso nenhum. E eu acho que o estudar principalmente é titulação o caminho da titulação de você se formar na universidade ter um mestrado, ter um doutorado, alivia muito o preconceito acho que as pessoas respeitam...

R: Agora de início você acha que quando uma pessoa olha para alguém, é preconceituosa aquela pessoa? Você acha que o estudo nesse caso ele interfere ou não?

L: Interfere. Você vê, eu já presencie pessoas assim... que tem um certo preconceito com negro e na hora que o negro abre a boca e diz que é “DR.” a coisa muda de figura e passa a ser respeitada, que talvez não fosse se aquele la não fosse advogado ou médico ou engenheiro seja, então acho que o estudo ele é uma ponte que diminui muito. Na verdade impõe respeito, gostando ou não, o outro engole o próprio preconceito que ta lidando com alguém que tem um titulo.

R: Ok bom você deseja acrescentar alguma coisa aquilo que nós falamos que ficou ou que você gostaria, que você considera importante...que tenha um espaço para você possa...nessa questão do estudo nessa questão o emigrante estudante...?

L: É eu acho que é assim: eu vejo que Portugal facilita num aspecto por exemplo comparado com Estados Unidos mesmo se você estiver em situação ilegal estudar, o que é um facilitador ,mas por outro lado tenho na minha área que é a psicologia existe um desconforto com algumas coisa vindas do Brasil, com algumas posturas que a gente traz por questões culturais. Mas também não é de todo o mundo então eu acho que facilita por um lado tem uma certa facilitação em alguns aspectos burocráticos o acesso, e tem alguns dificultadores de preconceito mesmo.

R: Você acha que esse aspecto burocrático poderia ser modificado em alguma coisa ou não?

L: Eu acho que a questão burocrática ... eu não senti nenhuma dificuldade mesmo não estando com a minha nacionalização já concluída. Tudo isso nunca foi empecilho para eu estudar o meu empecilho aqui que foi problemático foi a questão financeira no início que não conseguia bolsa não conseguia acessar a bolsa, não tinha bolsa de estudo.Não tem bolsa de iniciação de pesquisa e não tem nenhuma promoção de pesquisa você se inclui em qualquer grupo de pesquisa. No início da graduação nem ate ao final da graduação mesmo... é muito difícil conseguir bolsa, não bolsa pelo sistema de apoio social, mas bolsa de estudo por uma pesquisa que você faça mais ou menos o equivalente ao que a gente tem CAPS MPQ no Brasil. E não tem aqui e isso eu acho que seria uma premiação ao aluno que está mais envolvido que ta querendo desenvolver alguma coisa isso não tem eu sinto que isso é um dificultador.

R: De repente a gente podia olhar mais por esse lado repensar mais a questão...ok Laurate agradeço uma boa tarde.

Cátia 45 anos

Rosane: Boa tarde Catia. Você decidiu emigrar porquê?

C: Eu vim com um homem, meu ex-marido, precisava de trabalhar e nesse momento decidi vir para Portugal.

R: Você com ele não veio sozinha certo?

C: Vim com ele e com a minha filha, já nascida, bebe.

R: Qual o seu tempo de permanência em Portugal?

C: Já faz 21 anos.

R: Você tem algum conhecido em Portugal hoje?

C: Meu conhecimento todo está aqui. Eu vim para aqui à 21 anos e por isso os meus amigos estão todos aqui.

R: No Brasil você perdeu alguns vínculos?

C: Muitos. No Brasil só tenho alguns familiares, primos e irmã.

R: Qual é o seu nível de escolaridade? Estudou até que ano?

C: Ensino médio. Tinha terminado, depois aqui fiz alguns cursos de estética.

R: E actualmente você estuda?

C: Sim agora coma estética estamos sempre nos actualizando. Sempre fazendo alguns curso, não é assim a nível universitário. Fazendo alguns cursos...

R: Então na verdade você trabalha na área da estética?

C: Sim.

R: E quando você decidiu emigrar, estudar fazia parte dos seus planos?

C: Quando eu saí do Brasil queria estudar, fazer faculdade, tinha acabado o ensino médio e queria ir para a faculdade. Eu fiz isso, porque eu não emigrei primeiro para Portugal, eu emigrei primeiro para a Argentina e lá estudei, fiz um ano de Turismo mas não terminei, fiquei grávia e decidimos vir para Portugal. Aqui não fiz nada relacionado com a faculdade. Só fiz cursos.

R: E você hoje ainda tem planos de estudar ou não? Isso ai passou ou continua...?

C: Eu tinha vontade de fazer mas era Osteopatia, tinha vontade de ser osteopata.

R: Nessa área não é?

C: Sim.

R: É um curso universitário esse, ou é um curso mais aprofundado?

C: É.

R: E qual a importância dos estudos na sua vida? O que você acha que o estudo pode trazer, fazer de diferente/modificar alguma coisa ou não?

C: Na minha vida não fez assim grande falta ter assim faculdade, porque hoje em dia vejo muita gente que estudou mas não tem trabalho e eu na minha área tenho todo o trabalho, consigo sobreviver com isso. Não sei se seria diferente, mas se eu tivesse estudado na época eu tinha feito um curso de história, poderia estar a dar aulas hoje em dia. Não sei como seria a minha vida, acho que não fez falta não.

R: Então dentro da sua realidade isso não interferiu em absolutamente nada para que você tivesse a trabalhar como profissional, nada?

C: Porque eu vejo muita gente que estudou e não tem trabalho, ou ganhando mil euros, não conseguia manter a minha casa, a minha filha que eu sustento, tenho despesas muito grandes.

R: Você considera que existe algo que facilite e que dificulte esse retorno? O que você acha que é primordial para que isso, para que você volte ou não? Existe algum factor para você, importante, assim que seja algum factor crucial que defina “eu posso voltar a estudar por esse motivo, ou não posso por esse motivo”. O que é que impede ou o que é que dificulta?

C: Nesse momento eu tenho a minha filha na universidade, eu pago as propinas dela, ela é completamente dependente de mim. No momento em que ela acabar o curso e se tiver trabalho, pode ser que eu possa fazer a minha universidade, mas no momento estou pensando primeiro em acabar, ela acabar.

R: E você foi criada num ambiente que valorizava o estudo ou não?

C: Não. Os meus pais eram muito simples só fizeram até à quarta classe e naquela época a minha mãe até dizia “porque você quer estudar, se você vai casar?”, não era valorizado.

R: Então você cresceu num ambiente em que não era valorizado o estudo?

C: hãhã.

R: É porque às vezes isso não tem muito a ver, a pessoa estudou pouco e faz com que os filhos façam aquilo que eles não fizeram, mas no teu caso não.

C: Não.

R: Você já disse que tem uma filha, e você para ela...

C: Ela está na universidade mas eu não sei que lucros ela vai ter aí. Ela vai licenciar-se mas depois vai ter de fazer um mestrado, ela está na área da Cenografia, quer ser Cenógrafa. Eu acho que ela vai ter de emigrar porque aqui em Portugal não há muito campo para ela, principalmente para um mestrado. Até acho que ela não devia fazer um mestrado aqui, tinha ido mesmo para fora.

R: Mas você também fez questão que ela estudasse?

C: Sim eu fiz questão que ela estudasse.

R: Mesmo você não ter vindo de um ambiente que valorizou isso você fez questão...

C: Sim, principalmente o pai dela fez mais questão ainda. O pai dela está fazendo doutorado, é uma pessoa mais catedrática, ele é que insistiu mais mas eu também.

R: Uma pergunta, você acha que existe... você estudando, você acha que pode existir algum tipo de preconceito? A pessoa ter estudado ou não?

C: Sim. Isso sinto aqui, isso. As pessoas são preconceituosas a quem não estudou, a quem não vestibulou mais anos. Acho que no Brasil também deve ser, não é? Mas aqui é assim esse preconceito.

R: Sente isso maior aqui do que no Brasil, ou não?

C: Não sei, porque já não vivo no Brasil há 25 anos e não sei como seria, mas aqui eu sinto isso.

R: Houve alguma coisa que você quis falar sobre isso, que você não falou, ou não? Quer acrescentar algo à nossa conversa?

C: Não. Acho que está tudo bem.

R: Ok Catia muito obrigada pela atenção e boa tarde.

Lúcia 47 anos

R: Boa tarde Lúcia, vou fazer umas perguntas para você para a minha pesquisa. Primeira coisa: porque você decidiu emigrar?

L: Primeiramente, boa tarde Rosane, bom a minha decisão de imigrar não foi bem uma decisão, simplesmente vim e na altura a minha irmã já estava cá, a minha irmã mais nova já estava cá e pediu pra mim vir pra fazer companhia para ela, e eu vim, não foi nada planeado, nada assim que eu pudesse dizer vou pra isso ou vou para aquilo.

Rosane: então você veio para fazer companhia a sua irmã, porque ela lhe pediu

L: é isso...

Rosane: E você veio sozinha?

L: sozinha...

R: sozinha, tá. E você... qual é o seu tempo de permanência em Portugal antes de qualquer coisa?

L: Já vou fazer 6 anos.

R: 6 Anos, você tem alguém, quer dizer você tem a sua irmã, além dela, mais alguém que seja um ponto de apoio para você aqui em Portugal?

L: Tenho o meu companheiro actual, apesar de ter casado com um cidadão português, mas já me divorciei.

R: Hum hum, então você tem companheiro hoje que é um ponto de apoio para você.

L: Sim, é brasileiro..

R: Ah não é português, é brasileiro.

L: Porque o cidadão português quando, você tá..., quando eu estive casada com o cidadão português, ele simplesmente disse que já não precisava mais trabalhar porque tinha casado com um brasileira.

R: Ok, tá certo e qual é o seu nível de escolaridade? Estudou até que série, até que ano?

L: Lá no Brasil eu fiz o 12^a ano...

R: Completo?

L: Completo, terminei o 12 ano, o ginásio?

R: Hum hum, actualmente você estuda?

L: Não, mas já estudei aqui em Portugal.

R: Pois é, porquê você não estuda hoje?

L: Já estudei aqui em Portugal. Achei uma atitude muito bonita, muito louvável do governo português e inclusive não vi, não encontrei em momento nenhum, nenhuma restrição por eu ser brasileira, claro eu precisava ter o documento, mas tendo em vista que na altura eu era casada com um cidadão português eu tinha a residência, o documento português pronto, achei muito bonito o que o governo português faz. Que tanto lhe dá a chance de você estudar, concluir o estudo, como lhe paga para isso.

R: Ok, depois lá á frente vou pedir que você detalhe mais essa resposta.

R: Quando você decidiu migrar, estudar fazia parte dos seus planos?

L: Não

R: Não fazia..., você nem pensou nisso, hum hum

L: Não

R: E hoje o estudo faz parte dos seus planos em algum momento da sua vida?

L: É assim, já pensei...

R: Você pensa nisso?

L: Já pensei, quando eu tive que estudar e fazer..., pronto eu vou explicar... Eu tive que estudar, porque como eu não tenho comprovante do meu estudo, da minha escolaridade no Brasil, eu tive que fazer pra isso....

R: Ah você fez aqui então para tirar o diploma aqui?

L: Exactamente, tive que tirar aqui o.... comprovante do 12^o ano,

Aqui fala.... é o 12^o ano.

Ai pensei que como existe a facilidade de tirar um curso profissionalizante e fazer uma faculdade através do centro de emprego. Pensei sim voltar a estudar, mas pronto tenho que trabalhar, né?

R: Então você hoje só esta trabalhando. E qual é a importância que você atribui ao estudo na sua vida? Porquê você acha que é importante estudar, ou você não acha que é importante estudar?

L: Acho, acho sim, o estudo deixa a pessoa mais culta, sim, mais preparada pra vida, pra vida a nível de resposta, de cultura né? a nível de trabalho. o estudo é sim muito importante. Apesar de que a minha vida sempre foi primeiro trabalhar para depois o resto. Então pra mim o estudo foi sempre em segundo plano.

R: Mas você considera que seja é importante ou não?

L: Considero sim.

R: Agora gostaria que você detalhasse mais aquela pergunta que eu fiz anteriormente e você já ia a responder essa minha próxima pergunta... Queria que você me dissesse o que facilita e o que impossibilita a mulher brasileira imigrante, retornar aos estudos num país que não é o seu? Você estava ainda pouco dizendo que o governo facilitava....

L: O que o governo impossibilita, primeiro é a documentação, se a pessoa não tiver documento, não só no estudo, não só nesse nível, mas em qualquer nível, em qualquer nível não tem pronto não tem direito a nada...nem estudo, nem nada.

Não tem facilidade...então seria primeiro a questão burocrática...

Totalmente burocrática... ! O que facilita, se você tiver um documento o governo, facilita sim e lhe ajuda e lhe dá todo o apoio a prosseguir.

R: Hum hum, seria então a documentação, a burocracia... e vencida essa parte você vê que existe um facilidade através do próprio governo.

L: Sim aqui há em Portugal há, não sei em outro país, em Portugal há...

R: Você foi criada num ambiente que valorizava o estudo?

L: É assim eu fui criada num ambiente que valoriza o estudo sim..., valorizava, na época...

Valorizava..., valoriza..., porque a minha mãe era professora, mas eu tive um grande problema que foi, que meu pai morreu, e eu e os meus irmãos tínhamos que ir trabalhar, não podíamos estudar. Então apesar de a minha mãe saber que era necessário, nós não podíamos mesmo, não conseguíamos conciliar o trabalho com os estudos.

R: Hum hum e por conta disso você...

L: Por conta disso, eu não fui mais adiante no estudo e demorei muito para tirar, porque tanto que eu fiz a equivalência aqui em Portugal, lá no Brasil eu estudei...

R: Mas não terminou e não tirou o diploma?

L: Terminei, mas não peguei o diploma.

R: Hum hum, você tem filhos?

L: Dois filhos.

R: Dois filhos, como é que é em relação ao estudo dos seus filhos? Como é que você age, como é que você lida com os estudos para os seus filhos?

L: A minha filha no caso eu tive mais participação na educação dela, eu só criei ela, quem criou o meu filho foi o pai, a minha filha apesar, tadinha, ela sempre foi muito estudiosa... Sempre foi muito importante o estudo para ela. Eu acho que, eu valorizo muito esse lado, inclusive a determinação que ela tinha nos estudos, porque graças a Deus eu nunca precisei manda-la para a escola, ela é que brigava comigo.

R: Então a tua conduta em relação aos seus filhos é que eles estudem, que eles consigam ir adiante.

L: Sim a minha filha fez o primeiro ano de direito teve que parar, porque não conseguiu..., então..., mas começou uma universidade de Direito. Fez o primeiro ano.

R: E você considera que o estudo possa impedir algum tipo de preconceito?

L: Considero sim..., tanto aqui como em qualquer lugar do mundo.

R: Você acha de que maneira o estudo pode evitar, ou pelo menos você possa se defender melhor tendo o estudo? Se evita o preconceito. De que maneira?

L: Na cultura, na maneira de agir, de pensar..., enfim eu acho que o estudo é uma porta para todo o resto. No seu dia-a-dia, da sua vida...

R: Mas como é que ele poderia evitar o preconceito? Você acha que ele pode evitar ou não?

L: Pode culturalmente sim, eu acho que o estudo evita que as pessoas... tendo mais cultura, mais conhecimento, mais entendimento das coisas, as pessoas ficam menos ignorantes, com isso evita muito mais o preconceito.

R: E sabem se defender melhor ou não?

L: Sabem, com certeza. Tanto que se defendem melhor como também não têm essas atitudes, né? Tanto a pessoa que está sofrendo o preconceito sabe-se defender melhor tanto quanto a pessoa que tem o estudo não vai ter esse tipo de atitude. Ela é mais esclarecida

R: Tem alguma coisa que você queria falar sobre esse assunto, algo que não foi falado ou você acha que realmente conseguiu falar tudo o que queria?

L: Não dentro desse assunto está tudo dito. Acho que o governo português faz em relação a oportunidade e outra coisa muito importante, o governo português, se você for num centro de emprego, numa escola de especialização, não tem idade para isso. Eu fiz a equivalência do 12^a

ano aos 43 anos. Quer dizer, tanto tem pessoas de 18, 20 anos, como de pessoas de 60. E lá você encontra de tudo, lá você encontra inglês, encontra tudo, tudo o que você possa aprender. Então o que eu acho que tenho a falar sobre isso é que é uma coisa legal. Lá no Brasil não tem por exemplo, lá no Brasil a gente vai pro Sebrai. Tem de pagar pro Sebrai. Seria o centro de emprego daqui. E lá para você se especializa, mas você tem de pagar. É só isso que eu tenho a dizer. Cá encontrei uma facilidade muito melhor.

R: Muito obrigado pela sua atenção. Boa noite.